

## Textos e versões

---

A Pátria em Perigo<sup>1</sup>, de Jules  
& Edmond de Goncourt.  
Tradução e notas

Carlos Alberto da Fonseca

■ Escritor, tradutor, professor da Universidade de São Paulo

## Resumo

Tradução do texto teatral *A Pátria em Perigo*, de Jules & Edmond de Goncourt.

Palavras-chave: Tradução, Revolução Francesa, Irmãos Goncourt, Naturalismo.

## Abstract

*Translation of Jules & Edmond de Goncourt's La patrie en danger.*

*Keywords: Translation, French Revolution, Goncourt brothers, Naturalism.*

---

<sup>1</sup> A peça elabora os dois primeiros anos de guerra da monarquia e jovem república francesa fundada com a Revolução de 1789. A guerra é desejada pelos girondinos, aliados para a ocasião a XVI, que vê aí um meio de recuperar todos os seus poderes por meio de uma derrota da França. É então essa curiosa aliança que declara guerra à Áustria e à Prússia, mais tarde à Inglaterra e à Espanha, colocando em ação um conflito que vai durar 23 anos. Interessante artigo introdutório de Sophie Lucet – *La Patrie en danger de Jules e Edmond de Goncourt: um drama histórico fora de seu tempo?* em CAHIERS EDMOND ET JULES DE GONCOURT n°13, 2006. *Les Goncourt et le théâtre*. pp. 55-76.

## Prefácio de 1873<sup>2</sup>

A peça aqui impressa,<sup>3</sup> eu a ofereço tal como foi escrita por meu irmão e por mim, tal como foi lida no comitê da Comédie Française no dia 7 de março de 1868; eu a ofereço sem mudar uma palavra.<sup>4</sup>

Agora, se interessar a algumas pessoas saber as razões pelas quais eu renuncio a esgotar todas as chances de uma representação teatral em qualquer teatro de uma obra em que meu irmão colocou os últimos esforços e as últimas esperanças de sua vida, essas razões, ei-las aqui:

Sob o Império, disseram-nos: “Vá lá, é totalmente inútil tentar encenar vocês, jamais a censura deixará passar sua peça.”

O Império caiu, a República o sucedeu; mas, sob o novo regime da liberdade; encontro a censura engessada em sua perpetuidade e remendada em

---

2 Datado de março de 1873; assinado por Edmond de Goncourt. Volume publicado por E. Dentu, Libraire-Éditeur, 1873, p. 1-4.

3 As notas a este prefácio, bem como à peça que se lerá em seguida, foram apensadas pelo tradutor; as referências de caráter enciclopédico provêm da Wikipedia.

4 Apenas o título foi modificado. A peça foi lida com o título *Mademoiselle de la Rochedragon*. Mas, na manhã da leitura, recebemos a visita de uma pessoa que nos fez saber da existência de uma marquesa de Rochedragon, uma velha mulher que sofria com a ideia de se ver posta em cartaz, impressa. Não pudemos nos recusar a uma mudança de nome.

sua onipotência. Ora, com os novos censores – que, acredito, são sempre os mesmos de antes –, só tenho que compreender que eles consideram nossa peça ou demasiado legitimista ou demasiado revolucionária; com a crueldade factual dos últimos eventos,<sup>5</sup> devo temer que eles descubram, em nosso terceiro ato, escrito em 1867, alusões, manobras tendentes a uma agitação perigosa para nossas relações com a Prússia.

Nesses tempos, agora que daqueles colaboradores restei apenas eu com uma energia um pouco enfraquecida, não sinto em mim coragem para empreender os meios, de enfrentar as impertinências, os tédios, as pequenas torturas morais, que um fazedor de livros encontra de ordinário em face de uma direção teatral, quando ao final de um êxito tão amorosamente buscado pode ganhar um desesperante veto.

Ademais, se me desse na telha fantasiar fazer um *tour* pelos teatros de Paris, bem poderia ser que os diretores poupassem aos censores o crime que lhes imputo de antemão e que nossa peça fosse recusada em toda parte. O tempo é nada para as tentativas de arte pura, e o público republicano de hoje me parece se assemelhar em grande medida ao público imperial de ontem, ao público contemporâneo desta anedota.

Eu estava, há alguns anos, no salão de um grande escritor; ao redor dele escritores de livros conhecidos, espíritos distinguidos e estupidamente ideais sofriam, num modo elevado, com a substituição no teatro das palavras espirituais por gargantas inflamadas, a substituição das frases bem feitas por coxas contoneadas e, na falta de carne nua e crua, sua substituição quase total pelos modelitos de Worth.<sup>6</sup> De repente, uma atriz conhecida pelo cinismo de seu espírito, interrompeu os queixumes literários com esta apóstrofe: “Vocês são jovens, vocês aí, mas o teatro, no fundo, meus meninos, é o absinto das bodegas.”

E a referida atriz tinha sempre o hábito de dizer as coisas sujas pelos seus próprios nomes.

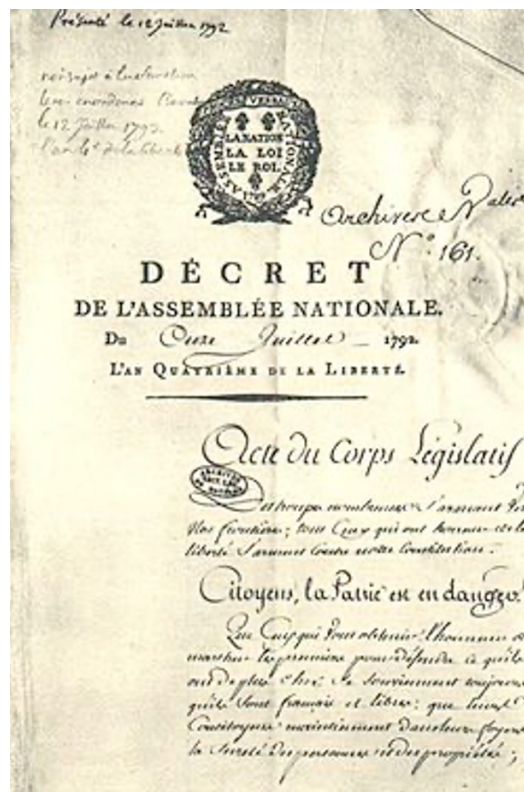
Obrigado a reconhecer que o brutal aforismo é verdadeiro para hoje em dia como para outrora, e que a República ainda não fez o bastante para a regeneração do gosto público, eu me resigno, da mesma maneira com que alguém se suicida, a imprimir esta peça, um pouco consolado entretanto por um sentimento vago que me diz que um dia, um dia que devemos todos esperar,

---

5 Não se conhece a data desse prefácio; o dia 16 de setembro de 1873 data o final da ocupação alemã, com o pagamento antecipado das indenizações de guerra; no dia 2 de setembro de 1870 o exército francês foi derrotado na batalha de Sedan; no dia 5 foi proclamada a república em Paris; no dia 20 os prussianos ocuparam a capital; assinou-se a rendição. No dia 10 de maio de 1871 a França, para além de pagar uma pesada indenização de 5 bilhões de francos para a Prússia, entregara o rico território da Alsácia-Lorena, de maioria germânica e rico em carvão e hematita (minério de ferro), para o novo Império Alemão.

6 Charles Frederick **Worth**, 1825-1895, costureiro francês de origem britânica, um dos fundadores da *Haute couture* parisiense e da Maison Worth, com a qual criou o conceito/princípio da *Maison de couture*.

esta obra natimorta talvez seja julgada digna de ser a voz com a qual o teatro nacional chicoteará o patriotismo na França.<sup>7</sup>



7 Em prefácio de 1878 a uma nova edição da peça *Henriette Maréchal*, de 1866, de autoria dos irmãos Goncourt, assim se expressou Edmond sobre *La patrie en danger*: “Tínhamos demonstrado até então diante dos ataques, dos insultos, da barreira erguida contra nossa carreira, que não nos desencorajávamos facilmente, e nosso memorável fracasso não nos fazia de modo algum renunciar ao teatro. Ao contrário, ele nos proporcionava a vontade obcecada e a quase cólera de fazer uma dezena de peças uma atrás da outra, e dessa vez sem nenhuma concessão às engenhosas *ficelles*, ao *secret*, a toda aquela *carpintaria* moderna jamais utilizada pelo repertório antigo, clássico. Mas para esse esforço, esse trabalho, era preciso ter saúde, e meu irmão já não a tinha mais. Entretanto, mergulhamos num drama da Revolução por que nos sentíamos atraídos há anos, e para o qual o cerco de Verdun fornecia o episódio heroico da defesa da França contra o estrangeiro. Nos deixamos levar para essa peça, devo confessar, um tanto pela crença em eventos próximos graves. Palavras proféticas do general Ducrot, então comandante em Strasbourg, pronunciadas no salão da princesa Mathilde – e que faziam sorrir – e conversas íntimas com nosso parente Édouard Lefebvre de Béhaine, primeiro secretário da embaixada em Berlim nos haviam dado a certeza de que uma guerra era iminente com a Prússia. Escrevemos então no ano de 1867 a *Patrie en danger*, que lemos no Théâtre National, sem a mínima ilusão sobre sermos aceitos, mas para mostrar aos outros diretores de teatros que havia em nós uma peça, que em determinado momento talvez eles considerassem útil fazer representar. Mas a guerra foi tão prontamente declarada e o cataclismo tão rápido... e depois, meu irmão morreu no mês de junho. // *La Patrie en danger* é incontestavelmente a melhor peça que fizemos, ela tem aquilo que não encontro em parte alguma, em nenhum drama do passado: uma documentação histórica jamais tentada no teatro.”

## A pátria em perigo

Jules & Edmond de Goncourt  
Drama em 5 atos e em prosa

Tradução e notas de  
Carlos Alberto da Fonseca

---

### Personagens

O conde de Valjuzon

Perrin

Boussanel

O Chevalier de Meude-Pas

Jourgniac Saint-Méard

Marceau

Vognet

Blosseville

Lapallu

Pierre

A cômica de Valjuzon

Blanche de Valjuzon

Madeleine

Margat

Um parlamentar, um estalajadeiro, um ajudante, um garoto, prisioneiros, carcereiros, bedel do tribunal revolucionário, gendarmes, soldados, povo.

## Primeiro ato

### Tarde de 14 julho 1789<sup>8</sup>

*O salão de uma mansão<sup>9</sup> da rue de la Chaise,<sup>10</sup> com cortinados brancos, madeira dourada nas paredes. Móvel dourado Louis XIV<sup>11</sup> contra tapeçaria de*

---

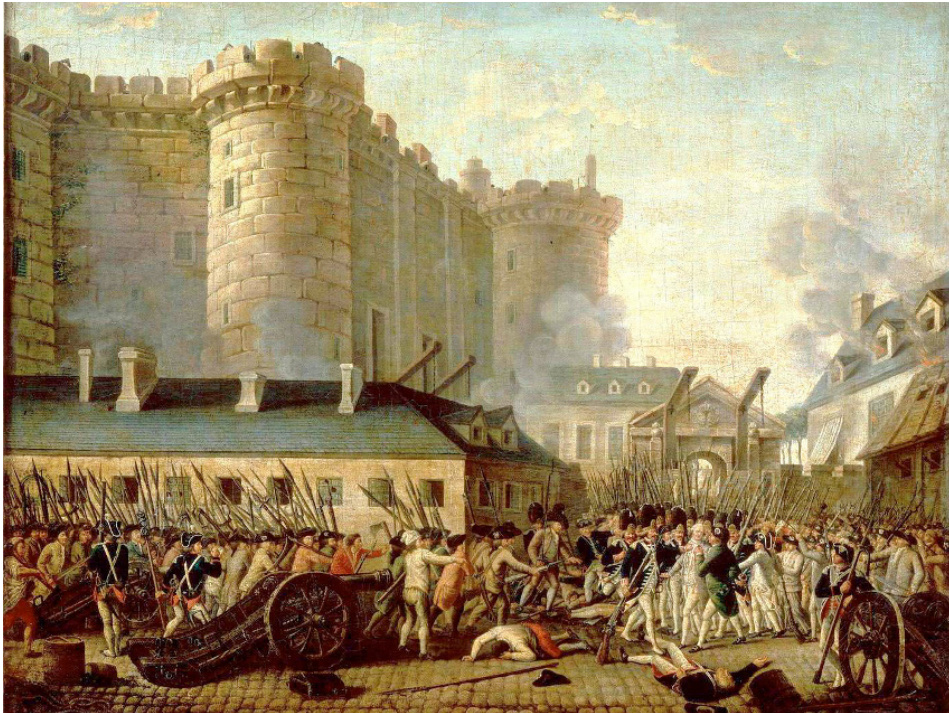
**8** Data da Queda, ou Tomada, da Bastilha, às cinco horas da tarde de uma terça-feira abafada de verão. A **queda da Bastilha** foi o assalto popular à Bastilha, antiga prisão símbolo da opressão do Antigo Regime francês. A tomada dessa prisão foi consequência da tensão popular provocada pela crise econômica e política que a França enfrentava no final do século XVIII. A divisão social existente na França garantia uma série de privilégios ao Primeiro (clero) e Segundo (nobreza) Estados, como doação de terras pelo rei, isenção de determinados impostos e manutenção de uma vida extremamente luxuosa. O povo (o Terceiro Estado, composto principalmente por camponeses, mas que incluía a burguesia) por sua vez, sustentava todo o peso do estilo de vida da aristocracia francesa com impostos cada vez mais altos e representava cerca de 95% da população da França naquele final de século. A crescente pressão sobre ele foi ampliada quando a fome se espalhou pela França, principalmente no período 1788-1789, quando, já existente na camada mais baixa da população, foi agravada por um período de más colheitas e invernos rigorosos. Os resultados dos Estados Gerais, a criação da Guarda Nacional e os debates da Assembleia Nacional/ Constituinte terminaram por estimular enorme mobilização popular e a formação de milícias lideradas pelos próprios cidadãos parisienses. Encorajada pela atuação da burguesia e insatisfeita com a opressão do Antigo Regime, a população parisiense pegou em armas e promoveu ataques contra prédios governamentais.

**9** O texto original refere um *hôtel*, certamente um *hôtel particulier*, tipo de *logement français* que consiste numa mansão luxuosa urbana de elite concebida para ser habitada apenas por uma família e toda a sua criadagem. Os *hôtel de rapport* eram igualmente luxuosos, mas seus apartamentos eram vendidos ou alugados a vários particulares. Uma *maison* não gozava do mesmo prestígio de um *hôtel*.

**10** Elegante endereço aristocrático situado no 7<sup>e</sup> *arrondissement*, que vai da rue de Grenelle ao blvd Raspail e próxima das ruas de Sèvres e Babylone, importantes pontos do bairro, vizinho da igreja de Saint-Sulpice e do Parc Luxembourg, pelo lado do palácio. O arr. resultou da ampliação da cidade no século XIX, na margem esquerda do Sena; a École militaire, ali desde 1765, se servia de uma grande extensão da *plaine* de Grenelle como campo de manobras, que se transformaria nos anos seguintes no enorme parque público chamado Champ de Mars, onde se ergueria um século depois a torre Eiffel; os Invalides já referenciavam a área desde 1670; o Palais Bourbon era propriedade da família que o construiu, antes de passar a ser a Assemblée Nationale em 1791. Mais especificamente, a rue situava-se no interior do prestigiado *faubourg* Saint-Germain, que ainda se configurará em geografia privilegiada no *À la recherche du temps perdu* de Marcel Proust. Considerando-se o foco histórico e realista dos autores da peça, o *lay out* da mansão e sua posição no *faubourg* conferem exemplaridade à referência.

**11** O mobiliário Luís XIV tem proporções grandes, absolutamente simétrico, muito luxuoso e, embora apresente uma ornamentação extravagante, tem caráter masculino. Na estrutura dos móveis predominam linhas retas, as curvas sendo severas e dignas. Os painéis são retangulares, limitados por molduras arquitetônicas. O entalhamento é rico e abundante, utilizando-se de cabeças e patas de leão, máscaras, sátiros, grifos, esfinges, folhas de acanto, golfinhos e folhagens. As madeiras utilizadas eram carvalho, ébano e castanheira. Os móveis eram dourados ou ornamentados com incrustações de metais e trabalho de marchetaria. Ficou famoso o mobiliário de André-Charles Boulle, o mestre-ebanista do reinado. Ele criou o processo de folhear o mobiliário com uma combinação de ébano, tartaruga, estanho, latão e madrepérola, não necessariamente todos em uma só peça. A *Manufacture Royales des Meubles de la Couronne* foi fundada em 1667, tendo como primeiro diretor o pintor Charles Le Brun, que decorou o Palácio de Versalhes.

Beauvais.<sup>12</sup> Porta grande ao fundo. Portas pequenas à direita e à esquerda.



## Cena 1

(Quando a cortina se levanta, a cômica<sup>13</sup> está sentada numa bergère de cujo braço pende uma grande bolsa de tafetá. O conde, sentado em uma poltrona, lê para ela a GAZETTE DE FRANCE.<sup>14</sup> Margat trabalha pelo salão.)

---

<sup>12</sup> A *Manufacture de tapisserie de Beauvais*, ainda em atividade no século XXI, foi fundada em 1664 por Colbert, ministro de Louis XIV, para concorrer com a tapeçaria de Flandres. Contrariamente à *Manufacture des Gobelins*, cuja produção se destinava essencialmente ao rei, a empresa *Beauvais* orientou-se para o florescente mercado aristocrata privado. Empregava à época da Revolução várias centenas de operários; em 8 de outubro de 1904 foi estatizada por Napoleão Bonaparte.

<sup>13</sup> **Chanoinesse:** feminino de *chanoine* “cônego”. Título dado às damas (nobres) religiosas regulares que seguiam a regra de Santo Agostinho, ou que faziam parte de um capítulo canônico de mulheres, espécie de grupo monástico com regras muito abrandadas. Recebiam o título honorífico de Madame, que referendava seu elevado estatuto social, apesar de sua escolha devida à humildade religiosa. Para residir no capítulo, assistir aos ofícios religiosos e participar das procissões diárias, elas recebiam folgada prebenda, confortável renda anual cobiçada por suas famílias. Os capítulos foram extintos pela Revolução, como a maior parte dessas congregações religiosas.

<sup>14</sup> Periódico criado em 1631 com o apoio de Richelieu. Deixou de ser publicado em 1915. Em 1762 adotou o slogan *Organe officiel du Gouvernement*. Permaneceu silencioso sobre os eventos da Revolução e nem noticiou a tomada da Bastilha, limitando-se aos atos do governo. Para satisfazer seus clientes, publicou um suplemento que informava seus leitores sobre a pauta da Assembleia Constituinte. Em 1791 tornou-se a tribuna do partido dos girondinos (grupo político moderado representante do Terceiro Estado na Assembleia).



[CONDE] (*lendo*) De Versalhes, 14 de julho... O comandante d'Estourmel,<sup>15</sup> comandante da ordem de Malta<sup>16</sup> e encarregado interino dos negócios da embaixada para esse assunto, apresentou ao Rei no dia 8 deste mês os falcões que o nobre senhor costuma enviar anualmente à Sua Majestade. O presente foi recebido pelo Chevalier de Forget, comandante de voo do gabinete.

[CÔNEGA] Perdão, Conde... Margat, o alfaiate já chegou? Os comerciantes trouxeram as flores, as rendas? As costureiras estão trabalhando lá na sala com aquecimento?

[MARGAT] Vou indo ver, senhora condessa. (*ela sai*)

[CÔNEGA] Continua, meu irmão.

[CONDE] O marquês de Murat e o conde d'Andelange...

[CÔNEGA] D'Andelange?... ah! lembranças, minhas lembranças dos velhos tempos... Esta sua irmã foi recebida ao mesmo tempo que sua criada no capítulo nobre de Alix... ela era um ano mais velha que eu, apenas um ano... e eu, eu ia para meus sete anos... Gente de bom sangue os d'Andelange... Ela possuía seus oito graus de nobreza paterna sem enobrecimento conhecido, e seus três graus de nobreza materna, o que era bastante conveniente... mas, para os dias de hoje, isso é alguma coisa que conta e os condes de Lyon não acham mais que todos os dias correm assim tão bem... Eu me recordo ainda, como se estivesse lá, do coro da igreja do capítulo, nós, todas de branco, as damas de roupa de gala, com vestidos de seda preta sobre crinolinas e os mantôs forrados de arminho, o sacerdote oficiante quase cego que, para me cortar uma mecha de cabelo, quase me cortou um pedaço da orelha. – E como o peito daquelas pessoinhas estufava enquanto nos espetavam no peito esta cruz! (*ela toca uma cruz que tem no ombro*) A cruz de ouro esmaltada de oito pontas que permitia que nós, pequenas feiurinhas de sete anos, fôssemos chamadas de senhora condessa!... Françoise d'Andelange pronunciou seus votos! Meu irmão, sem você, sem minha sobrinha, eu teria feito como ela... Mas o que foi que aconteceu, por favor, a esses senhores de Murat e d'Andelange?

---

15 Há registro de um Louis-Marie d'Estourmel, 1744-1823, coronel do regimento de cavalaria sob o Antigo Regime, promovido a marechal-de-campo em 1.1.1784, membro da assembleia dos notáveis em 1787, bailio-mor da nobreza da área de Cambrésis, com capital em Cambrai.

16 Deve tratar-se da *Ordem dos Cavaleiros Hospitalários* (oficialmente, *Ordem Soberana e Militar Hospitalária de São João de Jerusalém, de Rodes e de Malta*), é uma organização internacional católica que começou como uma ordem beneditina fundada no século XI na Palestina, durante as Cruzadas, mas que rapidamente se tornaria uma ordem militar cristã, numa congregação de regra própria, encarregada de assistir e proteger os peregrinos àquela terra e de exercer a caridade.

[CONDE] Eles tiveram, no dia 3 deste mesmo mês, a honra de subir aos veículos de Sua Majestade e acompanhar o Rei na caçada!

[CÔNEGA] Parece-me que já faz um bom tempo que não veem seu rosto em Versalhes, não é?

[CONDE] Faz quinze dias, minha irmã. (*continua a ler*) Suas Majestades e a família real assinaram no dia 5 o contrato de casamento do conde Pierre d'As-torg com a senhorita Cossier...

[CÔNEGA] Puxa! um contrato que a senhorita fulana e o conde beltrano assinam... Não há novidade séria em Versalhes, meu irmão?

[CONDE] Tem. O conde Favras teve a honra de apresentar ao Rei uma obra intitulada *Déficit das finanças da França falida*... Afff! Um monte de efes...

[CÔNEGA] Ah! Se a gente estivesse lá! Um marquês se metendo a escrever em papel! Toda a gente de bom nascimento achando que é hora dessa coceira de escrever letras, de rabiscar números em papel... Fossem versos, vá lá, ainda passava! Mas escrever sobre finanças! Isso é coisa de contadorzinho de banco, coisa daquele suíço Necker.<sup>17</sup> Não sei mesmo mais onde é que estamos. Veja, isso tudo parece uma terça de carnaval!... Esses modos!... Essas modas!... As grandes damas se fantasiavam de vacas leiteiras... e os homens, que se metem a seus cocheiros!... o que teriam dito nossos pais, eu lhe pergunto, se tivessem visto alguém cumprimentar o Rei calçando botas... Botas!... Ai um dilúvio, eu quero o dilúvio!

[CONDE] Eh minha irmã, Luis XIV está morto... faz tempo... tudo muda... e nós mesmos mudamos... você, por acaso, sente falta das anquinhas? Bah! A crinolina tem seu encanto. Acredite, deixemos o mundo seguir seu caminhozinho bonitinho, e esperemos que o mundo de amanhã seja uma aventura um pouco mais louca que o de ontem, meu Deus!

[CÔNEGA] Ah você, você sempre acha alguma perfeição em tudo. Você tem uma filosofia...

[CONDE] Vai ficar resmungando esta manhã, irmãzinha? Estou certo de que ontem, nas vésperas, o Padre Anselme dos Asilos dos Pobres lhe fez um quadro dos vícios do século tão tenebroso que...

---

<sup>17</sup> Jacques Necker: 1732-1804, nascido em Genebra, ocupou por três vezes o ministério das finanças.

[CÔNEGA] Toma cuidado, meu irmão, há gracinhas muito mal educadas.

[CONDE] Perdão. (*Um silêncio*)

[CÔNEGA] Vou lhe contar que recebi notícias de Valjuzon enviadas por nosso administrador.

[CONDE] Ah!

[CÔNEGA] Más notícias, devastadoramente ruins. Ele escreve que nossa presença seria necessária no castelo.

[CONDE] Epa, minha irmã, por que você não vai lá?

[CÔNEGA] Obrigado, bela porcaria.

[CONDE] Mas você sabe que não entendo nada daquelas coisas lá. Eu daria um castelo pra não ter de falar com aquele meu administrador. Ah preciso de sua ajuda.

[CÔNEGA] Sim, como nas outras vezes. Recebo todas as semanas um bilhete seu dizendo que vai vir, mas é tudo o que jamais tive a honra de ter de sua companhia. Você sabe, meu irmão, que tudo isso aqui está em perigo, aqueles campos todos, aquelas florestas, aquela terra que não acaba mais e por onde passa, com suas vacas, aquele camponês vizinho de grosseirões e estúpidos?

[CONDE] Oh eu bem sei que você nunca foi lá muito pastorinha, minha irmã...

[CÔNEGA] E ainda por cima um padre que inventou ter ideias novas, e que nos incensa pela graça de Deus!

[CONDE] Ah... e, de fato, parece que há muito barulho em Paris! Meu criado de quarto, enquanto fazia minha barba, me falou de aglomerações no *faubourg* Sant-Antoine.<sup>18</sup>

[CÔNEGA] Por falar em lacaios!... Se você ouvisse os mexericos... tem um punhado de gente que passeia por lá... E daí? Para que vamos nos preocupar com isso?... O povo?... O povo... Ah a palavra deles... falemos sério... O Mestre Lepot d'Auteil, nosso tabelião, veio hoje de manhã me cercar com uma pro-

---

<sup>18</sup> Um dos mais antigos *faubourgs* de Paris, era uma área muito pobre, na qual se situava a prisão da Bastilha. A aglomeração ficava próxima à Abadia Sant-Antoine des Champs, da qual foi tirado seu nome, e se desenvolveu com a proteção de suas abadessas.

posta de conciliação, sabe, para o processo que temos desde 1757 com os Montverdin por conta daquela estrada que separa a Grande Combe<sup>19</sup> das Petites Lignages... (*Margat entra*)

[CONTE] Aquela estrada não é mesmo grande coisa, pelo que me lembro...

[CÔNEGA] Nada disso! E nosso direito, senhor conde? Um direito dos seus pais e dos meus, um direito concedido a nosso antepassado Thibault naquela carta de 1401...

[CONTE] Ai... Aquilo que você fizer, estará bem feito.

[CÔNEGA] É verdade, sim, acredito que sim... Margat está inquieta... tenho certeza de que quer dizer que está na hora de ir buscar a garota.

[CONDE] Duas horas! é verdade, meu pai, pobre criança! Ela deve estar contando os minutos. (*pega o chapéu e se aproxima de sua irmã enquanto Margat sai*) E já está tudo decidido?

[CÔNEGA] Decidido o quê?

[CONDE] Bem... o casamento...

[CÔNEGA] O casamento?... você me pergunta isso com essa cara... hoje, quando já está tudo arranjado entre as duas famílias?...Vai... vai, então... traz a menina... (*o Conde sai*)

## Cena 2

[CÔNEGA] (*resmungando*) Sem mim esse meu bravo irmão teria sentimentos de burguês do Marais<sup>20</sup>... Entre nós, entenda, senhor meu irmão, ninguém se casa para ficar arrulhando. Nossa sobrinha deve ter filhos para continuar nosso sangue... e eu saberei muito bem instituir nosso nome e nossas armas na

---

**19 Combe:** No final do séc. XII “vale” (em geral); no séc. XVIII, princ. por Rousseau, para designar um vale do Jura; uma forma oriunda do gaulês ao sul dos Vosges. *Grande Combe*, bem como *Petites Lignages* (“Pequenas dinastias”, “famílias pequenas”) podem ser nomes de propriedades agrícolas.

**20** Um dos mais antigos bairros de Paris, próxima ao Palais Royal, resultou da drenagem de pântanos (donde seu nome) e foi ocupado por certa nobreza que pontilhou a área com *hôtels* e *petits palais*. Com a Revolução, a área foi abandonada por seus ocupantes e foi reocupada por pequenos comerciantes e artesãos, constituindo-se num enorme reduto judeu; em meados do século XX, transformou-se numa espécie de *gay village* que sua gentrificação nos anos 2000 está destruindo.

testa de seu primeiro filho... Essa criança tão querida foi criada dentro de ideias religiosas... Se seu marido não a fizer feliz, ainda vai sobrar Deus para ela...

### Cena 3

[CÔNEGA] (*para Margat, que está entrando*) O que ainda tem, Margat? Está tão atormentada, minha filha.

[MARGAT] Senhora condessa, é o antigo preceptor do senhor conde, que está proibido de entrar aqui... pediu pra perguntar à senhora condessa se a senhora condessa deseja fazer o favor de o receber.

[CÔNEGA] Ah! Boussanel... aquele original. Bah! Ele está aqui?... Claro, deixe que entre... (*Margat sai*)

### Cena 4

[BOUSSANEL] (*saudando*) Senhora condessa!

[CÔNEGA] Bom dia, padre Boussanel, bom dia... Mas como! O senhor, em Paris, batendo calçadas de nossa grande cidade! O senhor, um homem do campo. Sente-se, então, Boussanel. Ah! Isso, qual seu interesse...? o que pode trazer o senhor à nossa Babilônia e fazê-lo passear suas fivelas de cobre pelos nossos bulevares?

[BOUSSANEL] Uma curiosidade bastante natural, senhora condessa; venho como tantos outros, para ver.

[CÔNEGA] E essa curiosidade o espicçou nessa sua idade! Enfim! Mas estou bastante contente em vê-lo. E me diga, isso aqui é um sonho, não é mesmo? O senhor deixou seu posto de regente de filosofia no colégio de Lyon que meu irmão lhe conseguiu?

[BOUSSANEL] Faz cinco anos já, Madame, é verdade.

[CÔNEGA] E o senhor foi viver, ao que parece, numa cabana, uma choupana de lenhador na orla de uma floresta?

[BOUSSANEL] Entre o Lyonnais e o Auvergne...

[CÔNEGA] Sozinho... num meio selvagem, se tornando sábio, cozinhando sei lá o quê... Veja, escreveram-me de lá contando que o senhor era visto um pouco como feiticeiro.

[BOUSSANEL] Oh! Inocentes experiências de química, senhora...

[CÔNEGA] Compreendo, eu sei muito bem quem o senhor foi. Eu o conheci como um grande cristão, senhor Boussanel, o senhor professava religião com muito ardor.

[BOUSSANEL] Sim, sim. Sempre houve em mim uma exaltação, um frenesi de convicção... Tudo aquilo em que acreditei e tudo o que amei na vida devoraram meu coração: a fé... depois a ciência...

[CÔNEGA] Oh! O senhor não era daqueles que pintam a danação em miniatura e as chamas do pecado em cor de rosa! Ah! Senhor, o colarinho, pois o usava então, o senhor não se parecia em nada aos padres de hoje em dia. Vixe! Eu me lembro ainda, a propósito de não sei qual impropério de um aluno, de um sermão sobre o inferno. Eu ouvi alguma coisa pela porta, fiquei três noites sem dormir. E que tal lhe pareceu Paris, senhor Boussanel?

[BOUSSANEL] Uma cidade bastante grande, senhora condessa; a capital da humanidade.

[CÔNEGA] O senhor prefere, aposto, aquele seu tugúrio.

[BOUSSANEL] Madame, eu me sinto livre aqui, contente, satisfeito; ao meu covil de carvoeiro, às minhas florestas, senhora, devo a eles os melhores anos de minha vida, minha filosofia, minha solidão, a renovação de mim mesmo. Ah! Madame, o belo céu que serve de leito para as cabeças das árvores! Uma casa de galhos secos, se Madame soubesse como suas paredes deixam passar e chegar até nós o sopro e o vento do verdadeiro Deus, do pai eterno de tudo! (*animando-se*) Mas nada como caminhar no campo, ao sol, ou debaixo das folhas, a gente se mistura à bondade das coisas, a gente se torna melhor e mais amável. Com frequência eu ia de meu bosque para a senda da floresta, eu subia, subia, as nuvens estavam abaixo de mim, o ar se tornava mais puro, o céu se tornava cada vez mais céu... Parecia que, sob meus pés, os horizontes da terra se apagavam com suas misérias. E quando eu estava lá no alto, deitando-me num pico, suspenso no infinito, o pulso apressado, todo o meu sangue como que agitado pela leveza do ar, quase separado de mim mesmo, eu ficava, por horas em que não ouvia mais nada, o olhar perdido, a alma abismada, chorando as mesmas lágrimas que Santo Agostinho chorava... oh! Lágrimas deliciosas de chorar!

[CÔNEGA] De verdade?

[BOUSSANEL] Depois eu retornava, voltava com braçadas enormes de ervas e de flores, daquelas flores que brotam sozinhas, daqueles buquês que formam os campos; enchia com eles minha cabana, eles me perfumavam e me sufocavam, e pouco

a pouco eu experimentava uma asfixia divina que me subia à cabeça, me aturdiava o coração e me levava para Deus, como que no incenso que se desprende da terra!

[CÔNEGA] (*com ironia*) Bah! O senhor evaporava, senhor Boussanel? Veja só isso...

[BOUSSANEL] (*exaltando-se*) Oh a natureza, nela você jamais se sente perdido, os grandes, os ricos, os felizes! Vocês não conhecem aquela doçura de se deixarem levar por aquela grande vida de paz, de seiva e de frescor, de ali se arrear, palpitar... Vocês ignoram aquele mundo de sentimentos novos, aquele abismo de delícias para o homem sensível e que o comove até o fundo: o céu, a terra, a água, as plantas, as aves, aquilo que Rousseau lhes mostrou, entretanto, aquilo que revelou ao seu século consumido pelo tédio e pela secura.

[CÔNEGA] Ah! Vem me falar de seu Rousseau agora! – um maluco, aquele!... a gente devia é queimar os livros dele!

[BOUSSANEL] Senhora condessa!...

[CÔNEGA] Sim, senhor. Mais um que vivia como o senhor, como um lobo.

[BOUSSANEL] Talvez esse seja o único meio de amar os homens, Madame. Lá no meu buraco, eu pensava neles e vivia por eles. Os livros, as ciências, os sistemas, eu os folheava, esforçava-me para encontrar neles felicidade para os outros. Imaginava uma sociedade de homens simples, sábios, felizes, irmãos... E às vezes em meus sonhos, escutando, parecia-me ouvir o presente tremer e um futuro melhor para todos os homens se originar destes anos...

[CÔNEGA] Ora, profecias agora, Boussanel! Não o reconheço mais...

[BOUSSANEL] Mas, senhora condessa, Madame não vê os sinais? Não sente que tempos novos estão próximos? Não percebe uma grande movimentação no ar? Não vê coisas grandes que vão e grandes coisas que vêm? O gênero humano tinha apenas pernas e braços; agora tem uma cabeça, senhora condessa!...

[CÔNEGA] É dos estados gerais<sup>21</sup> que está falando? Arre, um destacamento da

---

<sup>21</sup> A sociedade francesa estava dividida em três estados: primeiro (clero), segundo (nobreza) e terceiro (povo, que incluía a burguesia). Cada estado se reunia em sua própria assembleia, que era convocada e dissolvida pelo rei. A assembleia não tinha real poder, pois funcionava como um corpo de aconselhamento do rei através de petições. As más colheitas entre 1787 e 1789 causaram falta de alimento, levando a assaltos e saques em todo o país. Caiu a arrecadação de impostos recolhidos pelo governo, agravando ainda mais a crise econômica. Luís XVI convocou então representantes dos três estados para, juntos encontrarem soluções para a crise, formando assim a Assembleia dos Estados Gerais.

guarda francesa daria conta dessa papagaiada... Veja, senhor Boussanel, estou certa de que o senhor tem insônias, palpitações da artéria, fogos na cabeça...

[BOUSSANEL] É verdade, às vezes, senhora condessa.

[CÔNEGA] Pois bem, aceite meu conselho, e vai se sentir bem.

[BOUSSANEL] E?

[CÔNEGA] Beber dois grandes cálices de água fresca todas as manhãs, ouvir a missa e tirar um pouco de sangue todos os meses...

[BOUSSANEL] Muito obrigado, senhora condessa... E o senhor conde?

[CÔNEGA] O senhor vai vê-lo. Ora, ouça... *(ouve-se o ruído de uma carruagem que entra)* é ele, sem dúvida; o senhor vai ver também minha sobrinha, Blanche, aquela bonequinha que o senhor viu tão pequena.

## Cena 5

*(o conde entra, trazendo Blanche apoiada em seu braço. Blanche vai se atirar aos braços da tia)*

[CONDE] Deus seja louvado! Aqui está ela! Aqui está ela! Entre nós!

[CÔNEGA] Eh maluquinha! Assim vai estragar meu rouge! *(oferece o pescoço para o beijo)*

[CONDE] *(estendendo a mão para Boussanel)* Boussanel, meu velho mestre, Padre Palmatória! Quantas lembranças de meu catecismo, de Virgílio,<sup>22</sup> as histórias de Le Ragois<sup>23</sup>, tudo aquilo que já esqueci! Ah! O senhor não fez de mim um bom clérigo, não! *(apontando para Blanche)* O que acha dela?

[BOUSSANEL] A senhorita é bastante encantadora!

[CONDE] Encantadora? Diga incomparavelmente bela, divina, uma Hebe,<sup>24</sup> não

---

22 Públio Virgílio Maro, 70-19 a.C., poeta clássico romano, autor das *Éclogas*, das *Geórgicas* e da *Eneida*.

23 Alexandre Le Ragois de Bretonvilliers, 1621-1656, padre católico francês, segundo superior geral da Compagnie de Saint-Sulpice;

24 Deusa da juventude, na mitologia grega, filha legítima de Zeus e Hera. Por ter o privilégio da eterna juventude, representava a donzela consagrada aos trabalhos domésticos.



é? Num quadro de Nattier,<sup>25</sup> derrubando ouro de uma ânfora para Júp... pro diabo essas comparações!

[CÔNEGA] Parece que você foi bastante longe, não é, meu irmão?

[CONDE] Bastante longe?... acredito que sim, foi-me preciso criar e educar a garota. Ah! Vocês não sabem o que é isso... Todo o convento da Apresentação de cabeça para baixo... as pequenas, as maiores, as médias... eram puxadas pelo vestido, beliscadas nos braços... a superior, as irmãs, a freira da torre, e irmã Santa-Ágata aqui, a irmã Santa Sofia lá! – “Pense em mim, você vai me escrever?” – E se abraçar, e chorar! “Não me esqueça!”... Que figura!... “Você vai voltar, não é?” – e patati patatá... Pedidos, recomendações, pacotinhos, bilhetinhos, palavrinhas açucaradas... Aquilo não acabava nunca!... Imaginem vocês um viveiro onde um passarinho estivesse preso; gritinhos!... Eu lá parado como se fosse um são João de cera... Meu Deus! Como um homem fica tonto diante de um bando de anjinhos ocupados num sabá como aquele... Por exemplo, não sei como depois de ter sido bitocado daquele jeito, ainda se consegue ter bochechas... (*beija-a*) Vamos, aposto que você não está muito triste por estar aqui?!

[BLANCHE] Oh! Claro que não, meu bom tio.

[CÔNEGA] Por que você diz isso, filhota?

[BLANCHE] Aquelas pobres irmãs eram tão boazinhas! O tempo, a gente não percebia que ele passava; eu tinha amigas de quem gostava muito... Havia lá no fundo do jardim uma grande aleia aonde nunca se ia, e onde passeávamos com Gabrielle sem nunca dizer nada, sempre de mãos dadas duas a duas...

[CONDE] Ora, vamos! Vai reclamar do convento agora? Vamos, não me desminta... Vai dizer que não pensava em se mandar de lá?

[BLANCHE] Sim... oh!... é verdade... O baile, o giro no jardim, a comédia no teatro...; a gente pensa nessas coisas... sim, a gente deseja essas coisas... Os muros parecem maiores nuns dias, mais que em outros... E depois, quando se sai de lá... é tão singular... o primeiro momento... a gente fica contente, o coração fica em polvorosa... Veja, a gente como que sente uma alegria que dá vontade de chorar...

---

25 Jean-Marc Nattier, 1685-1766, pintor francês, filho de um retratista e uma miniaturista. Foi o pintor preferido das filhas de Luís XV, e representou-as em variadas ocasiões. Seu sucesso entre a nobreza se deve em grande parte à capacidade que tinha de embelezar os modelos ao mesmo tempo em que lhes preservava a semelhança, e aos ambientes evocativos da Antiguidade clássica onde inseria as figuras, muitas vezes trajadas como divindades greco-romanas ou personagens da tradição antiga. O artista tem obras nos mais importantes museus e coleções do mundo.

[CONTE] Bah! Bah! Querida mocinha! Quando se tem o direito à felicidade que a espera, quando se tem diante de si a mão de um homem de boa origem e uma berlinda dourada para ir a Versalhes...

[BOUSSANEL] A senhorita se casa? (*saúda Blanche, que agradece com uma medida*)

[CÔNEGA] (*para Margat, que chamou com um toque de campainha*) Leve a senhorita ao seu quarto. Dê ordem para que a vistam... Blanche, você vai ver se os vestidos e os ajustes que mandei fazer estão do seu gosto.

(*o Conde a observa sair. Blanche lhe sorri com os olhos. O conde lhe envia um beijo na ponta dos dedos.*)

## Cena 6

[CONDE] Ah! Boussanel, agora que você caiu em Paris, é aqui que você vai parar?

[BOUSSANEL] Senhor conde, eu encontrei nas portas de Paris um antigo amigo, o velho padre Manuel de Chaumont, oriundo dos caminhos da igreja como eu, e nos hospedamos juntos.

[CONDE] Bom; mas você já sabe que meu crédito na corte, por menor que seja, está ao seu dispor.

[BOUSSANEL] Obrigado, mil vezes obrigado, vou me virar nessa cidade grande sem tentar morder um lugar ou um favor. E, *en passant...*, senhor conde, sabe que faz uns doze anos que não volto a Valjuzon?

[CONDE] De fato, Boussanel, é verdade. A vida corre depressa como um ladrão.

[BOUSSANEL] Pois bem, o velho mestre quis ver o homem brotado e crescido naquele jovenzinho que educou. O velho mestre quis vir lhe dizer: Senhor conde, em que você se transformou depois de mim? O que fez de sua existência? Você é feliz?

[CONDE] Olha para mim, Boussanel, eis minha resposta. Curta, grossa e floreada... Minha consciência na aparência, meu prazer na minha pele e meus vícios nas minhas bochechas. O fundo excelente, eu o devo ao senhor... O resto, que vale menos, eu conquistei... A cabeça um pouco avoadada, a espada tam-

bém, e o coração também... E esse sou eu... O senhor me conheceu aos vinte anos... eu ainda os tenho.

**[CÔNEGA]** Pelos seus pecados... isso é verdade... os anos deslizam sobre meu irmão... Com quase quarenta anos, ele é tão, tão jovem, tão estouvado que não cabe num livro...

**[CONDE]** O que foi, minha irmã, só porque aparecem na cabeça de um homem alguns fios de cabelo que se permitem ser brancos, só porque seu talhe empasta um pouco e uma mulher não mais consegue cercar sua cintura com seus dez dedos, existiria alguma razão, de boa-fé, para que esse pobre homem vestisse sua alma de preto, se tornasse entediado e entediante, rabugento consigo mesmo e desgostoso com os outros? E depois, quando é que o golpe dos quarenta faz soar o toque de recolher de todos os prazeres e de todos os divertimentos de um homem galante? Arre! Quando debaixo de uma pele velha a gente sente a juventude nas veias, quando lhe restam bons dentes e apetite para tudo; quando a vida ainda tem para você seus bons atordoamentos: o vinho, o jogo... e o resto, como diabos você quer que a gente pense em cuidar dos inválidos? Além disso... você, você não conhece minha história, Boussanel?... aquilo que me aconteceu depois da perda... daquela mulher?

**[CÔNEGA]** Ah! Sim, aquela criatura... de novo ao assunto... mas já faz dez anos, mais, isso... essa agora...

**[CONDE]** Minha irmã, nem mais uma palavra sobre esse túmulo. É uma lembrança querida para mim... Pois bem, Boussanel, quando se perde uma mulher como aquela, um anjo, você não imagina... só há dois caminhos a tomar... veja você... virar um capuchinho..., sim um capuchinho... ou se tornar... claro, aquilo que eu sou, um...

**[CÔNEGA]** Beberrão...

**[CONDE]** Como você está bastante polida hoje, minha irmã! Pois bem, sim, eu bebo... Por que ficar vermelho de vergonha? Vinho, vinho, minha irmã! É o único amigo que não se perde nunca, e que fica melhor ao envelhecer. E sem ele a gente veria a vida como ela é, triste, cinzenta, pálida, chata, cor de um copo d'água! A vida sem o vinho, qual o infeliz que a desejaria? Beba! Que explosão de alegria, de esquecimento, de esperança, de calor e de cordialidade!... A gente faz fogo como uma brasa, a gente se torna feliz como a felicidade! Viva Deus! enquanto houver na nossa terra os três rios do bom Deus: *bordeaux, bourgogne e champagne*, as pessoas de bem afogarão a sede, vão rir, vão cantar lalarará... Ó benditos vinhos crus, nosso bom vinho da França, esse é o sangue da França!

[CÔNEGA] Bem, meu querido irmão, mas quem fez de você esse libertino?

[CONDE] O medo de amar uma segunda vez, minha irmã. E esse foi o meio que considerei mais sábio: ligações curtas; corações que se partem e que se consola; seu servidor que a rodeia e toca sem se queimar; o prazer que se colhe vivo; ternuras sem sofrimento, sem lamento, sem retratos e sem cartas; chamas cuja eternidade dura o tempo de um jantar... Jamais um amor, jamais...

[CÔNEGA] Ssssh! Sua sobrinha...

## Cena 7

[CONDE] (*à entrada de Blanche, vestida com luxo*) Eis-nos em vestes de luxo... Que presença, já uma dama!

[BLANCHE] Ah! Meu tio, não caçoe de mim.

[CÔNEGA] Venha cá... pequena, quero dar uma olhada... Ficou contente com o que viu lá em cima?

[BLANCHE] Oh! É magnífico, minha tia, muito bonito! Aquele vestido de renda da Normandia...

[CÔNEGA] Sim, você está muito apropriadamente vestida, e para quem acabou de escapar de um convento você não me parece muito desajeitada... Saúda um pouco... caminha... bom, bom...

[CONDE] Como aquele grãozinho cresceu, hein, Boussanel! Tê-la visto não mais alta do que isso lá em Valjuzon! Você se lembra pelo menos de Valjuzon, Blanche?

[BLANCHE] Se me lembro de Valjuzon! Ah! Meu tio, os ausentes de hoje estavam todos lá! Eles estavam vivos então. Nós éramos meu pai, minha mãe, minha tia, o senhor... E depois... (*pequena pausa*) Senhor Boussanel... toda a família e toda a mansão... Eram bons aqueles tempos...

[CONDE] Sim, você o diz muito bem, querida menina, eram muito bons aqueles tempos.

[BLANCHE] Eu os revejo a todos, sentados à noite, quando o verão estava agradável, nos degraus da escadaria, nas grandes poltronas recobertas com as fábulas de La Fontaine, eu tão pequena e já tão sábia, abrindo os olhos para me impedir de dormir quando me deixavam com vocês...

[CONDE] Sábia, sábia... também nem tanto, vamos lá, Blanche, você era um verdadeiro demoniozinho...

[BLANCHE] Eu?... de verdade?... meu tio?...

[CONDE] Nunca vi uma garotinha tão garoto como você. Era difícil acreditar que se faria de você uma senhorita... Você não tem ideia da pequena selvagem que era... desesperada para correr pelos campos, pelas florestas... Quantas vezes rasgou nas árvores aquela sua fantasia de fantasma! Você não se lembra de nada disso.

[BLANCHE] Sim... um pouco... vou lembrando... não como coisa minha... mas de outra pessoa...

[CONDE] E os gritos que você deu na primeira vez que a pentearam desfiando seus cabelos e lhe puseram uma crinolina!

[BLANCHE] Ah! Sim, me lembro, para ir a um baile de crianças... meu primeiro prazer... chorei muito...

[CONDE] Oh! Você tinha uma cabecinha!... e esperta... Pergunte a Boussanel! Pregou muitas peças nele?

[BOUSSANEL] Oh! A senhorita gostava de se divertir... Certa vez, por exemplo...

[BLANCHE] Não era eu naquela vez, senhor Boussanel... não fui eu... Foi Perrinet.

[CONDE] Ah! Quando você ou aquele garoto me aprontavam alguma, o outro sempre havia estado junto. *(notando que Boussanel se levanta)* O que houve, Boussanel? Não ceia conosco?

[BOUSSANEL] Eu lhe agradeço, senhor conde, mas conservo meus hábitos de camponês. Eu já ceei antes de vir visitá-los.

[CONDE] Não o desculpo, Boussanel. Vamos tirar um dia para cear, mas não aqui, mas no cabaré, naquele suíço das Tulherias, os cotovelos na mesa e palavras soltas à vontade; vamos alimentar o passado e minhas confissões.

[BOUSSANEL] *(saudando)* Senhora condessa, senhor conde, senhorita...

*(o conde o conduz ate à porta, sai um instante com ele e retorna)*

## Cena 8

[CÔNEGA] Ah! Essa gente chatinha do interior! São de matar essas visitas. Ainda se eles tivessem alguma coisa a dizer, ou até mesmo a pedir... Meu Deus, se pelo menos tivessem aprendido a se sentar e sobretudo a se levantar... mas não!

*(voltando o conde, Blanche faz sinal para que se sente perto dela)*

[BLANCHE] E aí, meu tio, o senhor se lembra?...

[CONDE] Ah! Sim, agora vamos entrar no capítulo dos você se lembra...?

[BLANCHE] Oh! Seu feio!

[CÔNEGA] *(que retorna)* Blanche, faça-me o favor de ficar aqui perto de mim... Aproxime-se, minha menina... sente-se... você já está crescidinha, previsa saber o que vou lhe dizer... você viu aquela pessoa de quem falamos?

[BLANCHE] Sim, minha tia... uma vez no parlatório.

[CONDE] Ah! Sim...

[CÔNEGA] Você vai rever essa mesma pessoa amanhã à noite... ela lhe será apresentada oficialmente... depois de amanhã vamos cuidar das tratativas... e segunda-feira...

[BLANCHE] Segunda-feira, minha tia?

[CÔNEGA] Sim, segunda-feira a coisa estará feita. O partido que escolhemos para você, nem preciso lhe dizer, é um cavalheiro de boa nobreza e muito perfeitamente aparentado. Seus pais, minha sobrinha, não nos deixaram grande fortuna; não temos vergonha de confessar, mas a aplicamos a serviço de seu príncipe. Entretanto, o que temos de bens, meu irmão e eu, e que pertencerá a você...

[BLANCHE] Minha tia...

[CÔNEGA] Como nossa herdeira de sangue, você ainda poderá fazer boa figura, levar as coisas como for preciso, e conservar convenientemente a dignidade de sua condição. O pai daquele com quem você vai se casar dá a ele dezoito

mil libras de renda em Flandres,<sup>26</sup> e a companhia de cavalaria<sup>27</sup> que lhe comprou no ano passado. Você terá os diamantes da mãe, que são muito bonitos... Tudo isso propiciará a você, minha cara menina, uma boa entrada no jogo. Você não nasceu sem adornos, seu marido é um homem de excelente estirpe... É de se pensar que ele vai amá-la e você será feliz com ele... Sexta-feira, você vai aparecer em grande fausto no Opéra para a declaração de seu casamento. Não enrubesça mais que o necessário e não pareça espantada por ser engolida pelos olhos de toda a sala. Nossa classe, a família a que você pertence, aquela a que você vai se juntar, lhe dão sua entrada na corte... Você será apresentada... O Rei, que conhece a história da sua França, certamente vai reservar uma página onde vai estar escrito seu nome. A rainha permitirá que você toque a barra de seus vestidos, e vai reservar para você algumas palavras inesquecíveis. O conde Artois<sup>28</sup> vai lhe dizer que você está fascinante...

[CONDE] E Monsieur<sup>29</sup> talvez lhe fale em versos...

[CÔNEGA] As madames vão sussurrar cumprimentos, que você não vai ouvir direito... responda-lhes respeitosamente, sempre, minha sobrinha... elas são umas santas... Minha linda, você vai ter acesso ao mundo; é uma grande prova. Você vai ter a felicidade de nele entrar com princípios e exemplos que, ousado dizer, comandam a grande e elevada honestidade das pessoas bem-nascidas... a honra... Conserve sobretudo sua religião... isso é tudo o que eu tinha para lhe dizer, Blanche...

[BLANCHE] Sim, minha tia... tratarei de ser digna dos meus...

---

26 Bastante difícil saber a que Flandres a personagem se refere: a Flandres belga, na região sul do país; a Flandres francesa, no norte da França. Existiu, ainda, um Condado da Flandres, dissolvido em 1795, quando pertencia à Áustria. Notar que a crônica dos eventos do dia 14 de julho de 1789 – em cuja tarde transcorre a ação deste peça, chegou a Paris, de passagem para Versailles, um novo regimento militar, o renomado Regimento de Flandres, histórico regimento de infantaria criado em 1590, com bandeira, insígnias e uniforme próprios.

27 No exército francês, um *bataillon* era formado de 8 *compagnies* que, por uma *ordonnance* de 1762, eram grupos compostos de 65 (ou 52) granadeiros e 4 (ou 3) oficiais. O comando das *compagnies* podia ser comprado para usufruto e prestígio de nobres cavalheiros endinheirados.

28 Charles-Philippe de France, conhecido como Charles X, 1757-1836. Príncipe *bon vivant et léger*, vivia num turbilhão de festas mundanas e noitadas em teatro. Com a Revolução, foi o primeiro a emigrar, tendo-se estabelecido em Turim, na Itália, onde começou a organizar uma contrarrevolução.

29 Título honorífico com que era referido o irmão do rei nascido logo após ele; à época do enredo, trata-se de Louis Stanislas Xavier (1755-1824), conde da Provence, chamado “o Desejado” pelos royalistes, futuro Louis XVIII.

## Cena 9

[MARGAT] (*entrando, seguida do pessoal da mansão*) Esse é o pessoal de serviço da mansão, senhora condessa, que pedem sua permissão para saudar a senhorita.

(*desfile dos domésticos diante de Blanche. Margat saiu com eles*)

## Cena 10

[BLANCHE] (*virando-se*) E o Perrinet?

[CÔNEGA] Ah! O senhor Perrin, parece que ele saiu... Eu não estou lá muito contente com esse malandro aí... Faz algum tempo já que ele me incomoda. Num dia desses, bem que ele poderia encontrar fechada a porta desta mansão.

[CONDE] Minha irmã, lembremo-nos do pai dele, o sargento que se fez matar pelo pai desse menino aí. (*gritos do lado de fora*)

[CÔNEGA] Hein? Esse bafafá lá fora? O que é? Mais algum bonecão do ateliê daquele Curtius<sup>30</sup> que vão carregando e gritando...

[CONDE] (*levantando-se e se aproximando da porta*) Veja! Venha cá!

## Cena 11

(*a porta do fundo se abre; Perrin entra quase desmaiado, sustentado por um integrante da guarda e um homem do povo. Uma multidão atrás dele; ele tem sangue na camisa*)

[CÔNEGA] O que está acontecendo, meu irmão? E como é que essa gente vai entrando, assim?

[CONDE] Perrinet!

---

<sup>30</sup> Philippe Curtius, 1737-1794, físico suíço e modelador de cera, que ensinou a Marie Tussaud (1761-1850) a arte de recriar figuras humanas com modelagem de cera, que ela exibiu no museu que criou em Londres. No dia 12, cabeças de cera do ministro Jacques Necker e do Duque de Orléans, feitas por Curtius, foram carregadas em marcha de protesto pelas ruas antes do ataque à Bastilha no dia 14.



[BLANCHE] Sangue!...

[PERRIN] (*erguendo-se, compondo-se, dando um passo na direção de Blanche*) Foi muito bonito, veja você... senhorita... Homens, velhos, crianças... toda aquela gente, todo o mundo... burgueses... operários... cartucheiras por cima das roupas, facas de caça em mãos sujas... povo, como se a liberdade saísse das sarjetas... no Hôtel de Ville,<sup>31</sup> nada de balas... compravam cravos no vendedor de especiarias da esquina para colocar na boca dos fuzis, aqueles que tinham um... Ah! Que dia soberbo! O azul do céu em fogo, fazia calor como numa tempestade, quando o céu espera o trovão!... Gritavam: Para a Bastilha! A Bastilha!! E para lá fomos... todos... subi num telhado, pulei por cima da guarda... já havia gente com machados cortando a ponte levadiça, balas assobiavam, havia por lá carroças de palha e feno... pus-me a tocar fogo nelas para enfumaçar as linhas de tiro, tal como a gente espanta as raposas lá na minha terra... Do meu lado havia um rapaz carpinteiro com uma bala na cabeça; estava morto... pego seu fuzil... ah! o batismo de fogo... o cheiro da pólvora... a gente atira das trincheiras, um tambor avisa onde estão as torres; a gente nem ouvia mais oi ouvia direito. Percebo num torreão fortificado um guardanapo amarrado na ponta de um fuzil. E ao mesmo tempo um pedaço de papel se enrosca numa grade quadrada na lateral da ponte levadiça levado pelo vento das explosões. Um homem de roupa azul avança sobre um canteiro, recebe um balaço... rodopia, cai... feito aquele papel... Ele havia saído do fundo do fosso onde eu estava, em seu lugar... Eu pego aquele pedaço de papel, entrego-o a um oficial que está ali de uniforme... A Bastilha ameaçava nos fazer saltar pelos ares com as vinte toneladas de poeira de seus muros... O fogo recomeça... De repente as correntes da ponte levadiça se quebram: caímos todos... eu era o quinto... vejo uma diminuta chama branca, e mais nada e caio... era isso... (mostra seu ferimento) Então não soube mais o que acontecia... mas me disseram que não abandonei meu fuzil! Eu tinha reaberto os olhos... A Bastilha estava tomada! A Bastilha estava tomada!

[MULTIDÃO] (*aos gritos*) Viva o vencedor da Bastilha!

---

31 O *hôtel de ville de Paris*, comumente chamado de *Hôtel de ville*, é o edifício que reúne as instituições municipais da cidade desde 1357. Sede da Prefeitura/Câmara Municipal de Paris. Em 1789 tem à sua frente a *place de Grève* (atual *place de l'Hôtel-de-Ville*), antigo porto fluvial, onde se reuniam os desempregados (chamados *gréviste*) à procura de alguma nova colocação. Também foi o espaço escolhido para algumas execuções públicas (enforcamento, decapitações, esquartejamento, roda viva, fogueira etc.); foi ali, também, que a guilhotina foi utilizada pela primeira vez em 25.4.1792: a execução de Nicolas Jacques Pelletier, um simples ladrão. No *hôtel de ville*, para onde a multidão se dirigiu depois de se municiar de pólvora nos Invalides, para organizar o ataque à Bastilha.

## Segundo ato

Noite de 9 agosto 1792<sup>32</sup>



### Cena 1

*(Um salão semidestruído numa velha mansão da rue Saint-Thomas-du-Louvre.<sup>33</sup>*

*Nenhuma mobília, apenas uma grande mesa e algumas cadeiras.*

*Grande porta ao fundo, janela à esquerda.*

*O conde tem a visita de dois homens.)*

---

**32** O dia **10 de agosto** de 1792 é, após o 14 de julho, um dos dias mais decisivos da Revolução francesa, a ponto de certos historiadores o qualificarem de “Segunda Revolução”. Sua preparação foi organizada e levada a cabo pela Comuna insurrecional de Paris (nome dado ao governo revolucionário 1789-1795) e pelas seções em que estava dividida a cidade. Após vários assaltos, a multidão de insurgentes toma o Palácio das Tulherias, sede do poder executivo. Foi a primeira vez, desde o início da Revolução, que uma jornada revolucionária se dirigia igualmente contra a Assembleia. Essa jornada revolucionária consoma a queda da monarquia constitucional. Sua preparação é complexa demais para que se possa atribuir sua responsabilidade a um indivíduo ou a uma facção. A jornada do 10 de agosto marca igualmente o início do primeiro Terror (1793-1794), cujo ponto culminante será os massacres de 2 a 7 de setembro de 1792.

**33** Localização: 1º arrondissement – Centro. A rue **Saint-Thomas-du-Louvre** rua se iniciava na margem do Sena, cruzava o Louvre e terminava na rue Saint-Honoré, atravessando uma área nobre que se desvalorizara a partir de 1682, quando Louis XIV transferiu a residência real para o palácio de Versailles. Quando a área foi remanejada nos anos 1850 por ocasião das reformas promovidas por Haussmann, ela ligava a *place du Palais Royal* à *rue du Carroussel*.

[CONDE] *(sentado à mesa, cheia de papéis e de jornais, um par de pistolas a um canto da mesa; escrevendo as palavras finais de um artigo)* Pronto! E asino! *(ele toca a campainha; a um homem que entra)* Para compor imediatamente. *(o homem sai; a um dos visitantes)* Finalmente, graças a Deus! Senhores, espero que esse serviço de editor de gazeta tenha terminado... espero que amanhã as pessoas como eu comecem a jogar um outro jogo... e, quanto a mim, não vou ficar nem um pouco irritado. Para dizer a verdade, nestes últimos tempos eu me sentia rebaixar...

[SAINT-MÉARD] Você! Conde, eu lhe asseguro...

[CONDE] Eu me rebaixava, sim, meu caro... Não, eu não tinha mais aquela leveza da ironia... aquelas felizes chicotadas que eu dava tão habilmente na cara dos jacobinos;<sup>34</sup> no fim, eu estava perdendo o sangue frio, meus epigramas tinham virado um cutucãozinho de bengala... Eu tinha cara de quem escrevia com a bengala. Não, veja você, nós não nascemos para aquilo... Não importa o que façamos, depois que pegamos a espada, a mão fica um tanto pesada... Enfim, para os panfletários de acaso e de encomenda, ainda somos gente bem posta, parece; o que me diz, cavalheiro?

[MEUDE-MONPAS] Eu, eu digo que você não está sendo justo consigo mesmo, e que seu jornal será testemunha desse riso sem medo que a França vai amar para sempre como uma de suas coragens.

[CONDE] Pode ser que sim... Enfim, se a monarquia deve morrer, pois bem, ela vai morrer pelo menos com as pessoas que vão se sacrificar com júbilo, e de boa vontade... A cônica minha irmã, tem às vezes boas ideias, foi ela que, após aquele decreto fanfarrão contra os libelistas, quando Gattey<sup>35</sup> hesitava em nos imprimi-

---

**34** Os **jacobinos** eram os membros do grupo da Revolução francesa chamado Club dos Jacobinos, com sede em Paris no convento dos frades dominicanos (chamados de jacobinos) da rue Saint-Honoré. Eram republicanos, defensores da soberania popular, e propugnavam o sufrágio universal; sua visão da indivisibilidade da nação os levava a defender um estado forte e centralizado; frequentemente se confundiam com o Terror. Itens mais importantes de sua pauta: eliminação da monarquia na França; abolição da escravidão nas colônias francesas; educação para todos; uso da violência contra os opositores da revolução; fim dos privilégios do clero e da nobreza na França; ajuda aos necessitados; controle de preços dos artigos de primeira necessidade. Em 1791 foram apoiados por Danton na ideia da substituição de Louis XVI por Philippe d'Orléans – em oposição aos cordeliers (girondinos), que exigiam a abdicação do rei.

**35** Já se conhece bastante bem a importância do papel representado pelos gravadores, pelos editores de gravuras/estampas e pelos jornalistas patriotas durante a primeira parte do decênio revolucionário. Eles acompanharam o grande entusiasmo de 1789 produzindo múltiplas caricaturas contra as ordens privilegiadas, heroizando as grandes jornadas populares, do juramento do jogo de péla à tomada da Bastilha, da abolição dos privilégios à Declaração dos direitos do homem e do cidadão, imortalizando os rostos dos deputados da Constituinte. De outro lado, os papéis delituosos são principalmente constituídos, entre outros, pelo mais importante dos

mir, descobriu e alugou esta mansão, a dois passos das Tulherias, e fez montarem as impressoras que nos permitiram continuar nossa guerra de papel.<sup>36</sup>

[SAINT-MÉARD] Uma campanha que te terá divertido bastante, confesse, conde.

[CONDE] Sim... enganando aqueles palhaços dessa revolução! Há muitos bons momentos, meu caro! Que alegria arranhar-lhes a cara, jogar-lhes lama, pintá-los grosseira e exageradamente, aqueles bons constituintes, aqueles legisladores honestos, e toda aquela jacobinalha, sem esquecer essas grandes damas democratas e esses monstregos da demagogia!... Ah! escrevemos deliciosas maldades, um belo escândalo legado de presente para mais tarde nossos sobrinhos-netos! Afinal de contas, é preciso mostrar justiça em vez de inspiração, diabos! Encharcamos nossa verve diretamente nas adegas do restaurante Mafs<sup>37</sup>... havia lá veneráveis garrafas contrarrevolucionárias que tinham a idade de nosso Rei e nos incentivavam contra os inimigos do trono... particularmente um certo Suidérant, você se lembra, Meude? Havia lá artigos efervescentes, saíam da taça como uma mousse e só eram levados embora com o guardanapo da sobremesa!... Ainda uma homenagem que deve ser feita. Os patifes esvaziaram tudo, não deixaram nada pra contar a história. Deixaram seco o Beauvilliers!<sup>38</sup> VBebertam toda a adega!

[MEUDE-MONPAS] E por três vezes!

[CONDE] Sim, três vezes. Os miseráveis! Mereciam sentir sede pelo resto de suas vidas!

---

jornais *royalistes* (monarquistas), LES ACTES DES APÔTRES, periódico ilustrado dirigido por Peltier e redigido por uma sociedade de uma dezena de membros e editado por François-Charles Gattey, livreiro no Palais Royal, que antes da Revolução já mantivera sérias altercações com o Diretor da livraria. Foi submetido, em graus diferentes, a interrogatórios e prisões durante o Terror e será julgado pelo Tribunal revolucionário e guilhotinado em abril de 1794.

**36** Gattey imprimia seu pasquim no Palais Royal; mansão alugada pela cônega ficava a poucos passos dali.

**37** O *restaurateur* Mafs era proprietário de um estabelecimento numa das boutiques do Palais Royal. Ali se reuniam alguns *royalistes* uma ou duas vezes por semana para seu *dîner évangélique*. Conversavam, os apóstolos escreviam a um canto da mesa, deixavam seus escritos dentro do menu à guisa de pagamento ao saírem, Mafs os passava a Gattey, que os imprimia nas *Actes des Apôtres* (1789-1791), periódico publicado a cada 2 ou 3 dias, um dos vários panfletos e pasquins maldizentes, arrogantes, espirituosos e desordenados (na forma de sátiras, caricaturas, charges, anedotas, paródias, canções, trocadilhos, em tom burlesco geral) que se opunham às folhas e brochuras que os republicanos enchiam de filosofia, sabedoria, utopias, cóleras e insultos, verdades e mentiras. O jornalismo durante a Revolução era barulhento, rápido, alerta.

**38** Um outro restaurante, o primeiro verdadeiramente grande de Paris, de propriedade de Antoine Beauvilliers (1754-1817), onde os redatores do *Actes* podiam se reunir para preparar números do periódico.

[SAINT-MÉARD] Diz aí, foi mesmo que quiseram matar você antes de ontem?

[CONDE] Por que antes de ontem? Tá me gozando, cavalheiro. É todos os dias que vêm me fazer essa honra. Olha, fui feito para isso, e acredito, Deus me perdoe, que isso seja higiênico para meu temperamento... Sim o comitê de buscas às minhas bolsas, os agitadores das seções da cidade ladrando nos meus calcanhares, as bengalas da revolução conjuradas contra mim, a ameaça e o perigo que assobiavam nos meus ouvidos, o lampião de rua que me cobiça, acho que tudo isso precipita admiravelmente as pulsações do coração e das ideias... Não poder caminhar numa rua patriota, sem que toda a rua, homens e mulheres, até as crianças, gritem “Lanterninha!” sim, até a molecadinha, com suas marotas bochechas rosadas: “O aristocrata na lanterna!” – Palavra de honra! É mortificante! A gente é chicoteado, aguilhoado, sente-se no ar um cheiro de poder que nos inspira as ideias mais divertidas, e as réplicas mais idiotas, verdadeiramente... Não, jamais se compreenderia tudo o que uma palavrinha “Lanterninha” faz no nosso espírito!

[SAINT-MÉARD] Ah! esse irritadinho de Valjuzon!

[CONDE] A propósito, você não sabe, com efeito... ah! uma aventura... eu preciso lhe contar isso... Então, outro dia, antes de ontem como você disse, Meude... eu estava na rue Saint-Honoré... e me reconheceram!... Oh! Eu gozo de uma impopularidade!...tão popular!... Se acotovelam, se juntam à minha volta, me empurram e depois, o grito de costume... Eu digo para a multidão: “Deixem-me ir... Estou cansado dessa catanga!” Meu gracejo falha, ninguém ri... mau sinal! Eu recuo... eles eram bem uns duzentos... Eu podia fazer muito pouca coisa... Virando-me, vi uma grande porta aberta atrás de mim... Deslizo para dentro, me tranco, subo uma escada, bato na primeira porta que encontro. Nada. Empurro a porta, entro e caio num quarto onde vejo uma mulher... Gritavam lá na rua, gritavam no pátio do prédio... “Mil perdões, senhora, se entrei sem me apresentar... mas estão me procurando para me prender” – Uma mulher, muito pouco jovem, mas ainda bonita, na qual logo se viam os sinais que o diabo coloca nas mulheres capazes de tentação... Ela terminava de se vestir...e eis que ela se pôs a tremer como uma folha: “Monsieur, em nome do céu! Meu marido é um jacobino! Vá embora!” Ha! Sair, embora... Sentei-me, dirigi-lhe dois ou três cumprimentos, aconselhei-a a se pentear de outro modo, sabe, com um arranjo de anéis de cabelo em meia coroa, assim. Ela me dizia sem parar: “Meu marido é um jacobino...” Então, ponho-me a lamentar, digo que ela é muito bonita e bastante encantadora para se meter numa causa tão ruim, que a natureza fez dela uma royalista até às unhas... e beijo seus dedos, rogo, catequizeo, faço sermão, e lhe digo: “Sssh! Senhora.” Lá embaixo os cidadãos militantes berram sem parar. Até fico vermelho ao ouvir algumas de suas opiniões, e me ofereço para nos vingar das opiniões do marido dela... Aqui em cima, uma explosão de riso: “Ah! senhor conde, o senhor é mesmo um fofo.” Ela vai até a janela, me diz: “Espera um pouco...” e terminou por me dar um *rendez-vous*...

[MEUDE-BONPAS] Bah!

[CONDE] Sim, um *rendez-vous*... Já de primeira, enquanto ainda queriam me pegar na rua. (*eles riem*) Foi isso aí, e o que vocês dizem dessa minha história, senhores? Eu não a trocaria nem pela melhor das constituições. Enganar um marido, e enganar um marido que é um jacobino! dois prazeres num só! e dois inimigos um sobre o outro! Misturar o amor à guerra civil.

[MEUDE MONPAS] Oh! Você, conde, vai ser esse louco até o fim!

[CONDE] Ha! Vou ter muito tempo pra ser sério depois que morrer, meu amigo!

## Cena 2

[BLANCHE] (*entrando, com um pacote na mão. Tem sobre o vestido um grande avental com um peitilho preto*) Aqui estão as vinte e cinco plantas, titio.

[CONDE] Me dê. (*ele lê*) “Planta-baixa dos apartamentos do palácio das T...” E também as cartas pretas, o papel azul com flores de lis... é isso, está tudo perfeito, minha sobrinha... Ah!... é verdade, senhores, vocês não sabem... nosso operário nos deixou... Precisávamos de um outro... Esta encantadora criança resolveu se dedicar a nós... Ela empretejou bravamente seus dedos com a pinça... Eu lhes apresento nossa pequena componedora. (*pegando-a e aproximando-a do visitante; para ela*) Hei! Você não esperava esse tipo de trabalho quando saiu do convento... Assim são as revoluções, minha cara. Isso lhe dá talentos de sobra... Com efeito, senhorita, você sabe que está se comprometendo com tenebrosos conspiradores, e onde isso pode levar você?

[BLANCHE] Eu bem sei, meu tio.

[CONDE] Brava menina... Passou ao lado de sua felicidade aquele grande pateta que achou melhor emigrar<sup>39</sup> do que se casar com uma moça como você... Compreenderam,

---

<sup>39</sup> O conceito **Emigração** designa a partida de cerca de 140.000 pessoas para fora do território francês entre 1789 e 1815, em razão dos distúrbios revolucionários posteriores ao 14 de julho e à tomada da Bastilha – 30.000 entre aquele julho e o dia 10 de agosto de 1792. Esses emigrados, partidários da monarquia e do poder absoluto, temiam o esmagamento do regime. Se inúmeros deles eram nobres, padres ou religiosos (44 %), também havia entre eles militares (4 %), burgueses (17 %), camponeses (20%), operários, artesãos e comerciantes (15 % - o último grupo a partir, após o massacre das Tulherias no Ato I e, como aqueles que emigram para combater a Revolução a partir do exterior, procuram escapar ao Terror. No exterior fixaram-se no Baixo-Canadá, na Inglaterra, na Suíça (Neuchâtel, Friburgo, Berna e Basileia), Alemanha, Espanha, Estados Unidos, Itália (Turim, Trieste, Palermo). A prisão do rei Louis XVI em Varennes (Varennes-em-Argonne, já bem perto da fronteira com Bélgica, Luxemburgo e Alemanha), ain-

senhores? Mas fique tranquila, aquela a cujos pés vamos depositar nossas vidas esta noite vai escolher para você alguém que vai valer, eu lhe prometo, a escolha de sua tia e aquele cavalheiro da triste figura... Ela já chegou, minha sobrinha?

[BLANCHE] Não, meu tio.

[CONDE] Senhores, eis as cartas que prometi para vocês e seus amigos... (*colocando suas pistolas no bolso*) Vou às Tulherias. Vamos saindo, senhores... Menina, organize um pouco todos esses jornais espalhados aí, voltarei com novidades. (*eles saem*)

### Cena 3

[BLANCHE] (*sozinha, organizando os jornais*) LES RÉVOLUTIONS DE PARIS,<sup>40</sup> L'AMI DU PEUPLE,<sup>41</sup> LE JOURNAL DE LA COUR ET DE LA VILLE<sup>42</sup>... Oh! Esses jornais pavorosos! Só falam de coisas ruins... “Incêndio... Grande massacre.” ... (*ouve-se fechar uma porta*) Ah! ele se foi!... Estou sozinha agora... com Margat, que está na porta lá de baixo, e dormindo, com certeza... Como a gente muda!... eu, que tinha tanto medo na Apresentação<sup>43</sup>

---

da em território francês, em sua fuga é dos episódios mais lembrados de toda a crônica da Revolução (conhecido como “a noite/fuga de Varennes” – de 20 a 22 de junho de 1791).

40 O jornal RÉVOLUTIONS DE PARIS foi publicado diariamente. Teve grande sucesso desde sua primeira edição, no dia 12 de julho de 1789. Era pró-revolucionário, mas alguns leitores de opiniões mais moderadas apreciavam a sutileza de suas análises políticas. Sob o Terror, foi suspeito de moderantismo e escolheu o silêncio para salvar sua vida; parou de circular em 28 de fevereiro de 1794. O poeta Fabre d'Églantine foi um de seus articulistas mais famosos.

41 De 8 a 15 de setembro de 1789 chamou-se LE PUBLICISTE PARISIEN; no dia seguinte, toirna-se L'AMI DU PEUPLE, publicado por Marat e afixado em muros e paredes de Paris. A publicação se interrompe definitivamente em 21 de setembro de 1792 após 3 anos e 685 números. Jean-Paul Marat(1743-1793 foi um deputado *montagnard* (favorável à república e oposto aos girondinos, moderados, sentados no lado direito da Assembleia) eleito para a Convenção (1792-1795).

42 O JOURNAL GÉNÉRAL DE LA COUR ET DE LA VILLE (1789-1792) foi um *magasin historique*, que publicava tudo o que se decidia na Assembleia Nacional, no Hôtel-de-Ville de Paris, nos distritos e também as notícias autênticas do interior, bem como anedotas interessantes.

43 A alusão da personagem pode referir-se à festa religiosa da Apresentação de Nossa Senhora no Templo, que lembra que Maria, com três anos de idade, foi levada pelos pais José e Anna para o Templo, onde com outras mulheres e meninas foi instruída cuidadosamente a respeito da fé de seus pais e sobre seus deveres para com Deus e onde permaneceu para se preparar para o futuro papel de “mãe de Deus” (*theotokos*, em grego). A narrativa da cena original é cheia de lances prodigiosos, e firmou o rito como marcadamente simbólico e afirmativo da fé da postulante e de sua família. A festa é celebrada, com aprovação papal, desde o século XIV. Coincidentemente, em plena Revolução francesa, no auge da perseguição religiosa e do fechamento de conventos, Maria Rivier (1768-1838) e quatro companheiras tiveram a audácia de fundar uma comunidade religiosa na pequena povoação de Thueyts (no Ardèche, França, não muito distante de Lyon). Foi a 21 de novembro de 1796 que se consagraram a Deus e à instrução da juventude, adotando o nome da festa que se celebrava nesse dia: Apresentação de Maria. A cena do Ato II se passa em 1792 – mas vale a referência.

naquele corredor onde era preciso passar todas as noites... não tenho mais medo algum... E, entretanto, ouve-se tanto falar de mortos, de pessoas assassinadas... Não sei, talvez só se sinta medo quando se é feliz... *(ela vai até à janela)* Que bela noite!... O mesmo céu da minha última noite no convento... Não estávamos dormindo, Gabrielle e eu... e em nossos leitos, bem baixinho, nós conversávamos... daquilo que nos conventos se fala entre gente grande: do casamento. E ela me dizia que gostaria de se casar, ela, com um homem extremamente feio, e até mesmo mais que feio, estropiado, defeituoso... E como eu risse, “Bela alma”, como eu a chamava, se pôs a me dizer que, se fosse diferente, não haveria muito mérito; e que para ela, o que desejava quando fosse mulher, era se dedicar, se sacrificar, ter com o que sofrer... ideias que então me pareciam bastante singulares... Hoje em dia... Oh! ainda não tenho um marido corcunda!... mas aquilo que ela me dizia... eu o compreendo no presente... Existe neste tempo de agora um não sei quê que te dá uma vontade de sacrifício... Para aqueles que amamos, ela vem como uma grande coragem que deseja sofrer... uma inveja de seus perigos... A gente quer compartilhar infelicidades... Não aconteceu, essa revolução desagradável chegou cedo demais... Bem que ela podia me abandonar alguns dias... Que mal isso lhe causaria? Mas não... na minha entrada na mansão... de repente... aquele que trouxeram ferido... *(um silêncio)* Mas minha tia não volta esta noite... *(um silêncio)* Ah! bateram... é ela... *(olha pela janela)* Não... não... um homem... Parece que está subindo... Ah! meu Deus, ele vem para cá...

## Cena 4

[PERRIN] *(em uniforme de tenente da guarda nacional; abrindo violentamente a porta)* – Eu lhe digo que é preciso que eu entre. *(entra violentamente e deixa a porta aberta)* Senhora...

[BLANCHE] Perrin!... você!... ah! me deu medo!

[PERRIN] Está sozinha?

[BLANCHE] Oh! ele acredita que estou casada!... Pode me chamar de senhorita?...

[PERRIN] Ah!

[BLANCHE] *(percebendo seu uniforme)* Olha! Dragonas!...

[PERRIN] Senhorita, deve compreender que se estou de volta...

[BLANCHE] Oh! minha tia, você sabe... ela jamais vai perdoar você por ter tomado a Bastilha...



[PERRIN] Senhorita, eu abracei o partido da liberdade... sou soldado dela. Mas sua casa foi minha casa. Aqueles que têm seu sobrenome foram bons e generosos para comigo. Eles me criaram. Eu cresci entre eles ao seu lado, senhorita. Essas lembranças não se esquecem. Eu me lembro, e eis porque venho lhe dizer que abandone esta mansão, você e os outros, esta noite, está me ouvindo, nesta mesma noite...

[BLANCHE] Quando eu dizia que você tinha um bom coração!...

[PERRIN] Senhorita! Eu juro que lhe falo pensando em sua salvação! Senhorita! Aqueles que conspiram não têm o direito de atirar sua inocência nos complôs que fazem... sua vida não pertence a eles...

[BLANCHE] Ela é minha!... E você me deixe acreditar que em tempo de revolução as mulheres têm esse direito... o direito de a dar...

[PERRIN] Blanche!

[BLANCHE] Senhor...

[PERRIN] É isso o que me leva para a frente...

## Cena 5

[CÔNEGA] (*entrando*) O senhor Perrin aqui!... O senhor poderia me dizer o que vale a honra de ter minha porta forçada pelo senhor, e de quem sou devedora por encontrar em meu salão um homem a quem pedi jamais colocar os pés em minha mansão?

[PERRIN] Senhora...

[BLANCHE] Minha tia, ele veio...

[CÔNEGA] Paz, minha amiga... Relaxe...

[PERRIN] (*após alguns momentos de silêncio e cólera surda*) Senhora, eu não estaria aqui se não fosse pelos três e por reconhecimento à sua família.

[CÔNEGA] Oh! compreendo... O senhor vem nos proteger, não é?... Mil vezes obrigado, senhor, sua atenção me tocou profundamente... mas é bondade demais, e ao que eu saiba os Valjuzon ainda não caíram tanto para necessitarem a proteção do senhor Perrin.

[PERRIN] Quem sabe, madame?... Oh! tenha cuidado, as revoluções modificam muito as coisas, e vejo seus perigos como eles são, terríveis, madame, e tão perto de vocês.

[CÔNEGA] Perigos? Será que a nação nos faria a honra de desconfiar de nós? Bons patriotas como nós, que vivemos tranquilos ao pé de nossas lareiras, que não emigramos, que abençoamos todos os decretos de nossas imortais assembleias, que agradecemos todos os dias os benefícios de nossa liberdade!

[PERRIN] Mas são conhecidos os conciliábulos que acontecem nesta mansão... Mas, cuidado, lá embaixo, se a gente fizer um buraco no piso, a gente vai encontrar uma impressora que, neste momento, talvez esteja trabalhando... Sabemos de tudo. Acabei de sair de uma assembleia popular na qual a senhora foi denunciada... Sim, um aprendiz que a senhora contratou...

[CÔNEGA] Pois bem, sim, senhor, isso é verdade. Há uma impressora lá embaixo, e o senhor gostaria de ver quem é seu operador? *(ela aponta Blanche)* Aí está! E também gostaria de ver as mãos de quem trouxe armas para esta mansão?... Aqui estão elas, senhor! Ah! isso talvez seu distrito ainda não saiba... Vai, senhor... Esse vai ser um belo gesto de virtude revolucionária que seus amigos vão aplaudir, denunciar essas mãos que o alimentaram!

[BLANCHE] Minha tia!

[PERRIN] Senhorita, deixe a senhora sua tia falar! Eu não seria digno de ter comido seu pão se não tivesse a coragem de ouvir, sem responder, a injúria que me censura e me pega pela boca... Uma última palavra, senhora... As denúncias de hoje, talvez, serão mortais... amanhã...

[CÔNEGA] Amanhã... amanhã estaremos onde estarão nossos senhores!

## Cena 6

[CONDE] *(entrando)* Bah! Perrin!... Ah! meu rapaz, bom seria se daqui a dez horas não fosse uma infelicidade para o cidadão que você é que eu me lembre de ter tido você sentado no meu colo...

[PERRIN] E eu acredito que naquele momento será ainda mais valioso para o senhor conde lembrar que a única porta que se abrirá para ele estará... na esquina da rua Saint-Roch com a rua Dauphin,<sup>44</sup> casa do tenente Perrin. *(saúda e sai)*

---

<sup>44</sup> Endereço bastante próximo do jardim do Palais Royal.

[CONDE] (*vendo-o sair*) O quê? Idiota!

## Cena 7

[CÔNEGA] o quê?

[CONDE] Novidades excelentes, minha irmã... De verdade, prepara-se para amanhã uma jornada que vai fazer nossos ancestrais estremecerem no chumbo de seus túmulos... Não, não acreditava que existissem tantos royalistes<sup>45</sup> na França... Veja! A dois passos daqui, na rua Saint-Honoré, o que vejo. Um jacobino atacado por uma mulher... Fiquei tão tocado com essa qualidade, que beijei a mulher...

[CÔNEGA] Meu irmão...

[CONDE] Minha irmã: o Rei e as Damas! É esse meu lema e meu problema. Agora lá embaixo, está tudo bem. Os suíços<sup>46</sup> postados como verdadeiras muralhas... os batalhões das filhas de Saint-Thomas<sup>47</sup> em seu posto, três canhões na galeria Royale, um na galeria dos Príncipes, um na galeria de Marsan<sup>48</sup>... Todo o mundo disposto a cumprir seu dever... Os chevaliers se espremendo ao redor do Rei... Ah! Hoje fez o mais belo entardecer de todos os crepúsculos de Louis XIV!... Dos bairros, nada mais que boas notícias: uma reunião de quase mil e quinhentos marselheses,<sup>49</sup> as seções<sup>50</sup> em desordem... A sala do conselho estava vazia,

---

45 A palavra francesa *royaliste*, “partidário da realeza”, foi preservada para não favorecer uma confusão com “realista”. Uma tradução por “monarquista” não seria completamente correta.

46 Batalhões da Guarda Suíça, cerca de 950 homens, protegiam o Palácio das Tulherias nessa noite. Cerca de 600 deles foram mortos em combate ou tentando render-se aos atacantes; cerca de 60 foram presos no Hôtel-de-Ville, para onde haviam fugido, outros morreram na prisão.

47 Os *Bataillons Filles Saint-Thomas* eram formados por religiosas hospitalárias, seu convento fora fundado em 1626, destruído pelos revolucionários porque abrigava as reuniões de um grupo de militares monarquistas. Faziam parte da Guarda Nacional, constituída no dia 13 de julho de 1789. Conhecidos particularmente pela defesa das Tulherias na jornada do 10 de agosto. Quase todas as sobreviventes da jornada foram mortas nos massacres de setembro do mesmo ano ou guilhotinadas.

48 As três *cours* são dependências internas do palácio das Tulherias: “Do pavilhão de Flore ao primeiro pavilhão do centro, inclusivamente, era a *cour* dita dos Príncipes. Do primeiro ao terceiro pavilhão do centro, exclusivamente, era a grande *cour*, dita Royale. Do terceiro pavilhão do centro ao pavilhão de Marsan era a *cour* dita dos Suíços; finalmente, em seguida ao pavilhão de Marsan, e até a rue de Rivoli, era a *cour* des Écuries.” In GRANIER DE CASSAGNAC - *Histoire des Girondins et des massacres de septembre*. Paris, E. Dentu Éditeur, p. 494.

49 Historicamente, Guarda Nacional foi o nome dado, por ocasião da Revolução francesa, à milícia de cidadãos voluntários formada em cada cidade, a exemplo de Paris, constituindo uma guarda monarquista constitucional que evoluiu para uma força revolucionária republicana. Esses soldados se chamavam *fédéré* “federado”. Os federados de Marselha foram enviados a Paris para atuar na insurreição contra as Tulherias.

50 Entre 1790 e 1795 Paris foi dividida em 48 seções administrativas.

um verdadeiro conselho de guerra... A Rainha num tamborete... (*passeia*) O Rei está calmo. (*dirigindo-se à sua irmã e à sua sobrinha*) Ah! mesdames, o grande espetáculo a que faltaram... Lamentei por vocês quando d'Hervilly...

[CÔNEGA] Nossos parentes pelos Hauteterre...

[CONDE] Quando d'Hervilly ordenou, espada na mão, ao oficial da câmara, abri-la para a nobreza francesa... vocês teriam visto se ajeitarem na sala de bilhar os maiores nomes da França ao lado dos menores... Mas ninguém olhava para isso: todos os que ali estavam se chamavam Devotamento... Saint-Souplet tinha como arma apenas um ferro de avivar o fogo da lareira!... um quadro de rachar de rir, o diabo o leve, mas que dava vontade de chorar! Fique tranquila, com gente tão brava, o auxílio e a proteção de Deus, minha irmã, acredite em mim, nós venceremos. E então o Rei será de novo Rei. Todos os franceses se abraçarão...

[CÔNEGA] Exceto aqueles que forem presos!

[CONDE] Fecharemos nossa lojinha de gazetas. Administraremos nossa pequena Blanche; eu, eu vou criar os meninos que ela tiver. Encarregarei minha velha academia de la Guerinière para ensinar-lhes equitação. Eu lhes ensinarei os segredos de uma velha senhora que deu o que falar no seu tempo. Mostrarei a eles como ler nas crônicas onde soletrar a honra e a *chevalerie*. Viveremos em família, amando-nos bem de perto. Nos dias em que chover, minha irmã me dará lições de moral... E seremos felizes até daqui a cem anos como nos cantos de fada para as garotinhas, minha pequena Blanche!

[CÔNEGA] Você vai embora, meu irmão?

[CONDE] Oh! não tenha medo... sempre tive como hábito chegar com os violinos. (*cerrou as duas mulheres contra si*) Até logo!

## Cena 8

[BLANCHE] (*após breve silêncio*) Não vai se deitar, minha tia?

[CÔNEGA] Não, esta noite não, minha sobrinha.

[BLANCHE] (*após breve silêncio*) Talvez não seja, talvez, pelo que se passou aqui nesta noite, diga, minha tia? (*a cônega ergue os olhos para o céu com um gesto de denegação*) (*aguçando os ouvidos*) Não se ouve nada... não, não... nada... (*dá alguns passos, olha maquinalmente sobre a mesa, pega um livro, abre-o. barulho distante de sinos de alarme e de tambores. Fecha precipitadamente o livro,*

*coloca-o sobre a mesa, vai até à janela, fica imóvel e se põe a chorar silenciosamente, rosto escondido nas mãos) Não está ouvindo, minha tia?*

[CÔNEGA] Sim, estou ouvindo. A Revolução está tocando seus sinos.

[BLANCHE] As pessoas vão se matar, minha tia?

[CÔNEGA] Sim... vão se matar... é isso, melhor que se batam, é isso que está acontecendo, uma guerra civil. Pois bem, que seja uma guerra civil! Que ela venha, que desça dos corações para a rua, dos bairros para as Tulherias! E que ela seja o último julgamento das lanças e das espadas! Eu a quero, exijo-a, imploro por ela...

[BLANCHE] *(olhando pela janela)* Pode-se dizer que o barulho se aproxima!... ah! homens... ali na rua... armas que brilham... fuzis... Eles param... apontam nossa porta... meu Deus! vão embora... sim... estão indo embora...

[CÔNEGA] Blanche, você deve estar fatigada... na sua idade se precisa de sono... Recolha-se ao seu quarto, minha criança; vai.

[BLANCHE] Melhor eu sentir medo aqui, perto da senhora, minha tia... *(breve silêncio)* Sempre os sinos e os tambores... isso não acaba nunca. Como os sinos ribombam!... isso não vai acabar esta noite!... Oh! Todas aquelas que estão como nós, que ouvem e que esperam, todas aquelas que velam e que choram! *(breve silêncio)* Ah! o dia, minha tia... *(a cônega não responde)* Titia! Está dormindo?

[CÔNEGA] Não, minha sobrinha. Estou rezando.

[BLANCHE] Meu Deus, o céu está vermelho!

[CÔNEGA] É verdade, minha sobrinha, como sangue... *(breve silêncio)* O primeiro de sua raça estava nas Cruzadas; foi morto no combate da Mansoure...<sup>51</sup> Outros que você conhece vieram depois dele, que também fizeram pelo bem e que deram sua alma como uma espada quebrada enfrentando os inimigos de seu Deus ou de seu Rei... Acredito que se poderiam contar nos dedos aqueles dos nossos homens que viram a agonia de sua morte cobertos por seus lençóis em seus leitos. No combate de Villingshausen,<sup>52</sup> um Valjuzon, ferido de morte, chamou seu último filho e lhe disse: "Meu filho, você jamais terá medo?" Só disse isso... o filho tinha sete anos: era seu tio... um nome grande como o seu, minha sobrinha; e talvez amanhã seja apenas um morto a mais!

---

<sup>51</sup> Uma das muitas batalhas da Segunda Cruzada, século XII, contra os infiéis muçulmanos. Referência que amarra os Valjuzon à estirpe dos francos.

<sup>52</sup> A batalha de *Villingshausen* é um episódio da Guerra dos 7 Anos que se desenrolou nos dias 15/16 de julho de 1761 entre a França e uma coalisão que reunia a Prússia, a Grã Bretanha e Hanover dirigida pelo príncipe Ferdinand de Brunswick.

## Cena 9

[CÔNEGA] (*ao ver o conde entrando*) Você? Não era para hoje?

[CONDE] Sim, minha irmã. Apenas se esperava amanhecer... e a luz se fez...

[CÔNEGA] Então?

[CONDE] Eu quis ver com meus próprios olhos as disposições do ataque, reconhecer a área do Carrousel<sup>53</sup>... depois direi a vocês que fazia um calor dos infernos lá... e não tinham nem pelo menos um copo d'água... Veja!... Blanche, tenha a bondade de descer até aquele quarto amarelo, lá embaixo, e trazer uma bela garrafa de vinho da Espanha...

[CÔNEGA] Francamente, meu irmão, só você mesmo para sentir sede numa hora dessas! (*Blanche sai*)

## Cena 10

[CONDE] (*em voz baixa*) Então você não compreendeu? Era para que a menina não nos ouvisse... Tudo está perdido, minha irmã. Só há uma coisa a fazer... nas Tulherias... oh! uma coisa bem simples... se matar!

[CÔNEGA] Mas há um instante você me dizia que...

[CONDE] Um instante! Hei minha irmã, acha que existem instantes nesses tempos? Os minutos caminham como um raio. Está tudo perdido, estou lhe dizendo... o palácio me dá medo... todos se movimentam como se estivessem no quarto de um moribundo... Nenhuma ordem, nenhum comando, nenhuma vontade! O Rei incerto, indeciso... só gente que nos quer fazer dormir... O rei incerto, indeciso, gente mistificadora dando palpite em nossas orelhas, Péthion,<sup>54</sup>

---

<sup>53</sup> Considerando-se a data da ação da peça, pode ter existido ali perto do Palácio das Tulherias algum carrossel, que teria dado nome à Place du Carrousel, na qual, entre 1806 e 1808, edificou-se, por ordem de Napoleão Bonaparte para comemorar suas vitórias o Arc du Carrousel, que ainda sobrevive no mesmo lugar.

<sup>54</sup> Jérôme Péthion de Villeneuve, 1756- 1794, advogado e revolucionário francês, *maire* (prefeito) de Paris no biênio 1791-1792. No dia 20 de junho de 1792, tentou impedir que os manifestantes invadissem o palácio das Tulherias e os apartamentos dos reis, mas foi acusado pelo rei e pelo diretório do departamento de ter favorecido os amotinados e facilitado a invasão pela ausência de reação a eles.

Roederer<sup>55</sup>... mal se tem três cartuchos nas armas dos granadeiros... traição por toda parte, nas escadarias, nos corredores, traição entre os canhoneiros, a revolução já lá nos jardins e nas galerias! Vaiaram o Rei, minha irmã! As tropas que deviam defendê-lo. Eu vi a Rainha saindo do quarto de Thierry<sup>56</sup>... tinha os olhos vermelhos até o meio da cara a Rainha! Ela nos disse: Está tudo acabado... e a voz com que nos disse aquilo... Neste momento, minha irmã, devem estar passeando com a cabeça de Mandat<sup>57</sup> espetada num pau! Nas Tulherias, as damas de honra estão escondendo suas joias em seus baús, e tudo o que resta de esperança e de fortuna para a monarquia somos nós... um punhado de chevaliers<sup>58</sup> e algumas centenas de suíços resolvidos a receber como eu as balas dos marselheses para fazer uma escolta de honra para os funerais da realaleza! Foi por isso que voltei, minha irmã... para as despedidas!...

## Cena 11

[BLANCHE] (*entrando, com uma garrafa de vinho da Espanha*) Aqui, meu tio... Terminei por encontrar...

---

**55** Pierre-Louis Roederer, 1754-1835, advogado e político francês. Fez Louis XVI e família deixarem as Tulherias no 10 de agosto de 1792: “Sire, Vossa Majestade não tem cinco minutos a perder; só existe segurança para ela na Assembleia Nacional.” “Partamos.” O próprio Roederer quis conduzir e proteger o rei e sua família. A Comuna condenou essa conduta e contra ele foi emitido um mandado de prisão ao qual a Assembleia se opôs.

**56** Numa narrativa dos faustos e infaustos sobrevividos ao Palais des Tuileries durante a Revolução, J.-B. Buchez e P.-C. Roux informam em *Histoire parlementaire de la Revolution française ou Journal des Assemblées Nationales depuis 1789 jusqu’en 1815* (Paris, Paulin, 1835) sobre os eventos internos ao palácio. Thierry era o criado de quarto do rei. Nas palavras de Roederer, procurador geral, síndico do departamento, presente no palácio na noite do dia 9 e citado há pouco pelo conde, o rei saíra de seu quarto de dormir para ver quem o vaiava e gritava contra ele ali perto no jardim; a rainha, Marie-Antoinette, chorou ao ouvir como o marido estava sendo tratado e enxugava os olhos seguidas vezes, sem dizer nada; passou pelo quarto do rei para esperá-lo voltar; Roederer (cf. nota anterior) a seguiu: “ela tinha os olhos vermelhos até às bochechas”; dois ministros logo trouxeram o rei de volta. Continua o procurador, “quando ela reapareceu no meio dos cortesãos na sala do conselho, depois de ter se desmanchado em lágrimas no quarto de Thierry, o criado de quarto do rei, a vermelhidão de seus olhos e de suas bochechas havia dissipado, ela tinha o ar sério, mas tranquilo e até mesmo desembaraçado” (p. 454). A fala do conde o coloca na própria cena do ataque às Tulherias, nos corredores dos aposentos íntimos dos moradores do palácio.

**57** Antoine Galiot Mandat de Grancey, 1731-1792, Chevalier, comandante geral da Guarda Nacional durante a Revolução francesa. Com poucos guardas a seu serviço, Mandat devia defender as galerias (as *cours*) onde havia postado suíços e granadeiros. Reuniu os guardas nacionais no jardim e colocou canhões na Pont-Neuf e na Arcada Saint-Pierre, atrás do Hôtel de Ville para parar os amotinados em sua descida dos bairros. Chamado ao Hôtel de ville, onde foi morto, morre antes do ataque às Tulherias.

**58** Título nobiliárquico concedido por privilégio legal a pessoas que assim passavam a pertencer à nobreza. Foi criado com o intuito de estabelecer uma relação de vassalagem entre seu titular e o monarca, sendo alguns desses títulos hereditários. Na hierarquia da nobreza, abaixo deles só havia os escudeiros...

[CONDE] Obrigado, minha boa pequena Blanche...

[BLANCHE] É do vinho que o senhor gosta? Do vinho do tio-avô?

[CONDE] Ah! o vinho daquele grande comandante de Malta que se fez explodir com três tartanas de infiéis? (*ergue sua taça*) Meu tio que está no céu... muito alto no céu... pois um cristão que se faz explodir pela fé deve ter um lugar no paraíso... meu digníssimo tio, bebo ao senhor!... (*olhando para Blanche*) Chorando? O que é que foi, minha criança? Oh! chorar seria esquecer seu nome, e você é a filha de seu bravo pai... Chorar, uma Valjuzon! Primeiro, eu dizia à sua tia: tudo parece bem; e depois como você quer que um velho experimentado em guerra como eu, curtido no fogo, com a pele sempre furada de balas, vá receber um rasgão no corpo de um daqueles fedelhos? Não, não...creia no que digo, gostaria de lhe descrever toda a grossa figura desse seu tio homem simples, contar tudo... Ah! está rindo? Ainda está rindo? Bom, é melhor assim do que vê-la em lágrimas!... Você se parece com uma rosa que tem orvalho nas faces!... E então agora me beije... assim... lembra naquele ano de 79, quando parti para a guerra da América<sup>59</sup> com o visconde de Noailles,<sup>60</sup> e que, para te beijar, sentei você na sela do meu cavalo... Minha irmã...

[CÔNEGA] Meu irmão, você está feliz, você, por ser um homem... (*beija-o*)

[CONDE] Adeus, meus corações! (*sai*)

## Cena 12

[BLANCHE] Meu tio vai morrer, não é, minha tia?

---

<sup>59</sup> Os britânicos finalmente removeram os franceses da América do Norte em 1763 após a derrota francesa na Guerra dos Sete Anos. Após uma década, no entanto, as colônias britânicas iniciaram um movimento político revolucionário que receberia apoio dos franceses, e culminando na Independência dos Estados Unidos. Após a ratificação da Declaração de Independência dos Estados Unidos em julho de 1776, enviados especiais em Paris recrutaram oficiais para compor o Exército Continental. Em 1778 uma aliança entre franceses e americanos tinha como missão reaver Newport; muitos marinheiros franceses foram mortos em motins antifranceses. A aliança experimentaria uma melhoria somente com a chegada do Conde de Rochambeau, em 1780, que cooperou grandemente com George Washington. As ações navais francesas na Batalha de Chesapeake possibilitariam uma vitória decisiva franco-americana na Batalha de Yorktown em outubro do ano seguinte. A vitória em Yorktown é considerada decisiva no processo de independência dos Estados Unidos.

<sup>60</sup> Louis-Marie, visconde de Noailles, 1756-1804, nobre e militar francês. Serviu sob as ordens de marquês de La Fayette nos Estados Unidos, durante a Guerra de Independência, sendo o oficial que concluiu a capitulação de Yorktown em 1781. De parceria com o duque de Aiguillon, apresentou a lei aprovada em 4 de agosto de 1789 na Assembleia Nacional, que suprimia todos os privilégios das comunidades e das pessoas, as imunidades provinciais e municipais, as banalidades, e os direitos feudais. Em junho de 1790, propôs a abolição dos títulos nobiliárquicos.



[CÔNEGA] Pergunte a Deus, minha sobrinha...

[BLANCHE] O que foi que ele disse, minha tia, quando eu não estava aqui?

[CÔNEGA] O que me disse? (*vai falar, mas se interrompe*) Mais tarde, minha sobrinha, mais tarde... não me pergunte mais... não me fale. Deixe-me o silêncio, eu lhe peço... preciso neste momento estar sozinha comigo mesma. (*olhando Blanche que está sentada no divã e chora com as mãos no rosto*) Ela está chorando! Está em lágrimas! Eu... eu não sei de que metal fui feita... minhas dores não desaparecem... nunca pude colocá-las em lágrimas...

[BLANCHE] (*após breve silêncio*) Um canhão! (*cai numa poltrona*)

[CÔNEGA] Abra a janela! Sim, é o canhão e a fuzilaria... (*breve silêncio*) Ah! eis você aí... Você chegou, dia 10 de agosto! Você devia vir depois do dia de Saint-Étienne, o dia do mártir, do santo apedrejado, quando o Rei aprovou a constituição do clero... Meu Deus! Meu Deus! Tão mulher fraca como sou, jamais tive medo de pedradas, nem tenho medo delas agora; estou pronta a isso, você sabe. Não lhe peço que eu tenha coragem, Senhor: eu a tenho. Mas me dê paciência: chame para si, aí no alto, meu coração e minha alma: eles não querem subir tão alto! Ainda não sinto que tenha força para lhe dizer “seja feita vossa vontade”. Senhor, tende piedade de mim! É a primeira vez em minha vida que não encontro palavras em minha fé para me submeter e me inclinar. (*silêncio. continua-se a ouvir o canhão e a fuzilaria*) Não, não, é impossível! Uma monarquia como aquela, velha de tantas lembranças, bela de um esplêndido passado, gloriosa como a auriflama de nossos antepassados, essa monarquia que serviu tanto à honra quanto à pena de todas as grandes jornadas da França, a monarquia de São Luís,<sup>61</sup> de Henri IV<sup>62</sup> e de Louis XIV,<sup>63</sup> a monarquia para a qual havia uma religião no amor de todos os franceses, a monarquia todo-cristã, a filha de muitos anos de sua Igreja... Não, meu Deus, o senhor não pode permitir que um punhado de sediciosos a aniquile e a enterre! Não, não pode, não quereria deixar a fúria de um povo desenraizar essa árvore dos Bourbon,<sup>64</sup>

---

61 Louis IX, 1214-1270, rei de França, da dinastia dos Capeto. Considerado um santo ainda em vida, foi canonizado pela Igreja católica em 1297.

62 Henri IV, le bon Henri, 1553-1610, o primeiro monarca francês da dinastia dos Bourbon.

63 Louis XIV, 1638-1715, o “presente de Deus”, o “primogênito da França”, um reinado de 72 anos, um dos líderes da crescente centralização do poder na era do absolutismo europeu.

64 A Casa Real de Bourbon é uma família nobre e importante casa real europeia originária do centro da França. Durante o século XVI, os reis Bourbon governaram Navarra e França. Já no século XVIII, membros da Casa de Bourbon detiveram tronos em Espanha, Duas Sicílias e Parma. Também se enlaçaram com diversas outras casas reinantes por casamento, em especial das da Áustria, Portugal e Brasil. Espanha e Luxemburgo são atualmente duas monarquias governadas pelos Bourbon.

de nobreza sagrada, de quem cada galho era um trono da Europa e que remontava até vós como a árvore de Jessé dos Reis! Não, o senhor não seria mais a Justiça! Não seria mais a Providência!

## Cena 13

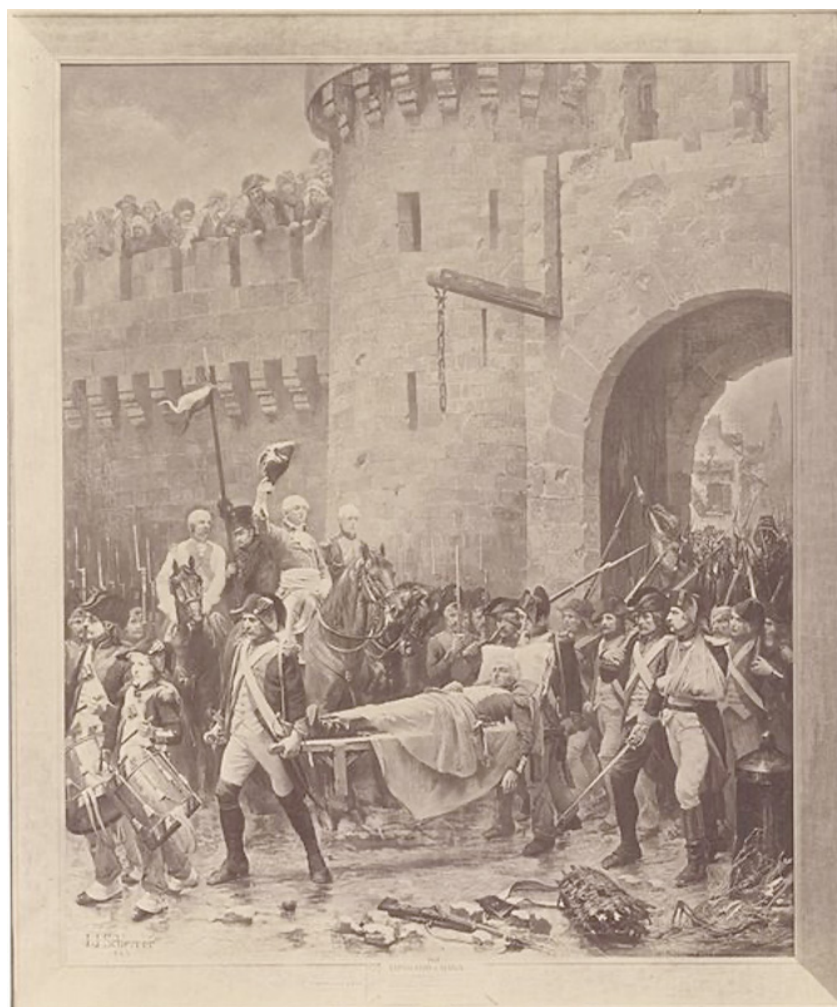
**[MARGAT]** (*acorrendo*) Madame!... não há mais bandeira hasteada nas Tulherias... vi isso lá de cima; os suíços estão fugindo, se salvando!...

**[CÔNEGA]** Blanche de Valjuzon, reze por seu Rei, reze por sua Rainha... reze também por seu sangue... reze! Eu... eu não sei mais minhas orações!

## Terceiro ato

### Verdun<sup>65</sup>

*A grande sala da comuna de Verdun. Grande porta ao fundo.  
Pequena porta à direita. Janela à esquerda. A mesa do conselho à direita.  
À mesa do conselho estão Perrin, Vagnet, Blosseville.  
Atrás da mesa está Marceau em pé.*



**Capitulação de Verdun** (o corpo do general Beaurépère deixando Verdun após a capitulação da cidade) – Jean-Jacques Scherrer [1855-1916]

---

<sup>65</sup> A batalha de Verdun, depois o cerco de Verdun, ocorreram de 29 de agosto a 2 de setembro de 1792, entre as forças francesas da Revolução e um exército prussiano durante os primeiros meses da guerra da primeira coalisão.

## Cena 1

[PERRIN] Senhores, confiem na bravura daquele punhado de homens encerrados na cidadela; tenham confiança no meu bravo batalhão, no patriotismo daqueles habitantes que pedem armas...

[VOGNET] Comandante, não ousamos distribuí-las. O mau espírito de uma parte da população...

[PERRIN] Tenham confiança em mim, senhores; confiança neste jovem soldado batizado no fogo da Bastilha, nomeado ajudante geral no campo de batalha de 10 de agosto, e que hoje com a ausência do comandante Galbaud nos dá a grande honra de comandar aqui. – E como se produziu aquela coisa terrível, aquele bombardeio de doze horas? Uma centena de nossas casas danificadas, um único homem ferido mortalmente... Isso é verdade, senhor Blosseville?

[BLOSSEVILLE] Com efeito, comandante... Mas as baterias do inimigo atiravam muito alto. Ele retificou seu tiro...

[PERRIN] Nossas fortificações? Nenhum dano sério... Nossos dez bastiões intactos... As dez baterias da colina Saint-Michel e da encosta Saint-Barthélemy – sem efeito. Os estragos no pico Saint-Victor são reparados no mesmo instante, e vocês viram as mãos de crianças e de mulheres trabalhando lá. Ainda uma vez, senhores, tenham confiança em seus defensores: vocês sabem que eles mesmos se denominaram os primeiros soldados da Liberdade. Na última hora, não duvidem, a Liberdade fará explodir um desses milagres, uma dessas salvaçãoes de desesperos repentinos, imprevistos, fulminantes que libertaram cidades antigas. Agora, vão, senhores, façam sua ronda. Confio em vocês.

## Cena 2

[MARCEAU] (*estando Perrin absorto, Marceau se aproxima e lhe toca o braço*) – Confiança, sim! Acredite, temos confiança em você, comandante.

[PERRIN] Você? Oh! eu sei... Meu batalhão também, os voluntários, os jovens soldados, mas o resto!... os outros!... Você ouviu? As poucas palavras que lhes disse, será que as compreenderam, Marceau? O silêncio deles, aquilo que havia no fundo do silêncio deles, você compreende o que seja? Ah! se eu não estivesse lá! Sou eu que lhes enfia as baixeiras goela abaixo! Mas um daqueles homens, está me ouvindo, um daqueles homens do conselho, que... você bem sabe o que ele ousou dizer na resposta à submissão da Prússia? Nos submeter à sua humanidade!... Ah! essa frase, veja você... e foi preciso engoli-la! Não,

eles ainda não ousam falar: mas toda sua personalidade rola ladeira abaixo, com sua covardia muda, o anúncio e a promessa da capitulação... Felizmente, graças a Deus, restam ainda as coragens e as indignações... Veja, de repente, na cidadela, um voluntário, acreditando que eu fosse cúmplice do conselho, me atirou na cara a palavra covarde...

**[MARCEAU]** Você... um voluntário? – Você estava com sua espada?

**[PERRIN]** Nem pensei nisso... O insulto se enganava: não me atingiu. Oh! a ideia daquela capitulação, encontrá-la já disseminada por toda parte, na cidade, no meio das ruas, nas praças... sentir tudo trair e tudo conspirar contra nós, as casas, os interiores, as famílias fugitivas de Paris naquele 10 de agosto, os conciliábulos, as correspondências, as delações que levam ao inimigo, as mulheres que paralisam a defesa, os ruídos medrosos que a desesperam, os sinais que comunicam a Haudainville<sup>66</sup> onde se reúnem os emigrados... Ontem, na cidade, perto das muralhas, foram serradas duas árvores para indicar a posição do paiol de pólvora para o tiro dos canhões prussianos... Ah! Marceau, a Pátria nos devia um outro campo de batalha!...

**[MARCEAU]** Fique tranquilo, comandante; ela nos reserva uma revanche. Um dia ainda vamos reencontrar os prussianos num campo raso...

**[PERRIN]** Soldados de 89 como nós! porque somos ambos da mesma levada de entusiasmo – a Revolução nos deu seu sopro e sua chama. Você, você tem, você também tem o fogo sagrado dentro do peito – a coragem palpitante e a religião ardente...

**[MARCEAU]** Comandante!... (*aperta a mão dele*)

**[PERRIN]** Mas os outros!... Esses Vognet e Blossenville! Soldados, soldados, pelo amor de Deus! que poderiam morrer se fosse preciso – Mas eles jamais vão compreender a santa loucura heroica da morte! Para morrer é preciso que consultem seu compasso, que calculem, que determinem quantas pedras têm os muros ao seu redor deles e depois se essas pedras fazem essa ou aquela curva geométrica... e o balanço de seus números é que faz seu dever! Pois bem, Marceau, e nós, que não somos dessa têmpera, se morrermos por morrer? Você pensa no grande exemplo que nossa lembrança deixaria? na comoção que correrá pela nação quando se disser: Foram todos mortos, do primeiro ao último!... você pensa num inimigo aterrorizado, numa França ele-

---

<sup>66</sup> Comuna francesa situada no departamento da Meuse, a meio caminho entre Paris e a fronteira alemã, não distante de Valmy (palco de outra batalha no mesmo período) e de Varennes, de quem é vizinha.

trizada? Uma morte inútil?... Não, ela seria muito mais valiosa para a Pátria do que um exército!

### Cena 3

[BLANCHE] *(velada, surgindo na porta à esquerda, e dirigindo-se a Marceau, que vai sair; o dia vai terminando)* Para conseguir um salvo-conduto, a quem devo me dirigir, senhor?

[MARCEAU] Na outra porta, cidadã.

[PERRIN] *(levantando a cabeça, que tinha entre as mãos)* Um salvo-conduto! Para que lugar?

[BLANCHE] *(à parte)* A voz dele! *(para Marceau, em voz baixa)* – Para Houdainville.

[MARCEAU] *(para Perrin)* Para Houdainville, comandante.

[PERRIN] Tudo certo. Dê o documento para a cidadã. *(Marceau entrega o passe a Blanche e a acompanha até à porta)*

### Cena 4

[PERRIN] *(sem olhar o documento, para Blanche, que parou perto da porta)* Para Houdainville? a cidade em que estão os emigrados e os traidores, aqueles que espreitam as portas de Verdun para aí fazerem entrar a águia de duas cabeças da Prússia?... Vamos, cidadã... avance um pouco... mais... mais perto... Dava para dizer que você está se escondendo... É para lá mesmo que você quer ir? *(silêncio e imobilidade de Blanche)* Mas então você não é francesa? As mulheres da França, neste momento, vendem suas joias para armar os voluntários... As amantes tiram seus braços do pescoço de seus amantes e afivelam suas bolsas... As filhas, as esposas, as mães enviam para morrer nas fronteiras seus pais, seus maridos, seus filhos... E você? *(Blanche dá um passo para trás, como se fosse fugir)* Fique aí!... Será que lhe falei bruscamente?... Você é tímida, é jovem... recomponha-se. *(silêncio de Blanche)* Mas fale, então, diga que não é verdade... Defenda-se... *(Silêncio de Blanche)* Ah! está se protegendo!... O comandante de Verdun tem todo o poder contra os traidores. *(ele pega a sineta que está sobre a mesa)* E então? *(Blanche cruza orgulhosamente os braços e olha para ele)* *(à parte)* Alguma coisa me lembra dela... *(repõe vagarosamente a sineta sobre a mesa)* Ah! veja só... agradeça a lembrança de uma mulher que está salvando você... *(olha longamente para ela)* Você é uma roya-

liste, não é? É dos royalistes? É nessa lama que está seu nome, sua família... Quem sabe, talvez seu coração! Foi criada no culto a um Rei... você devia conspirar para ser fiel... eu lhe peço perdão, madame... tinha me esquecido, nos dias em que estamos, as divisões da pátria, das opiniões e das consciências, e esse triste rasgamento de nossa França em duas França... aquela do passado que você tanto lamenta, e aquela do futuro, na qual depositamos tanta esperança! Eu acreditava que o estrangeiro era estrangeiro para todo o mundo... O estrangeiro! O estrangeiro! Mas você não sabe, então, o que é, madame, o estrangeiro? O estrangeiro! Nada mais que uma palavra!... o estrangeiro na rua e em casa! O estrangeiro vencedor, soberano e senhor! A língua do estrangeiro comandando onde comandava a língua da França! As fanfarras de seus clarins rasgando o ar da França! As cores de suas bandeiras flutuando no céu da França!... E o soldado... Ah! e você não pensa nele?... Você não pensa no homem que lhe fala e cuja vida não vale mais grande coisa... mas é, entretanto, a vida de um bravo soldado... Você sabe se a vergonha que vai levar para ele em Houdainville, ele a desejaria? Ele a aceitaria? Você sabe se ele a rejeitaria junto com a vida?... E agora, madame, vou lhe conceder seu salvo-conduto... *(Blanche recua e desaparece pela porta atrás dela, no momento em que um granadeiro, que entrou pela porta do fundo, coloca dois castiçais sobre a mesa, diante do comandante.)*

## Cena 5

[PERRIN] *(sozinho, procurando ao redor)* Saiu!... desapareceu!... não ousou vir pegar o documento... mulheres, nossas jovens, misturá-las às nossas guerras! Oh! as paixões que se batem não recuam diante de nada... Abusar dessas fraquezas, dessas exaltações, fazer dessas vítimas... mulheres. Covardia! Um inimigo que se deveria poupar aos soldados! *(examina o documento deixado por Blanche)* Blanche... de Valjuzon! Ela!... Blanche!... nesses complôs que poderiam colocar sua morte em minha mão!... Sua tia, oh! sempre sua tia!... Blanche!... mas era ela!... oh! meus anos naquela época! Feliz igualdade!... a primeira de todas, a da infância! Seus nomes, ainda são apenas seus pequenos nomes... não se sabe nada do mundo de mais tarde... é a natureza... Ela me dizia... Você... e eu lhe dizia: Blanche... Blanche, agora, é senhorita de Valjuzon!... Sim, aí, bem ali, ela estava ali, na minha frente, imóvel, orgulhosa, sob um véu... e nenhuma palavra... Entretanto, no final, um momento... Quando lhe falei de mim, pareceu, ela fez um movimento... As revoluções têm algo bom: elas nos deixam um coração... Vamos aos meus deveres! Vou tratar, sem qualquer falha, de fazer por ela aquilo que fiz por seu tio naquele 10 de agosto... Graças a Deus! O tio, seu ferimento não era suficientemente ruim para que não o possa reencontrar aqui... E, neste momento, comandante Perrin, não seja mais que o homem de sua espada... Você responde em Verdun pela nação!

## Cena 6

[PERRIN] (*entrando, com o conselho, em sessão*) Pois então, senhores, o que há de novo?

[VOGNET] Nada de novo, comandante. Entretanto...

[PERRIN] Fale, senhor Vognet.

[VOGNET] Você vai me permitir lhe perguntar se, no atual estado de coisas, diante da emoção da cidade, a agitação dos espíritos, não lhe pareceria razoável, oportuno, fazer concessões ao Rei da Prússia para uma suspensão de armas, uma trégua de alguns dias...

[PERRIN] Uma trégua? suspensão de armas? Está pensando nisso, Vognet? E propõe uma coisa dessas a sério? Refletiu sobre isso? Poderia acreditar que isso pudesse ser aceito? Como imaginar que o Rei da Prússia nos daria benevolamente o tempo de sermos desbloqueados pelo general Dumouriez?<sup>67</sup> Vamos, exponha claramente toda sua ideia. Não é bem uma trégua o que você pede...

[VOGNET] Comandante, acredito que os sentimentos que tive a honra de lhe expor não são apenas os meus sentimentos; eles são compartilhados também pelo senhor Blosseville. (*Blosseville faz um sinal de assentimento*) e correspondem ao desejo de toda a população de Verdun.

[PERRIN] O senhor a está caluniando... Não faz duas horas que o prefeito dessa população, que veio a mim num momento em que eu saía da cidadela, me pediu para se colocar à frente de todos os homens que reunirem condições de portar armas para atacar as baterias inimigas ou morrer em combate. Eis aí um cidadão e um patriota, não é? Senhores, o que acham disso?... Sim, vamos partir todos, eu disse àquele bravo homem, à brava gente que o acompanhava, e morreremos se o inimigo atacar violentamente... Até lá, quero defender regularmente Verdun por minha honra e pela honra de nossas armas. Vocês, permaneçam nas muralhas, guarneçam seus parapeitos, emparedem as portas, e a cidade estará salva, e seremos vencedores... Essa foi a mensagem que lhe dei: tenho de mantê-la diante deste conselho.

---

<sup>67</sup> Charles François du Périer, dito Dumouriez, 1739-1823, general francês, jacobino, vencedor da batalha de Valmy contra os prussianos em 20 de setembro de 1792. Conquistou a Bélgica e defendeu a ideia de uma república belga independente; posteriormente, desertou do exército revolucionário em 1793, tornou-se um royalista e passou a servir os inimigos da França a soldo dos ingleses.



## Cena 7

(entra um parlamentar com os olhos vendados, guiado por um guarda)

[PERRIN] Tirem a venda desse homem. (o guarda o obedece)

[PARLAMENTAR] Comandante, uma nota que o duque de Brunswick,<sup>68</sup> generalíssimo dos exércitos combinados da Prússia e do Império, me encarregou de lhe entregar.

[PERRIN] (*lendo*) “Ofereço então à sua guarnição, ou antes demando-lhe libertar para as tropas prussianas as portas da cidade e da cidadela, e partir em 24 horas, com armas e bagagens, com exceção da artilharia. Mas se sua guarnição recusar esta oferta generosa, não tardará em experimentar as infelicidades que virão em consequência dessa recusa. Ela seria submetida a uma execução militar, e os habitantes entregues a toda a fúria dos soldados.” Senhores, não há resposta, não é? Nenhuma outra senão o fogo.

[PARLAMENTAR] Comandante, o Rei meu senhor honra a coragem. Ele conhece a sua. Ele o sabe um soldado sem temor, que nada o intimida; nem o nome, nem a força, nem os cem mil homens que a tomada de Longwy<sup>69</sup> nos permite reunir em Verdun. Mas sua defesa é impossível. O que vocês têm para resistir? Nós estamos em toda parte: um batalhão em Mayenne-e-Loire, um batalhão em Allier, um em Eure-e-Loir, um em La Charente, um assentamento do regimento 92 de infantaria, um assentamento do 9º de caçadores a cavalo, guardas nacionais repelidos por nossos ulanos<sup>70</sup> em sua cidade... Isso é bastante, e é tudo. E o senhor, em armas, o senhor tem quinhentos fuzis de infantaria e de dragões... O senhor tem trinta fuzis de muralha, quarenta talvez... faltam-lhe para a defesa desta cidade 115 canhões... O senhor tem 32... E 24 são de todos os calibres... Dez morteiros... Seis catapultas... Oh! os números estão corretos...

---

<sup>68</sup> Charles-Guillaume-Ferdinand de Brunswick- Wolfenbütel (1735-1806), general e príncipe alemão. Comandante supremo do exército alemão, nomeado em 1787 chefe do exército aliado austríaco e alemão reunido para invadir a França e esmagar a Revolução francesa. Os emigrados lhe haviam apresentado a campanha como um passeio militar em que só encontraria uma oposição de princípios. Derrotado em Valmy (cf. nota anterior) – na peça, entretanto, essa batalha ainda não aconteceu. Verdun foi atacada no dia 2 de setembro.

<sup>69</sup> Batalha de Longwy: travada na mesma região, foi vencida pelas tropas monarquistas em 23 de agosto de 1792.

<sup>70</sup> Cavaleiro armado de uma lança nos exércitos eslavos e germânicos, similar ao lanceiro dos exércitos franceses. Na origem eram cavaleiros ligeiros poloneses ou lituanos armados de lanças, espadas e carabinas; nos anos 1780 foram incorporados ao exército austríaco, depois no prussiano, pelo comandante von Hotze, um oficial instrutor mercenário que se colocou a serviço dos dois exércitos.

E, para manejar suas peças, nada mais que soldados de linha treinados em algumas semanas por oficiais aposentados... É isso o que o senhor tem!... E é com isso que...

[PERRIN] (*para Marceau*) Ajudante, reconduza o senhor até à praça, olhos de novo vendados. (*saem*)

## Cena 8

[BLOSSEVILLE] Mas, comandante, não podemos nos iludir... neste momento, é impossível defender este lugar.

[VOGNET] Sim, a defesa é insustentável.

[PERRIN] Como! Senhor Blosseville, senhor Vognet, como podem dizer isso? E declararam anteriormente que Verdun estava em condições de sustentar o cerco...

[LAPALLU] Tudo se modificou depois, comandante.

[PERRIN] Como? Modificou? O que pode ter mudado aqui, expliquem-me, quando sinto a mesma coisa todos os dias?

[LAPALLU] Comandante, dos 32 canhões de que falou o enviado do Rei da Prússia, a maior parte deles está fora de condições de responder ao fogo inimigo...A praça pode ser vencida no primeiro assalto... Nessa situação, não é evidente que mais vale conservar para a nação uma guarnição de quatro mil homens do que retardar em um dia a tomada da cidade?

[PERRIN] Senhores, deviam ter previsto tudo isso.

[VOGNET] Contávamos com uma divisão de Luckner,<sup>71</sup> mas ele não quer nos enviar nenhum homem, nenhum canhão, pela razão de que, no estado da praça, seria entregá-los ao inimigo.

---

<sup>71</sup> Nicolas Luckner, 1722-1794, militar francês de origem alemã. Feito barão e conde, em 1791 prestou fidelidade à Assembleia, favorável que era às novas ideias desde o início da Revolução francesa. É-lhe confiado o comando do exército do Reno até maio de 1792, depois o do exército do norte até julho; a 17 de agosto é atacado por 22.000 austríacos; resiste, mas é chamado a Paris para se explicar por ter declarado simpatia por Louis XVI; foi guilhotinado em 1794. Foi a ele que Rouget de Lisle dedicou seu *Chant de guerre de l'armée di Rhin*, depois chamado de *Marseillaise*.

[LAPALLU] Contávamos também com os dois batalhões que Dumouriez nos havia prometido: eles foram ultrapassados pelas tropas de sapadores, e acabo de saber que Galbaud, que encontrou a estrada de Varennes interceptada por um grupo considerável, retomou sua marcha.

[BLOSSEVILLE] A maior defesa da praça, a água dos fossos, foi esgotada pela metade pelas trincheiras dos sapadores do inimigo sobre os diques...

[VOGNET] E o pão que é jogado para o soldado cola na muralha!... Como pode ver, muitas coisas mudaram, comandante!

[PERRIN] Eu só vejo, eu, o meu juramento feito por essa bandeira: (*mostra uma bandeira no fundo da sala*) Todos podem ler: *Liberdade e morte!*<sup>72</sup>

[MARCEAU] (*entrando*) É o que todos juramos!

[VOGNET] E a população, comandante? A população ameaçada por um segundo bombardeio, a ruína total, um grande incêndio por toda a cidade! As mulheres loucas e furiosas de medo... (*gritos lá fora*) ouvem os gritos delas?... elas cercam em grupo, depois que amanhece o dia, a prefeitura para exigir que lhes sejam reduzidos os horrores de uma resistência inútil, como vocês as conteriam? O povo é mais que vocês, é mais forte que vocês... (*grandes gritos do lado de fora*) Ouçam! (*dirige-se a uma janela*) Olhem: a malta empurra nossos

---

72 A divisa “La liberté ou la mort”, tão frequente na Revolução francesa, como também sua similar “Vivre ou mourir”, tem origem em parte na tradição greco-romana e em parte em expressões similares utilizadas na guerra de independência dos Estados Unidos, notadamente no célebre grito de Patrick Henry “Give me liberty, or give me death” (1775). Desde antes da Revolução francesa, o futuro girondino\* Jacques Pierre Brissot retomou a expressão em seu *Testament politique de l’Angleterre* (1780). Brissot desempenhou importante papel no desenrolar da guerra contra a Áustria e o debate que daí decorreu com Robespierre teve consequências decisivas sobre a luta entre os girondinos e os *montagnards*\*\* . Guilhotinado em Paris no dia 31 de outubro de 1793. A versão grega “Elephteria í thánatos” será incrustada no design da bandeira grega (as cinco sílabas de *e-le-phte-rí-a* são suas cinco listas azuis; as quatro de *i-thá-na-tos* estão nas listas brancas) da revolução de 1821-1829 contra o Império Otomano.

\* Girondino: do francês *girondin*, por ter sido formado em torno dos deputados do departamento da Gironda, era a denominação de um partido político moderado da Assembleia Nacional e da Convenção Nacional francesa, chefiado por Jacques Brissot. A maioria de seus membros pertencia à burguesia da província e representavam a burguesia abastada. Na Convenção, foram instalados no lado direito do plenário, junto com os montanhês.

\*\* *Montagnard* (montanhês): grupo político atuante na Convenção Nacional. Favorável à República, hostil à Monarquia, defendiam uma democracia centralizada; próximos à pequena burguesia, apoiavam-se nos *sans-culottes*\*\*\* . Ocupavam o alto do plenário (daí seu nome).

\*\*\* “Sem-culotes” foi a denominação dada pelos aristocratas aos artesãos, trabalhadores e até pequenos proprietários participantes da Revolução francesa, principalmente em Paris. Ocupavam o lado esquerdo do plenário da Convenção.

soldados! (*barulho de portas abertas pela multidão, que entra clamando*)  
Comandante! Aí estão! Responda!

## Cena 9

(*uma multidão invade a cena*)

**[GRITOS DA MULTIDÃO]** Capitulação! Capitulação!

**[PERRIN]** Se ousam gritar assim tão alto, se ousam gritar assim tão alto aqui, essa palavra que nenhum de nós, nem eu mesmo, tem o direito de pronunciar! Essa palavra que não pode ser dita, nem mesmo em voz baixa, pelo bombardeio de uma cidade, a derrubada de suas trincheiras, suas casas em chamas, sua guarnição dizimada, bem como o estertor da agonia de uma cidade! Capitular! Capitular, cidadãos, sem um assalto, sem uma chance, antes mesmo que as balas tivessem aberto um caminho para o inimigo, quando nossos muros ainda estão de pé, suas pedras resistem e nos dão um exemplo!... Vocês vêm fazer uma exigência ao nosso comandante!... Mas o quê, vocês querem dar o espetáculo de uma vergonha que nenhuma cidade francesa desejou nos tempos passados! Vocês querem que, em alguns dias, um decreto da França vitoriosa e isenta de estrangeiros, pois isso vai acontecer, vocês desejam que um decreto derrube suas paredes, suas casas, disperse a memória de sua cidade como as cinzas de um criminoso, e que se diga a um viajante que passar por suas ruínas que “aqui existiu a cidade dos covardes”.

**[GRITOS DO POVO]** Cala a boca! Chega! Cala a boca! Fale o comandante.

**[UMA VOZ]** Que ele fale!

**[PERRIN]** Ó Pátria! Inspire-me! que teu nome sagrado lhes fale em minha voz! Pátria! Dê-me entonação viril! Sobre-me as palavras que fazem que se morra por ti! Ó Pátria! Terra querida que nos guarda em suas entranhas como nossa mãe! Teu amor, o amor de todos os homens pelo solo onde eles nascem, onde têm seu berço, seu lar, sua família e seu túmulo, esse amor que colocou, desde o primeiro dia do mundo, armas nas mãos dos fortes, pedras nas mãos dos fracos, tantos mortos ilustres semeados por ti no passado, tantos heroísmos em tua honra, da Grécia, de Roma, da antiga França, inscritos pela humanidade no livro de ouro do patriotismo... Nada disso lhes fala agora, homens!... homens que têm braços de ferro! Eles querem abrir as portas de sua cidade, querem ficar aqui sem nem terem sido batidos! Estão exigindo essa humilhação! Eles a propõem, eles a exigem, eles têm pressa, têm fome dela! E são franceses!... franceses, vocês?... com a Revolução, nada se mexeu dentro de seus co-

rações? Vocês não se sentem crescer, ficarem gigantes?... Renderem-se?... Ah! já basta uma Longwy!<sup>73</sup>... E eu não quero uma Lavergne!... Renderem-se?... e a quem?... a Brunswick! Ao homem que prometeu nos corrigir como crianças revoltadas, ao homem que vem para chicotear a França! E quem sabe? ele tivesse apenas que passar sobre peitos como os de vocês, ele poderia conduzir seus senhores, a coalisão de Reis, para o Opéra, no dia 15 de setembro, naqueles camarotes audaciosamente alugados com antecipação!<sup>74</sup>

**[GRITOS DO POVO]** Fora! Fora! Capitulação! Capitulação! Fora!

**[PERRIN]** Oh! vocês vão me escutar até o final! Eu sou a sua honra que lhes fala! Defensores de Verdun, vão voltar para seus lares para que suas noivas os recusem e para que as crianças na rua gritem às suas costas “Ele entregou Verdun!” Meus camaradas, meus amigos, vocês todos, filhos da liberdade que está nascendo, crianças perdidas do exército que deve combater por ela e fazê-la triunfar, os povos da Europa olham para vocês e têm esperança em vocês, a Nação os espera. Vocês não desistirão desse destino que a guerra lhes prepara de ser a sentinela avançada de vinte milhões de homens livres! Republicanos, meus irmãos, vocês podem igualar as virtudes das antigas repúblicas; devem isso à história! O momento é supremo e não voltará a acontecer. Vocês estão entre a imortalidade e a infâmia... Pensem nisso: está à sua

---

<sup>73</sup> Comuna francesa do Grande Leste, não distante de Verdun. A França estava em guerra com a Áustria desde 20 de abril de 1792. Os exércitos prussianos investem contra Longwy, em 23 de agosto, e Verdun, cercada, está perto de sofrer a mesma sorte.

<sup>74</sup> O *Manifesto de Brunswick* foi uma proclamação atribuída ao chefe do exército prussiano Charles-Guillaume-Ferdinand, duque de Brunswick, datado de 25 de julho de 1792 e dirigido ao povo de Paris. Destinado a intimidar aquela população, o manifesto “tornando pessoalmente responsáveis por todos os acontecimentos, com prejuízo de suas cabeças, para serem julgados militarmente, sem esperança de perdão, todos os membros da assembleia nacional, do departamento, do distrito, da municipalidade e da guarda nacional de Paris, juizes de paz, e de todos os outros do mesmo teor; declarando, além disso, sobre suas majestades, sem prejuízo da fé e da palavra de imperador e rei, que, se o castelo das Tulherias for forçado ou insultado; que, se for causada a menor violência, o menor ultraje a suas majestades o rei e a rainha e à família real; se não for providenciada imediatamente sua segurança, sua conservação e liberdade, eles merecerão uma vingança exemplar para sempre memorável, predispondo a cidade de Paris a uma execução militar e a uma subversão total, e os revoltados, culpados de atentados, ao suplício que terão merecido”. Como resposta do povo ao manifesto, caricaturas mostravam seu texto sendo utilizado para limpeza do corpo nas latrinas públicas. E a Revolução se radicalizou: dali a pouco mais de uma semana era 9 de agosto. As execuções sumárias ocorreram entre os dias 2 e 7 de setembro em Paris e se espalharam por toda a França nos conhecidos “Massacres de setembro”, num total aproximado de 1.400 vítimas; os mortos religiosos foram considerados mártires pela Igreja católica e, 191 dentre eles, beatificados em 1926 pelo papa Pio XI, dos quais 3 bispos, 127 padres seculares, 56 religiosos e 5 laicos.

frente a porta da França... A vocês cabe fazer dela as Termópilas<sup>75</sup> ou as Forcas Caudinas!<sup>76</sup> Escolham: as chaves da pátria estão em suas mãos. Se Verdun for tomada... amanhã esse grito imenso ecoará por toda a França: *A Pátria está em Perigo!*<sup>77</sup> Amanhã, as cidades dirão às cidades, as aldeias às aldeias, os campanários aos campanários, os ventos aos horizontes: *A Pátria está em Perigo!* Amanhã a bandeira preta vai flutuar na flecha da Notre-Dame!<sup>78</sup> Amanhã!... O inimigo estará a um passo de Paris!...

## Cena 10

*(a Cônia e Blanche se imiscuem na multidão durante as últimas palavras de Perrin)*

[CÔNEGA] O inimigo? Não existe o inimigo!

[PERRIN] Quem ousa dizer isso? Quem é essa voz que fala por ele? que eu veja essa boca e esse rosto ímpios!

[CÔNEGA] *(mostrando-se)* Aqui! Olhe-me e me reconheça!

---

75 A Batalha das Termópilas foi travada no contexto da Segunda Guerra Médica entre uma aliança de pólis gregas liderados pelo rei de Esparta Leônidas I e o Império Aquemênida de Xerxes I. A batalha durou três dias e se travou no desfiladeiro das Termópilas ('Portões Quentes') em agosto ou setembro de 480 a.C.

76 A Batalha das Forcas Caudinas, em 321 a.C., foi um evento decisivo da Segunda Guerra Samnita e é chamada de "batalha" por mera formalidade histórica: não houve combate e nem baixas. Os romanos foram emboscados num local sem água pelos samnitas antes de saberem o que estava acontecendo e não houve alternativa a não ser negociar uma rendição desfavorável. A ação foi inteiramente política, com os magistrados de ambos os lados tentando obter as melhores condições para seu lado sem desrespeitar crenças comuns sobre as regras de guerra e a condução da paz. No final, os samnitas decidiram que seria melhor para as futuras relações com Roma deixá-los ir embora com a promessa de que não continuariam, por motivos religiosos e de honra, a campanha contra eles.

77 O grito "La Patrie en danger" faz referência a uma declaração da Assembleia francesa de 11 de julho de 1792, em resposta à entrada da Prússia aliada à Áustria contra a França. Em consonância com o levante em massa declarado no ano seguinte, essa expressão faz parte da ideia engrandecedora de "guerra do povo" que se desenvolveu durante a Revolução francesa, em que a ideologia mobilizava não apenas a mão de obra para os exércitos regulares, mas inspirava igualmente os cidadãos ordinários a se bater por sua própria conta.

78 Não se encontrou qualquer referência a bandeiras pretas na longa crônica dos eventos que performaram a Revolução iniciada em 1789. Para a insurreição de julho de 1830, são muitas as notas sobre uma bandeira preta tremulando pela primeira vez na França no Hôtel de Ville. Mas o poeta Alphonse de Lamartine, em *La Révolution* de 1848, opoñdo-se à bandeira tricolor, exclama: "Preferiria a bandeira preta que às vezes se vê flutuar numa cidade sitiada." Já em 2 de março de 1871, quando do desfile das tropas prussianas de Bismarck em Paris, "os parisienses cobrem a cidade com bandeiras pretas". Depois, frequenta todas as manifestações reivindicativas pelas ruas de Paris, como em Maio 68.

[PERRIN] Mas já estou no meio de prussianos!

[CÔNEGA] Os prussianos! Que venham, que passem, que derrubem o Rei!

[MULTIDÃO] Sim, sim, os prussianos! Ela tem razão!

[CÔNEGA] Todos? Não, esse grito é para todos? Não querem mais disso tudo? Já estão cansados dos males dessa revolução? Vocês se revoltam contra seu Rei, revoltam-se contra seus nobres, revoltam-se contra a antiga felicidade e a velha religião de seu país? Mais daquela assembleia de Paris, e a vassoura nessa corja de juizes, de advogados, de mercadores de palavras! Sim, sim, abaixo a Assembleia! Abaixo a Assembleia!

[PERRIN] (*ao conselho*) Estão ouvindo, senhores? Não tenho eu toda razão? Estamos na França de 92? Existe isso? Uma constituição, leis, uma vontade nacional, uma soberania popular? Que povo é esse? e que são vocês vocês-mesmos? O que fazem para vir aqui, é para salvar a cidade ou para entregá-la? Eu intimo vocês a me negar esse grito e a me impedir de ouvir vocês...

[MULTIDÃO] Rendição! Rendição!

[PERRIN] Não! Antes a morte!

[MULTIDÃO] Abaixo o comandante! Abaixo o comandante!

[PERRIN] Vocês são todos traidores, covardes!

[MULTIDÃO] Abaixo o comandante! Que ele assine ou morra!

[PERRIN] Sim, que seja, eu morro. Só peço à sua cidade infame para ir embora uma bandeira tricolor<sup>79</sup> e dois cavalos pretos...

[GRITOS DAS MULHERES] Ele vai matar nossos filhos! Vai roubar nossas casas!

[CÔNEGA] O Rei! Precisamos do nosso Rei! (*para Blanche*) Grita, menina. Você não se mexe para nada

[MULTIDÃO] Sim, sim, viva o Rei!

---

<sup>79</sup> A bandeira tricolor *bleu-blanc-rouge* simboliza a Revolução de 1789, e seu uso como símbolo nacional se firmou com a Revolução de 1830. São várias as interpretações e os valores simbólicos das três cores, sendo o azul e o vermelho as cores de Paris (e da milícia parisiense na Revolução) e o branco a cor da monarquia.

[PERRIN] Granadeiros! Expulsem os sediciosos! Fechem as portas! (*luta entre os granadeiros e a multidão. Ela é expulsa.*)

[GRITOS] Abaixo o comandante! A capitulação! A capitulação! Imediatamente! Que se abra a porta para o Rei da Prússia!

[PERRIN] Senhores, acreditem, se se tratasse apenas da minha vida, eu não os cansaria por tanto tempo...Mas se trata da responsabilidade, que também toca a vocês, para com o engajamento sagrado que vocês assumiram de defender esta cidade contra o inimigo, contra ela mesma.

[LAPALLU] (*apresentando-lhe um papel*) Comandante, gostaria de dar uma olhada neste documento?

[PERREIN] Esse documento que acabaram de redigir? Não, não, eu já adivinho o que ele contém.

[NEYON] O senhor se recusa, comandante? Então, eu o lerei.

[MULTIDÃO] Leia! Leia!

[PERRIN] Eu o proíbo! (*arranca o papel das mãos dele e o lê*) Haverá, senhores, entre vocês qualquer um que assine isso?... um soldado, talvez!...Vocês, povo de Verdun, escutem o seguinte... O soldado da liberdade é em mim o amigo da humanidade. Não quero de modo algum dilapidar o sangue de vocês para uma defesa inútil. Tenho piedade por seu infortúnio e sua infelicidade. Eu lhes digo então: não respondam ainda às ofertas do inimigo. Eu lhes prometo, eu lhes asseguro salvar a todos!... Verdun: aqui lhe juro: eu te salvarei! – E agora não sentirei mais temor por vocês, miseráveis mulheres que aqui vieram incentivar os homens à covardia, não temerei mais que a justa vingança da Pátria e a longa guerra façam nos grupos em que vejo vocês buracos vermelhos e maiores ainda do que fizeram os canhões prussianos!

[MULTIDÃO] Chega! Chega! Acabemos com isso!

[PERRIN] Vocês não consentem nem mesmo em esperar? Pois bem, que as mulheres, as crianças, os doentes, os medrosos de todos os sexos e todas as idades saiam da praça e que nos deixem, nós os soldados, resistir até o último e manter nosso juramento de vencer ou morrer... (*a multidão não o escuta, cerca o conselho, tenta ler a aceitação – para Marceau, à parte*) Amigo, minhas forças estão no fim...não tenho mais voz, não tenho mais palavras... Tombar por esses covardes, esses traidores, esses vendidos... Porque ele se vendeu, veja bem, esse conselho que ali está... mas diga comigo que ele se vendeu, e então poderei cassá-lo, dissolvê-lo, mandar fuzilá-lo...



[MARCEAU] Sim, comandante...

[PERRIN] *(com espanto)* E se a cidade sublevada abrisse suas portas... O batalhão está na cidadela... fogo nos paióis!... Você me ouviu? Você me compreendeu, Marceau? *(tumulto)*

[UMA VOZ] Acabemos com isso!... A leitura! A capitulação! Que todo o mundo a ouça!

[A MULTIDÃO] Sim...! sim!... A capitulação! A leitura!

[PERRIN] *(com um tom solene)* Cidadãos!... Só uma palavra!... É a última vez que vocês vão ouvir a voz do comandante de Verdun... Cidadãos, vocês querem capitular? Estão mesmo resolvidos a isso?

[DE TODAS AS PARTES] Sim! Sim!

[PERRIN] É essa a vontade de todos?

[AS VOZES] Sim! Sim!

[PERRIN] Pois bem, cidadãos, antes de entregar a praça onde eu respondia pela minha honra, e sobre minha espada, antes de colocar minha assinatura nesse documento, eu lhes peço alguns momentos para me recolher, e me interrogar, para descer a mim mesmo, e nos consultarmos os dois: minha consciência e eu... Alguns minutos, lá, no meu quarto, ali ao lado... *(ele atravessa a sala lentamente, no silêncio geral. Ao passar diante de Blanche, saúda-a gravemente, abre a porta, desaparece.)*

## Cena II

[LAPALLU] Senhores, creio que agora podemos assinar...

[CÔNEGA] Minha sobrinha, amanhã iremos à frente do Rei da Prússia, e em três dias, o Templo<sup>80</sup> nos entregará o Rei da França.

[BLANCHE] Sim, minha tia. *(à parte)* Como ele estava pálido, os olhos arregalados! *(ouve-se um tiro de pistola)*

---

<sup>80</sup> A Torre do Templo, antigo edifício construído pela Ordem dos Templários a partir dos anos 1240, serviu de cárcere à família real da França nos anos 1792-1793, durante a Revolução francesa. Destruída em 1808.

[UMA VOZ DO CONSELHO] Ah! no quarto do comandante! *(Marceau e alguns soldados se precipitam para o quarto)*

[MARCEAU] *(voltando)* O comandante não vai mais assinar... Ele está morto!

[MULTIDÃO] Morto!

[LAPALLU] Cidadãos, a capitulação está assinada! Vai ser enviada logo em seguida. *(para Marceau)* Ajudante, você deve levá-la. *(Marceau, que segura o documento da capitulação, permanece de costas lendo-a)* Pois bem, ajudante, o que está fazendo aí parado? Vai, a cidade inteira está esperando...

[MARCEAU] Ela vai esperar que eu a assinasse também... com lágrimas de ódio!

## Quarto ato

### Fontaine, perto de Lyon

*Na aldeia de Fontaine, perto de Lyon.*

*Uma sala de albergue.*

*À esquerda, a porta de um esconderijo dissimulada na parede.*

*No fundo, porta, janela e escada em madeira que leva aos andares superiores.*

*À direita, uma porta. Bufê, mesas e banquinhos.*



Detenção de Louis XVI e família 1791, Varenne-em-Argonne: a prisão de Louis XVI e família no posto de registro de passes de Varenne em junho de 1791.

## Cena 1

**[ESTALAJADEIRO]** Eu sou o dono dessa joça aqui, não é? Tenho o direito de agir aqui do modo que eu quiser... Pois bem, aqueles que estão aqui, eu não quero mais ninguém aqui... Não quero mais me expor... Quero que eles se escafedam, e bem rápido, ouviu?

[MADELEINE] Pai, o senhor esteve no seu cabaré da Cruz Vermelha, no seu club, e aí voltou mal-educado como aqueles que viu lá... Que razões teria hoje mais que ontem para caçar aquelas pobres pessoas? Foi seu bom coração que as recebeu, foi o senhor que lhes quis fazer algum bem; por que não quer mais ser bom?

[ESTALAJADEIRO] Ta, ta, ta... De fato, você bem sabe que não existe mais domingo, é a década que é a festa... Quero que, neste momento, você me dê a camisa branca do dia da década.

[MADELEINE] Pai, o senhor vai colocar sua camisa branca e suas belas roupas de domingo, e não vai trabalhar mais... tanto que vou estar com o Senhor... porque o domingo é o repouso de Deus, esse dia... Ou eu, ou os mal-educados ali, escolha...

[ESTALAJADEIRO] Não se irrite.

[MADELEINE] Não estou irritada.

[ESTALAJADEIRO] O que eu lhe disse foi...

[MADELEINE] Veja o senhor, pai, o senhor é de natureza boa... Mas quando vai lá, o senhor volta cinzento e mau e impiedoso.

[ESTALAJADEIRO] Então você me proíbe de dar uma vultinha, nada mais que uma vultinha nesta noite?

[MADELEINE] Isso nós vamos ver.

## Cena 2

[PERRIN] *(entrando com um Ajudante pela porta do fundo)* Oi aí! Uma aveia para nossos cavalos, pode ser? *(o estalajadeiro sai)*

[AJUDANTE] *(para Madeleine)* Eh! Beleza, traz aí alguma coisa pra gente beber! *(Madeleine vai até o bufê pegar os licores)*

[PERRIN] Por que foi que paramos aqui?

[AJUDANTE] História de mulher, meu general... Uma cidadã local a quem devo dizer algumas palavras... negócio de quinze minuto e nos vamos em seguida.

[PERRIN] Sujeito safado!

[AJUDANTE] Oh! você é um Catão,<sup>81</sup> você, general... você tem no exército uma reputação de sabedoria, de virtude...

[PERRIN] É verdade... O homem que existe em mim não amou... Não tive tempo para isso. No dia em que fui um jovem, eu fui soldado. Meu metiê me ocupou por inteiro... A guerra me conduziu em seus braços; só via a guerra; ignorei por completo a mulher... Minha austera e sagrada amante foi a liberdade. Dediquei a ela minha vida; e agradei a Deus que ela tenha desejado o dia em que a entreguei!... Eu mereceria por conseguinte não sobreviver a mim; eu estava entre seus amantes, digno, juro, de morrer por ela!

### Cena 3

[CONDE] (*entra disfarçado de jacobino<sup>82</sup>, com uma gaiola onde estão dois pombos, que ele coloca sobre a mesa. Senta-se e bate na mesa com seu sabre*) Pois bem, pela republicanice dos bravos republicanos, então não existe, neste albergue de aristocratas, alguém que possa trazer um engasga-gato para um patriota com sede?

---

81 Marco Pórcio Catão, dito o velho, descendente da gente Pórcia, 234-149 a.C. político e escritor, eleito cônsul em 195. Perto de suas terras estavam as de Lúcio Valério Flaco, um jovem patrício membro da poderosa gente Valéria. Na sociedade romana da época estava ocorrendo uma transição entre os valores tradicionais da vida rústica, baseada havia muito tempo no Lácio (e, de forma geral, em toda a Itália), para valores mais ostensivos, procedentes da civilização helênica e oriental. A magistratura mais alta da política romana, o consulado, estava nas mãos de algumas poucas famílias aristocráticas imensamente ricas. Esses patrícios, apesar de famosos por sua corruptibilidade, também eram populares entre os romanos por sua generosidade, modos elegantes, oratória refinada, conhecimentos artísticos e literários e, sobretudo, pela fama de seus antepassados. Os nobres menos favorecidos reagiram criando uma facção no Senado que defendia o retorno aos valores tradicionais herdados dos sabinos, um sinal da resistência e da robustez. Flaco, um membro dessa facção conservadora, não pôde ignorar a energia e a moral de Catão, sua austeridade e seu padrão de vida, características às quais se somavam ainda a sua eloquência e talento militar.

82 O simbolismo na Revolução francesa foi uma estratégia para distinguir e celebrar (ou vilificar) suas características principais e assegurar a identificação e apoio pelo público. Para ilustrar efetivamente as diferenças entre a nova República e o Antigo Regime, os líderes implementaram uma nova rede de símbolos para ocuparem o lugar do velho simbolismo religioso e monárquico. Entre os jacobinos, por exemplo, tornados poderosos, houve uma repulsão contra a alta moda por causa de sua extravagância e associação com a realeza e a monarquia. O vestuário foi substituído por uma espécie de “anti-moda” para homens e mulheres que enfatizava a simplicidade e a modéstia. Os homens se vestiam despreziosamente, roupas escuras e cabelos não-empoados. Os sans-culottes vestiam-se de maneira particular, e logo surgiram os *muscadin*, com roupas espalhafatosas e comportamento amaneirado. A partir de 1795, o estilo ‘diretório’ fincou raízes eternas e estimulou *la mode*, que incorporou e desenvolveu os sentidos de sazonalidade e provisoriedade, vindo desembocar na *fashion* do século XXI.

[MADELEINE] *(ao conde)* Já vou servir. *(faz sinal para o pai servir o conde)*

[CONDE] Diz aí, cidadã, será que vai arranhar seus ouvidos se eu a tratar por você, como fazem os cidadãos? *(para o estalajadeiro, que lhe serve um copo de aguardente)* Você, chega. Você é um cidadão verdadeiro? Um puro? Praticou atos de *civilismidade*? Você quer a morte dos tiranos aliados? Está com as mãos coloridas? Então, toma uma comigo.

[PERRIN] *(para o ajudante)* Não, veja, uma estrela mal fadada como a minha... um infeliz destino de soldado... sempre diante de mim... peitos de franceses... Em Verdun... depois aqui... Estão felizes aqueles que lutam no Reno, aqueles que lutam nos Alpes! Ah! eles podem colher a glória que não está manchada do sangue de sua terra... a noite de suas batalhas, eles podem embainhar as espadas sem ali limpar o remorso das nossas... Sim, eu invejo aqueles que se vão, invejo Kellerman,<sup>83</sup> que saiu vivo de Lyon... Tristes coroas de louros que nos legam: as lágrimas pela pátria não secam jamais.

[AJUDANTE] *(apontando para o conde)* General, aquele homem ali...

[PERRIN] Hein? Aquele ali... ele que ouça... Nos campos mantivemos para esses homens o direito de dizer aquilo que pensamos... é nossa liberdade para com os outros, uma coragem que se refugiou nos exércitos com a honra da França... Fique tranquilo, não se amordaçam bocas que dilaceram cartuchos!... Sim, Lyon me causa horror... Você vê muito bem que estou fora disso e me livro tanto quanto possa... quando a gente lutava, era guerra... Mas agora que não se mata mais, que não se massacra!... Ah! essas metralhadas, essas fuzilarias, na planície de Part-Dieu,<sup>84</sup> aquelas mulheres, aquelas crianças... não, não! Não consigo mais entender isso! Não quero mais ver isso ... Veja, às vezes me parece que trocaram nosso uniforme por uma carmanhola<sup>85</sup> de carrasco!

[CONDE] Pela navalha da igualdade! Essas são palavras de Pitt e Cobourg! Palavras de um aviltador das autoridades constituídas! Palavras contrarrevolucionárias, hã, e que todo bom republicano, você em primeiro lugar, cidadão estalajadeiro, responsável por todos os suspeitos que recebe aqui, deveria denunciar...

---

<sup>83</sup> François Étienne Kellermann, 1770-1835, general de cavalaria francês; foi ajudante-de-campo de seu pai na campanha dos Alpes e participou do cerco de Lyon.

<sup>84</sup> Antigo aglomerado urbano nas cercanias de Lyon, hoje distrito da grande cidade, mais propriamente seu centro financeiro.

<sup>85</sup> Espécie de casaco estreito, com gola caída sobre os ombros e numerosos botões, adotado na França, especialmente pelos revolucionários de 1789; também por extensão, canção e dança de roda dos tempos da Revolução francesa, canto popular muito em voga durante o período do Terror, na primeira República, e acompanhamento habitual das execuções, mais tarde proibidas por Napoleão quando foi primeiro-cônsul; ainda, revolucionário fanático da primeira República, na França, que se vestia de carmanhola.

[MADELEINE] (*arrastando seu pai*) Vem, papai... Ah! o senhor bem poderia ir agora para o seu club. (*ela sai com o pai falando com ele*)

[CONDE] Mas fique tranquilo, satélite dos tiranos! estou aí... (*o ajudante se levanta, ameaçador*)

[PERRIN] (*ao conde; segurando o ajudante*) Fale, camarada. A guilhotina, não é? Pois bem! Gostaria de ver nós dois subirmos lá: nós veríamos quem gritaria com mais coração: viva a república!

[CONDE] À felicidade do reencontro, cidadão geral! (*ele bebe*) Droga de bebida ruim! Parece feita de água de sopa de pato e pimenta amarga... (*à parte*) Agora, vamos fingir de bêbados dormindo; evita a gente mostrar documento.

[PERRIN] (*ao ajudante*) Vamos, meu caro, vou esperar.

## Cena 4

(*Perrin perdido em suas reflexões.*

*O conde fingindo dormir*

*Longo silêncio.*

*Blanche empurra suavemente a porta de seu esconderijo.)*

[BLANCHE] Nenhum barulho!... Eles se foram... (*percebendo Perrin*) tem alguém ali... ele!...

[PERRIN] Senhorita de Valjuzon! Aqui!... Não está na Suíça? Me disseram que você e sua tia... eu perguntei quando entrei em Lyon...

[BLANCHE] Obrigado por ter se lembrado... Não, nós não pudemos passar... Fomos escondidos aqui por uma heroica filha do dono da casa...

[PERRIN] Ter me lembrado?... Oh! veja, senhorita, você não sabe do tormento daquela lembrança durante todo aquele cerco!...

[BLANCHE] (*percebendo o conde*) Ah! tem um homem ali!...

[PERRIN] Um bruto, tá dormindo... quando reconheci seu tio nas trincheiras, de repente, pensei que você não devia estar longe. E então... Oh! às vezes nossos deveres são cruéis... Aquelas bombas, aquelas balas, aqueles biscainhos,<sup>86</sup>

---

<sup>86</sup> Tipo de mosquete de grande calibre.

o ferro e o fogo, aquela morte brutal, aquela morte cega que eu tinha de atirar em seus muros, sempre parecia que tudo era para você... Oh! dizer em cada golpe “este bem podia ser para ela!” E aquela fome nos últimos dias! Com frequência eu só conseguia comer meio pão de soldado, como se houvesse alguém cuja metade eu pudesse roubar!

**[BLANCHE]** Sim, sim, passamos por duros momentos... eu me lembro de uma cólera de meu bom tio por uma omelete que eu tinha deixado cair no fogo... não tínhamos nada mais naquele dia...

**[PERRIN]** Você ainda ri.

**[BLANCHE]** Não como antes... Acabou... Eu mudei bastante agora... Anos como esses nos envelhecem muito depressa! Ah! em tempos como esses não se permanece jovem durante muito tempo. As tristezas da vida exigem demasiado de uma mulher...

**[PERRIN]** Sim, é verdade, já tantas lágrimas em nossos vinte anos... e no lugar daquele sonho: futuro, fortuna, prazer, a corte, todas as felicidades e todas as vaidades de seu mundo precedente, nada! Nada mais que aquilo: a miséria, as privações...

**[BLANCHE]** A miséria, as privações... Não lamente isso... eu jamais teria acreditado, antes de as conhecer, que aquilo foi uma prova muito pequena e que merecia tão pouco por causar medo a um coração mais elevado que elas? O passado? Esqueci, quando o perdi, tudo que ele me prometia. Minha ruína? Já vi maiores. E se o vilão onde vivo me deixava sem angústias com relação aos meus, se eu não tremesse por tudo o que me resta... meu tio... você não sabe nada? (*Perrin responde com um gesto triste*) Sim, me disseram... mas, apesar disso, quando quero incluir o nome dele em minhas preces ao lado dos nomes de meu pai e minha mãe, minha boca não consegue dizer, como o nome de um morto, de alguém que Deus retomou para sempre...

**[PERRIN]** Sua tia está com você?

**[BLANCHE]** Sim... Ela foi a uma aldeia vizinha curar um ferido, um moribundo.

**[PERRIN]** E ela não me deixará salvar você, não é? E seu orgulho não me permitirá ser hoje para você o pai que encontrei no seu?

**[BLANCHE]** Não é minha tia... sou eu que não aceito mais... obrigado, obrigado, meu amigo. Não pode fazer nada por nós, a não ser se expor... E não quero isso. A vida nos reuniu antes; ela nos separou... Pois bem, aceitemos as separações, os sacrifícios, e que cada um de nós siga sozinho seu caminho até o fim, sozinho.



[PERRIN] Você está me recusando?

[BLANCHE] Sim.

[PERRIN] Pois bem, eu... vou embora para Lyon... E quando eu voltar, o que não vai demorar muito, eu lhe digo, confie em Perrin, vai ser preciso que eu a salve, você queira ou não...

[CONDE] (*tirando sua peruca e indo bater no ombro de Perrin*) Sem o consentimento de seu tio, cidadão general?

[PERRIN] Senhor de Valjuzon?

[BLANCHE] Meu tio!... o senhor!

[CONDE] Eu mesmo!... sim, eles escreveram à Convenção<sup>87</sup>... Mas, como você vê, não estou nada mal.

## Cena 5

[MADELEINE] (*entrando; à parte*) Perdida!

[BLANCHE] Ó meu tio, que felicidade! E também por minha tia!

[MADELEINE] Seu tio!... (*para Perrin*) General, seu camarada o espera embaixo.

[CONDE] Meu Deus, sim... eu insisto em existir... até existo enormemente, como pode constatar... Ah! general bandido, você nos canhoneou naquela porta de Saint-Irénée, cuja defesa me fora confiada por Précý<sup>88</sup>...

[PERRIN] Ah! senhor conde, sem reprimenda, você não estava cuidando bem dela...

---

<sup>87</sup> A Convenção Nacional ou simplesmente Convenção é a denominação dada ao regime político que vigorou na França entre 20 de setembro de 1792 e 26 de outubro de 1795, no processo da Revolução francesa. Sucedeu ao regime da Assembleia Nacional Legislativa (o parlamento francês instituído pela Constituição de 1791) e fundou a Primeira República Francesa. Seus membros foram eleitos por sufrágio universal masculino, fato inédito na França e no mundo, com a finalidade de dar uma nova constituição ao país, o que se tornara necessário desde a destituição de Luís XVI, em agosto de 1792.

<sup>88</sup> Louis François Perrin de Précý, 1742-1820, general francês, comandante dos lioneses por ocasião do cerco de Lyon em 1793.

[CONDE] Lógico! Francês contra francês, sempre tem coração dos dois lados; é só prazer... Nada de estrangeiros! Estrangeiro no jogo sempre embaralha as cartas... E sempre agradei esse ferimento do diabo: ele me livrou da campanha do Norte onde eu teria servido ao lado de pessoas com quem meus pais tanto haviam lutado... Lavemos nosso sangue em família, diabos! E mostremos à Europa que sempre haverá muitos soldados entre nós, mesmo em nossas discórdias, para defendê-la! (*para Madeleine*) diga, então, cidadã estalajadeira, que me serviu essa gororoba líquida patriótica, (*o general sai*) agora que você me conhece, você bem poderia me servir da aguardente aristocrática... (*Madeleine sai; o conde retorna*) Pois bem, foi embora esse Perrin?

[BLANCHE] Mas, como, meu tio, o senhor conseguiu escapar?...

[CONDE] Ah! Como? Será que eu mesmo sei?... Me falta o ar quando penso nisso, como uma história que me tivessem contado... Duas horas após nossa separação, lá estávamos nós, meus homens e eu, ao longo do rio Sône.<sup>89</sup> Muita neblina, felizmente. Nenhum tiro de fuzil até o desfiladeiro de Saint-Cyr.<sup>90</sup> Mas, ao entrar no território do monte d'Or, rajadas de tiros, nos vinhedos, nas cercas vivas, nos matagais, da artilharia de uma das colinas. Era preciso passar; Précý nos faz atacar com arma branca; nossa coluna é esmagada. O que resta dela abre uma brecha, ganha o Sône; nada de barcos! E o campanário soa por toda parte, e por todos os lados os camponeses com fuzis e pastores com cajados... No bosque de Alix, cada um abandona seu cavalo e sua mala... Ah! eu me lembrarei de Tarare e de Forez!<sup>91</sup> Uma viagem rude em que éramos perseguidos como bestas selvagens!... Finalmente, na aldeia de Sainte-Agathe, um camponês consentiu em me esconder, mas você sabe, eu, não tenho vocação pra ficar preso num quarto... e depois um abominável vinhozinho do Juras... me ocorreu a ideia de ir para a Vendéia<sup>92</sup> na maior confiança... Oh! Deus, eu só tinha de atravessar... não sei como chamam aquilo com seus novos nomes de departamentos... o Auvergne, o Bourbonnais, o Berri, a Touraine,<sup>93</sup> algumas centenas de léguas.

---

89 Louis François Perrin de Précý, 1742-1820, general francês, comandante dos lioneses por ocasião do cerco de Lyon em 1793.

90 Rio que atravessa Lyon; nasce nos Vosges e deságua no Ródano, ali mesmo em Lyon.

91 Saint-Cyr-au-Mont-d'Or é hoje uma comuna francesa na região metropolitana de Lyon.

92 Áreas próximas a Lyon.

93 Departamento francês, atravessado pelo rio Vendée; criado pelo decreto de 22 de dezembro de 1789, relativo à constituição das assembleias primárias e das assembleias administrativas, que previu a nova divisão do reino em 75 a 85 departamentos, cada um deles com 9 distritos, cada um com cerca de 4 léguas quadradas de superfície. O número definitivo foi fixado em 83 em 26 de fevereiro de 1790.

## Cena 6

[MADELEINE] (*trazendo uma garrafa*) Tem alguém aí... (*para o conde*) Você, sua peruca... (*para Blanche*) Depressa, senhorita. (*Blanche volta para seu esconderijo*)

## Cena 7

(*Boussanel entra*)

[MADELEINE] Cidadão, o que você quer?

[BOUSSANEL] Nada... Um copo d'água. (*ao conde*) Quem é você?

[CONDE] Um pobre patriota, cidadão, de perto daqui, de Alès... uma boa terrinha onde todo mundo tem opiniões à altura...

[BOUSSANEL] Tá bem, cale-se... Cidadã, você tem, aqui em Fontaine, emigrados, conspiradores, monarquistas, fugitivos de Lyon?

[MADELEINE] Não conheço ninguém.

[BOUSSANEL] Sua estalagem está infectada de *moderantismo*<sup>94</sup>...

[CONDE] Uma aldeia de *moderantice*!<sup>95</sup>...É verdade isso aí, cidadã? Triplo canhão *desculhonado*! Eu acredito que ficaria envenenado se tomasse um gole a mais aqui.

[BOUSSANEL] Sua casa foi muitas vezes denunciada como esconderijo daqueles que agora estão fora da lei e procurados pela justiça nacional... Você mesma...

[MADELEINE] Procura então por aí, vai procurando...

[BOUSSANEL] Cidadã, sabia que está falando com o cidadão Boussanel, comissário nacional do distrito da periferia de Lyon para prender os suspeitos e desfanatizar o interior?

[MADELEINE] Estou sabendo.

[BOUSSANEL] Pois bem, toma cuidado, mulher, já faz tempo que a revolução encontra em seu sexo lágrimas conspiradoras e compadecimentos *libertici-*

---

<sup>94</sup> *Modérantisme*: sistema político de moderação discutido em 1793; ideias próximas (muitas vezes tomados como sinônimos) ao federalismo, royalismo, etc.

<sup>95</sup> Partidário de Jean Marie Roland, líder de uma das várias facções dos girondinos.

das... Tem vontade de conhecer o trovão de Deus dos homens livres? E seu sangue servir de pia batismal para os manes dos patriotas imolados em Lyon? (*levanta-se e segura as mãos dela*) Mas você não sabe, minha filha, que o primeiro dever de uma republicana é denunciar todos aqueles que conspiram contra a liberdade, denunciar os aristocratas, denunciar os rolandistas,<sup>96</sup> denunciar os moderados, denunciar os egoístas, denunciar os agiotas, denunciar os monopolistas, denunciar a casta fanática?...

[CONDE] Por essa razão, eu, cidadão, denunciaria até minha mãe.

[BOUSSANEL] Bem, meu amigo, esse é o grito de uma alma *sans culotte*.<sup>97</sup> Homem dos campos, que não sofreu o amolecimento das cidades, nutridor do gênero humano, criador do pão e do vinho, você compreende que é belo ultrajar a natureza para honrar a pátria...

[MADELEINE] Mas, cidadão Boussanel, eu já lhe disse que não há ninguém aqui que se devesse denunciar...

(*Boussanel olha-a com cólera, levanta-se bruscamente e caminha pela sala*)

[BOUSSANEL] Ó cidade e periferia de Lyon, envenenada por seu luxo e pelos vícios da França e da Europa! Terra de negociantismo, de mercadores ávidos e corrompidos, de mulheres incívicas,<sup>98</sup> de artesãos mecânicos, de camponeses e de camponesas vendidos e vendidas ao antigo regime;<sup>99</sup> povo do Sâone e do Rhône,

---

96 Partidário de Jean Marie Roland, líder de uma das várias facções dos girondinos.

97 O culote era uma espécie de calções justos que se apertavam na altura dos joelhos, vestimenta típica da nobreza francesa à época da Revolução. *Sans-culotte* (lit. “sem culotes”) foi a denominação dada pelos aristocratas aos artesãos, trabalhadores e até pequenos proprietários participantes da Revolução francesa, principalmente em Paris. Em seu lugar, estiam uma calça comprida de algodão grosseiro, traje tipicamente utilizado pelos burgueses. Além dessa peça, usavam tipicamente a *carmagnole*, o barrete frígio vermelho da liberdade e *sabots*, os sapatos de madeira. Os *sans-culottes* eram republicanos, essencialmente trabalhadores urbanos dos mais variados metiês, defendiam o aprofundamento das reformas políticas e a tomada de ações de natureza popular. Oficializaram o tabelamento de preços e impuseram violenta perseguição política àqueles que poderiam ameaçar a revolução.

98 Não é a única vez na peça que um *royaliste* diz de forma deturpada alguma palavra do novo vocabulário. O *civisme* “virtude cívica” era uma qualidade desejada pelos revolucionários; seu contrário, o *incivisme*. O Conselho Geral da Comuna de Paris se encarregava de expedir o *certificat de civisme* aos cidadãos que havia cumprido seus deveres cívicos: um atestado de boa conduta e ortodoxia política. Era entregue principalmente aos responsáveis pelos negócios públicos. Muitos o solicitaram durante o Terror, visto que quem não o possuísse tinha enormes chances de ser preso. Foi suprimido em setembro de 1795.

99 *Ancien Régime*: expressão cristalizada na língua francesa, refere-se ao sistema social e político aristocrático estabelecido na França., um regime centralizado e absolutista, em que o poder estava concentrado nas mãos do rei.

que das brumas dos dois rios, dos vapores de seus rios, parece lhe fazer uma alma amassada com a lama de um pântano, raça enfeudada para a servidão, lar podre onde jamais poderá viver a virtude de uma república, povo de escravos que nunca se poderá regenerar, paredes que jamais se conseguirá purificar, campos de onde nunca jamais se poderá arrancar a erva mortal da monarquia!

[CONDE] Pela morte de mil diabos! Como ele é bom!... isso é que é pregador!... quero ser desbatizado já se alguma vez na vida já ouvi alguém falar assim com o coração, dá pra dizer que o senhor é um verdadeiro possesso...

[BOUSSANEL] Sim, essas coisas serão assim, desgraçada Lyon!<sup>100</sup> Será preciso atirar teus habitantes para os quatro cantos da França, apagar-te, esmigalhar-te, será preciso fazer da província que tu foste um grande deserto, um lugar vazio no mapa, um vazio maldito em torno de um patíbulo onde só se construirá um monumento a um morto: o monumento de Chalier.<sup>101</sup>

[CONDE] Ah! sim, Chalier,<sup>102</sup> que eles assassinaram, o pai dos *sans culottes*<sup>103</sup>...

[BOUSSANEL] Sim, o pai dos *sans culottes*!<sup>104</sup> Chalier! Meu amigo e meu mestre! Sinal da cruz, patriota, quando pronuncia esse nome! Um santo!<sup>105</sup> Um

---

**100** Ao final do cerco a que foi submetida, a repressão ao povo lionês foi enérgica: mais de 1.900 rebeldes foram metralhados, fuzilados, guilhotinados, canhoneados. A cidade perdeu seu nome, substituído pelo de Commune-Affranchie ou Ville Affranchie “Cidade/Comuna Franqueada”. Estava votada à destruição, mas dentre os 600 imóveis listados para serem derubados, apenas 50 foram efetivamente destruídos. Dirigindo-se à cidade, a personagem Boussanel usa a expressão *Commune-Affranchie* (aqui traduzida por “desgraçada Lyon”) para remarcar os horrores a que a cidade foi submetida.

**101** Marie Joseph Chalier, 1747-1793, padre e revolucionário francês, cuja execução na guilhotina levou a convenção a decretar a destruição da cidade de Lyon.

**102** Chalier pertencia a uma família de advogados. Fez o noviciado com os dominicanos e, em seguida, foi preceptor, até que finalmente entrou para o serviço junto aos comerciantes de seda de Lyon, para quem excursionou pela Europa mediterrânea.

**103** Em 1789 aderiu entusiasticamente aos ideais revolucionários. No 14 de julho participou da Queda da Bastilha. Tornou-se um fanático das novas ideias, leitor voraz das obras de Jean-Jacques Rousseau e venerou Marat como a um deus, a ponto de lhe decorar os discursos, repetindo-os aos operários lioneses; da Bastilha levara até Lyon, a pé e com as mãos nuas, uma das pedras, numa jornada que durou seis dias e noites. Lá chegando, ergueu um altar, sobre a qual depositou a pedra.

**104** À frente de seus partidários girondinos (apelidados de “*chaliers*”) os *sans-culottes* lioneses se mobilizam em torno de demandas sociais: abolição do comércio privado dos grãos, nacionalização dos moinhos e administração estatal das fábricas de alimentos, estabelecimento de salário mínimo diário para os trabalhadores das tecelagens de seda.

**105** Em 29 de maio de 1793, 23 das 32 seções se dirigem contra a Câmara Municipal. Chalier e seus partidários são presos e a municipalidade é suspensa, sendo criada uma nova, provisória, e os enviados da Convenção rechaçados, sendo Chalier levado a julgamento. Por meio de uma carta forjada, armam-lhe a condenação à morte – uma forma de advertirem os extremistas e de confronto à Convenção, sendo finalmente executado na Praça des Terreaux, em 17 de julho.

mártir!<sup>106</sup> Ah! que alma de fogo! Que borbulhar de entusiasmo! Que lava ardente sua palavra, no meio de todos aqueles homens de gelo! Eu o ouço, eu o ouço ainda, quando ele se lamentava que o grande Ser estava tranquilo demais, que o gênero humano não parecia viver, e que ele, se fosse Deus, revolucionaria as montanhas, as estrelas, os rios e o oceano! Santo delírio de Titã,... a quem a revolução dissera: sacuda, abata, construa, regenere, espante! Grande coração louco de Chalier! Seja meu coração! Sangue de Chalier!<sup>107</sup> Corra nas minhas veias! Eloquência de Chalier, toque meus lábios com teu carvão ardente!

[CONDE] Ah! cidadão, marche sempre! É como se o senhor vertesse aí a pinguinha de vinho da revolução.

[BOUSSANEL] Pois bem, meu amigo, se minhas palavras aquecem seu patriotismo, que elas escorram, que elas se precipitem, que sejam uma torrente que jorre impetuosa... Devo-as a você, elas pertencem aos pobres, aos infelizes, os simples... Aliás, elas transbordam de mim, e não conseguirei contê-las... Beba-as, alimente-se delas, e que elas o conduzam à embriaguez da liberdade; que elas façam de você o homem que sacrifica tudo pelo seu amor e por suas vitórias, o homem cujo olho não dorme jamais sobre os complôs, as maquinacões, os traidores, o homem que tem sempre sob seu travesseiro o punhal de Scévole, o ferro de Brutus e o machado de Cromwell!<sup>108</sup>... (*caminhando de repente na direção de Madeleine*) Mulher, você sabe onde estão os Valjuzon!

[CONDE] Valjuzon, não existe um bandido com esse nome aí em Lyon?

[BOUSSANEL] Sim, Valjuzon, o barril de vinho da contrarrevolução! (*põe-se a rir como um louco*) Ha! ha! ha! Uma piada muito boa para rir!... ha! ha! ha! Que figura pateta você deve ter feito na casa de Pluton, meu gordo folgazão! Boa noite para as garrafas, boa noite à comezaina, à patuscada!... com uma cabeça pobre como a sua, imagina, maligna, enfumaçada e oca... Felizmente puseram chumbo republicano aí dentro...

---

106 No patíbulo Chalier profetiza: “*Minha morte custará caro a esta cidade!*” Mas a guilhotina, quer pela falta de uso, quer pela inabilidade de seus manejadores, não funciona como devido: por uma, duas, três vezes desce a lâmina sobre o pescoço de Chalier, sem contudo cortá-lo: seu corpo algemado se contorce, banhado em sangue, até que o carrasco usa um sabre para concluir a decapitação, para horror do povo que a tudo assistia.

107 À notícia dos eventos ligados à morte de Chalier, a Convenção decreta o cerco e a destruição da cidade, elevando-o ao *status* de Mártir da República, ao lado de Saint-Fargeau e de Marat. Essa execução foi o estopim da Revolta lionesa contra a Convenção, e Chalier seria vingado com a destruição de Lyon por Collot d’Herbois e Joseph Fouché.

108 Três figuras históricas, com narrativas do exercício de seu poder envoltas na lenda: Scévole de Sainte-Marthe (1536-1623), poeta francês; Marcus Junius Brutus (85-42 a.C.), senador romano; Oliver Cromwell (1599-1658), general e estadista inglês.

[CONDE] Acredita mesmo, cidadão?

[BOUSSANEL] Tenho certeza disso... mas ele deixou para trás uma irmã, uma sobrinha, ambas conspiradoras... Conheci essas indigitadas tempos atrás, quando não era o homem que sou hoje... Eu até frequentei a mansão delas, e apesar de ainda me resta uma covarde lembrança de que era ligado a essa gente, de ser devotado a ela... Oh! não vou enfraquecer, eu estaria me derrotando, eu os entregarei à justiça nacional, mas, entregando-os, poderei lhes dizer: Coloquem a mão sobre meu coração e verão o que ele sofre! Ah! povo de Fontaine, vocês não sabem o que é um verdadeiro republicano; se meu braço conspirasse, eu o cortaria. *(olhando para Madeleine fixamente)* E você, mocinha, você me ouviu, você me compreendeu... se você recebesse aquelas pessoas... se você as escondesse... E se você não as entregasse... você seria vigiada de perto... e eu voltarei... Adeus, amigo!

[CONDE] Saúde e fraternidade, cidadão Boussanel. *(Boussanel sai; Madeleine o segue)*

## Cena 8

[CONDE] Pois bem, um belo antegozo de minha oração fúnebre... ele ficou louco, o Boussanel... Ele delira publicamente... e patrioticamente, o infeliz... Sempre existiram nele alguns germes, mas em seu caso só vejo utopias... Interessante exemplo de um professor cuja cabeça foi assaltada pelos clássicos.

## Cena 9

[MADELEINE] *(entrando e indo abrir para Blanche)* Graças a Deus, nos livramos dele.

[BLANCHE] Ah! eu tive medo!

[CONDE] E você não reconheceu a voz de seu velho amigo Boussanel?

[BLANCHE] Oh! o monstro!... Como você estava à vontade com aquela gente!

[CONDE] A força do hábito, minha cara... Aprendi a uivar com os lobos. Uma carmanhola, uma calça de lã preta, um colete tricolor, minha horrorosa peruca jacobina, tudo comprado ali em Montbrison, e ainda com meu boné vermelho, meu sabre e meu par de bigodes, não precisei de mais muita coisa para me disfarçar, fazer do senhor conde um patriota para todos os efeitos...

[BLANCHE] Ah! sim, por exemplo.

[CONDE] Jurando, blasfemando, falando a língua do padre Duchêne, bem como sua língua materna, incendiando a opinião pública nos albergues; enfiando seu passaporte falso no nariz das sentinelas e rindo por dentro ao ouvi-los dizer “Tá certo. Bem impresso!”, que caminham, desgraça, sobre a terra da França como sob uma propriedade nacional com uma insolência!... eh! claro, a insolência necessária para passar nesse tempo sem deixar a cabeça por aí... E tanto, fingindo um bom *sans culotte* ferido no cerco de Lyon, eu trepava na cadeira do posto de um comissário executivo, a quem eu contava que tinha exterminado perto de mim sozinho o corpo que eu comandava lá embaixo; quanto levado no fundo de uma carroça da fábrica de faiança eu me divertia vendendo pratos patrióticos nas praças.

[BLANCHE] Que singular mercador o senhor deveria ser, meu tio!

[CONDE] Ah! eu mais quebrava do que vendia... E foi assim que cheguei a Romorantin... sim, em Romorantin, onde, por infelicidade, tive a ideia de me limpar de meu *sans-culottismo*. Era uma comédia, eu estava sem peruca. Fiz a besteira de ser reconhecido por um antigo guarda do conde de Lireux, com quem tive a honra de caçar nos bons tempos. E foi denúncia, prisão na porta do espetáculo, comparecimento à Comuna, que entendeu eu ser portador de papeis falsificados, remessa para Lyon entre dois gendarmes para a constatação de minha identidade; e pé na estrada! Meus gendarmes se revezavam e se pareciam. Eu tinha dois, como todo mundo; um jovem e o outro, velho; na última etapa desse diabo de viagem que me parecia ia terminar na praça de Brotteaux<sup>109</sup>...

[BLANCHE] Meu Deus!

[CONDE] Como você diz, minha linda, esse era o único socorro para mim! Fingi de homem cansado e lhes ofereci de beber, bebemos e recebemos. O velho deslizou para baixo da mesa, mas o jovem resistia sempre. Um pândego! Sempre tentando entregá-lo ao diabo, eu o admirava, tinha inveja de como se mantinha firme! quando, num momento em que eu pensava em grandes truques, ele se pôs a dizer, observando seu camarada: “Pois bem! Vai, se pira daqui, se salve... ou... não, espera um minuto...” E aí me deu essa gaiola com dois pombo... Eu não compreendia nada. “Eh! Pois então, com isso, você vai parecer que chegou da cidade vizinha e ninguém vai lhe pedir nada.” Falou a verdade, o bravo gendarme... (*batem à porta*)

---

109 Bairro de Lyon, entre o Ródano e a via férrea que leva à estação de Part-Dieu.



## Cena 10

[MADELEINE] Estão batendo, saco! Oh! esse jeito de bater aí... é meu namorado, sim, senhorita, meu namorado, um bravo rapaz; acabou de chegar para sua salvação. *(para o conde, mostrando-lhe a porta à direita)* Você vai encontrar um leito lá. *(para Blanche)* Entra depressa, senhorita, vou abrir para ele.

[PIERRE] Boa noite, cidadã. Seu pai disse no club que tem aqui um famoso patriota, me mandou procurá-lo...

[MADELEINE] Está dormindo o patriota.

[PIERRE] Senhorita Madeleine!

[MADELEINE] E depois? senhor Jean-Pierre Goguet?

[PIERRE] Depois?... Pois bem, cidadã... depois... sempre a mesma coisa... o coração!... Ele não diz nada para mim, faz tempo... Nenhum movimento de boa vontade? Então você não tem, cidadã, jamais uma mínima compaixão por esse pobre mestre escola de Fontaine? Apaixonados têm em todo canto, tem os bonitos, tem os mais jovens; mas este aqui, este que a ama, ele a ama com amor... sim, verdade, você poderia me colocar na guilhotina no seu lugar, acredite...

[MADELEINE] Diz pra mim, Jean-Pierre, você não é daqui, você é da Savoia, não é?

[PIERRE] Sim.

[MADELEINE] Você faria de bom grado uma viagem para lá para procurar documentos, não faria?

[PIERRE] E?...

[MADELEINE] Está precisando deles?

[PIERRE] Necessidade de meus documentos?

[MADELEINE] Sim, eu suponho, pra se casar?

[PIERRE] Me casar, eu...! Ó cidadã!

[MADELEINE] Escuta, você vai retornar ao clube... lá, vai pedir ao secretário um salvo-conduto... vai dizer que é para juntar aos seus documentos para se casar com Madeleine Thévenot...

[PIERRE] Madeleine...

[MADELEINE] E depois não vai mais embora...

[PIERRE] Ah!

[MADELEINE] E nós nos casaremos mais tarde...

[PIERRE] Mas...

[MADELEINE] Eu lhe digo que me falta um salvo-conduto...

[PIERRE] Cidadã, o que me pede...

[MADELEINE] A sua cabeça? Eu bem sei. Eu acreditava que você a havia dado para mim. Mas veja bem: você vai conservá-la. Eu preciso é de seu salvo-conduto. Amanhã você vai tagarelar pela cidade que o perdeu e vai prometer uma gorda recompensa a quem o entregar. Ninguém vai trazer nada. O resto, me aguarde...

[PIERRE] E quando então, senhorita Madeleine, é que vou atrás dos meus documentos?

[MADELEINE] Quando eu quiser, meu amado.

## Cena 11

[CONDE] (*saindo do quarto*) Mil milhões de pulgas! Impossível fechar os olhos desse jeito. Diga então, cidadã, existe nesse fim de mundo um templo da Liberdade?... ou, então... uma sociedade popular...

[MADELEINE] Está aqui justamente o cidadão Pierre que vem lhe procurar. (*baixo, para o conde*) Você está louco?

[CONDE] (*baixo, para Madeleine*) A goela do lobo, minha cara... mas é o lugar de asilo das revoluções. (*alto, para Pierre*) Marchemos, cidadão, vamos nos iluminar na chama da regeneração e da indivisibilidade da república.

[MADELEINE] (*para Pierre*) Você vai dar o salvo-conduto para o cidadão, e ele o entregará a mim. (*ao conde, baixo*) – Pegue o salvo-conduto e não volte para cá. Eu me explico com sua irmã e sua sobrinha.

[CONDE] Sua mão, senhorita. (*beija-a com a polidez de um cavalheiro e sai com Pierre*)

## Cena 12

[MADELEINE] (*após bater na porta do esconderijo*) Senhorita, saia. Ele saiu. (*Blanche sai*) Eu bem sabia que ele não teria coragem de me dizer não... Isso nos dá prazer ainda mais quando se ama... Agora eis que seu tio tem um salvo-conduto para a Savoia... Vocês dois... oh! fique tranquila, vou pensar tanto nisso, que alguma imaginação vai me ocorrer.

[BLANCHE] (*abraçando-a*) Vai, você merece ser amada como você o ama... E você também ama aquele bravo rapaz, não?

[MADELEINE] Sim... E como não o amaria? Devo a ele ser como sou, não ter me tornado pra sempre uma camponesa, de ter saído um pouco da minha ignorância, de minha condição... Ele me fez me tornar melhor... foi ele que me ensinou a ler, que me abriu a cabeça para um monte de coisas, que me fez ver nos livros o que existe de belo e bom nos livros, aquilo que te dá inveja de fazer bem...

[BLANCHE] Você está bem feliz... E vai se casar com ele?

[MADELEINE] Não.

[BLANCHE] Não? Por que?

[MADELEINE] Senhorita, eu sou jovem, mas não vou viver muito mais... Ouvi isso da boca de um médico que cuidou de mim há dois anos, e que não sabia que o estava escutando.

[BLANCHE] Que desagradável! (*abraça-a*) Melhor você se calar.

[MADELEINE] Alguns anos... Não mais... Oh! Eu sinto... Por que lhe traria esse sofrimento? Não, não, renunciei a essa felicidade... Quando eu não estiver mais aqui... o tempo... oh! o tempo apaga tudo... Ele terá uma outra mulher, filhos... Talvez, se ele se lembrar, vai dar meu nome a uma filhinha... uma filhinha!... Mas não vamos mais falar disso... Veja, senhorita, tenho necessidade de toda minha cabeça aqui, com meu pai... Oh! não acredite que ele seja mau, mas é tão fraco! Só se pode confiar a ele metade dos segredos da casa... Quando os outros o fazem beber, ele se põe a sentir medo e treme de deixar assustado... e hoje não está aqui quando se põem a desconfiar de nós, aquele Boussanel, aquele horrível dedo-duro, que está no encalço de vocês! Como tive medo quando vi você nos braços de seu tio!... Ó senhorita, me prometa você, não vai sair de seu esconderijo senão quando eu abrir, só eu... É que ele não parece muito que é seu tio!... Você conhece, então, aquele general, senhorita? Ele, embora esteja com os outros, não tem um ar tão mau... mas seja como for você não tem medo dele?

[BLANCHE] Dele? Deveria ter medo de alguma coisa? É verdade, ele não sabe... mas é um amigo da infância... e depois, todas as vezes que o revi... foi em circunstâncias... oh! circunstâncias que fazem que a gente se lembre! Primeiro, no dia de minha saída do convento, para onde o levaram deitado numa maca, ferido, e quando ele, eu creio, manchou de sangue meu vestido de casamento: eu não devia jamais, jamais, nunca mais vesti-lo!... Depois, no 10 de agosto, naquela noite terrível de 10 de agosto, ainda ele, foi nos dizer para fugir... E a última vez em Verdun, onde minha tia me havia levado... Ah! Verdun... aquela sala... aquela cena horrível!... E eu que estava com aqueles que lhe gritavam: Morra então. Ele falava... ele falava como jamais ouvi um homem falar... E quando ele passou na minha frente... oh! eu o vejo, eu o vejo!... E depois acreditei que estivesse sem vida, morto, morto, compreende? Pela voz de minha tia, pela minha voz!... E de novo ele, esta noite... Ah! como estou contente de o rever, e vivo... Mas o que é que vai acontecer? Tenho medo de amanhã... oh! pelos meus, por aqueles que me serviram de pai e mãe... e também... também por ele... ele foi sempre o anúncio de uma infelicidade para um de nós dois em nossos encontros... pois, para mim a vida, eu lhe asseguro... me parece que deve ser fácil deixar apenas para aqueles que são como você, que amam e que são amadas... Veja! Sou uma ingrata!... Mas como poderíamos jamais reconhecer seu devotamento, seus cuidados, tudo o que faz por nós, por tudo a que você se arrisca?... sinto muito medo quando penso que, se formos descobertos, você poderia...

[MADELEINE] Não se preocupe com isso, senhorita, seja lá o que aconteça; já que não tenho muitos dias à minha frente, terei tratado de colocar na minha vida o maior número possível de boas ações: isso vai me deixar leve para morrer, quando chegar a hora, e confiante pra ir lá pra cima! (*gritos lá fora*) Pro esconderijo, senhorita!

## Cena 13

(*entra a cômica, rodeada por um grupo de patriotas que gritam e gesticulam. no grupo, o conde e o estalajadeiro*)

[MADELEINE] (baixo, para o conde) Você tem o salvo-conduto?

[CONDE] Sim... mas ela!... (aponta sua irmã) Não vou mais embora! (gritos) Abaixo o aristocrata! Morra! Morra! (a cômica se senta e olha com desprezo)

[MADELEINE] Mas, cidadãos, quem foi que lhes disse que a cidadã é uma aristocrata? O que é que sabem?

[UMA VOZ] A gente cheira longe os aristocratas... são animais que fedem!...

[UMA OUTRA VOZ] Nós a pegamos perto da cama de um rebelde!

[UMA OUTRA] Precisa saber quem é ela! A identidade dela! Como ela se chama?

[TODOS] Sim, sim, seu nome! Seu nome!

[MADELEINE] Vai lá, pois bem... A cidadã se chama...

[CÔNEGA] Cala a boca, menina... Meu nome! Querem meu nome, cidadãos? Deveriam ouvi-lo sem chapéu e cabeça baixa: eu me chamo Marie-Hélène-Bathilde de Valjuzon, condessa, cônega do capítulo real de Lyon... É esse meu nome, ouviram? Eu conspirai, eu armei os *chevaliers* com punhais, eu me correspondi com os emigrados, eu carrego no peito o retrato dos mártires que vocês assassinaram... Eu sempre odiei sua revolução, sempre pedi a meu Deus por sua maldição. Combati vocês no 10 de agosto em Lyon. E porque lhes disse que meu nome é Valjuzon... e eu é que sou a irmã do conde de Valjuzon... Ah! vocês o conhecem... era um comandante em Lyon... que lutou até o fim contra seu exército de bandidos, e cuja memória ainda dá medo à república... Ah! já fazia muito tempo que eu me sufocava por não poder gritar tudo isso... E agora que sabem quem eu sou, façam de mim o que quiserem, matem-me, estou pronta.

## Cena 14

*(Perrin entra; ele ouve a última frase, atravessa o palco passando por trás da cônega e vai se apoiar na porta do esconderijo de Blanche)*

[GRITOS] Para Lyon! Para Lyon! Essa celerada! Vamos entregá-la pro cidadão Boussanel!

[CONDE] Um momento, cidadãos! Não vamos fazer uma besteira! É muito importante revirar o quarto dessa aí. Ela deve ter papeis, documentos, cartas que podem colocar a justiça nacional na pista de outros criminosos de lesa-pátria. Subam lá e tragam tudo. *(ao estalajadeiro)* Você aí, leva eles lá. O general e eu vamos esperar aqui...

*(todos se precipitam pela escada de madeira no fundo da sala... o conde, no pé da escada, os observa por um momento)*

## Cena 15

*(estão no palco a cônega, o conde e Perrin)*

[CÔNEGA] *(para si mesma, olhando ao redor)* Viver!... quando seu rei, quando sua rainha, não existem mais, quando é preciso chorar sua França, seus ami-

gos, seu irmão, e quando não há mais nada a tentar. Mais nada a fazer... viver, por quê? *(detendo o olhar no general)* Ah! você aqui?... tinha que ser assim!

[PERRIN] Cheguei tarde demais, madame...

[CÔNEGA] E quem o tornou assim tão insolente, senhor? Já não temos suficiente medo da morte para hoje esquecer mais que antes quem nós somos e quem você é...

[CONDE] *(após ter olhado por uma janela)* Minha irmã, sou eu.

[CÔNEGA] Vivo!

[CONDE] Os dois cavalos do general estão lá fora no pátio... vem comigo?

[CÔNEGA] Ah! ainda existe um Valjuzon!... Pois bem, é suficiente para o nome... eu, obrigada, estou cansada de lutar pela vida; não vale a pena defendê-la por mais tempo... Obrigada, vai embora...

[CONDE] Vamos! Não tem como fazê-la partir agora.

[PERRIN] *(apoiando a mão na porta do esconderijo)* E quem está ali?

[CÔNEGA] *(endireitando-se, caminhando para a porta e elevando a voz)* Blanche, minha sobrinha, você não quer ser salva, não é, por aqueles que combateram seu Rei?... você vai me dar o primeiro exemplo de uma covardia desconhecida das filhas e das mulheres dos Valjuzon, colocando-se sob a guarda vergonhosa da piedade de seus inimigos... se você fizesse isso, cederia a essa fraqueza, se você desistisse do fim que Deus lhe preparou com misericórdia...oh! parece que no meu último momento, neste momento supremo em que o carrasco se aproxima e em que os perdões do céu já descem para a alma, eu não a perdoaria! *(com essa frase, Perrin deixa a porta se abrir e ela range para deixar passar Blanche, que se atira aos braços na tia)*

[BLANCHE] Minha tia!

[CONDE] Minha irmã, a mãe dela teria dito isso a ela?

[CÔNEGA] A mãe dela!... *(Luta violenta e sem palavras, ao final da qual, empurrando Blanche, ela diz a Perrin)* Pois bem! Salve-a então, monsieur!

[BLANCHE] *(se debatendo)* Minha tia! Minha tia”

[CONDE] Em nome de seu pai que eu represento aqui e cujos direitos tenho sobre a terra, Blanche, entra ali. *(ele a empurra para o esconderijo, Perrin fe-*

*cha a porta e se apoia nela, e cruza os braços)*  
*(muito barulho na escada, as pessoas descem)*

[UMA VOZ] Ela destruiu tudo! Tudo queimado!

## Cena 16

[CONDE] Pois então agora, cidadãos, na estrada, para Lyon! *(para a cômica)* seu braço, conspiradora! *(baixo)* Coragem, minha irmã! Ainda nos resta o grito de guerra de nossa família: Até o fim!

## Quinto ato

### O Pátio de Port-Libre<sup>110</sup>

*(O Pátio de Port-Libre. O jardim do velho claustro, à esquerda uma grande acácia. Acima das arcadas do claustro, janelas guarnecidas de barras de ferro. Na crista do teto, um terraço onde uma sentinela caminha até uma viga de pedra. Ao fundo, a porta interna da prisão, uma porta de ferro, gradeada de ferro no alto, na qual se abre um pequeno guichê. Ela é dominada por um escudete esculpido entre duas bandeiras tricolores coroadas por um boné vermelho. Uma boca de esgoto gradeada, ao nível do chão, à esquerda.)*



ROBESPIERRE ET SES PARTISANS ALLANT AU SUPPLICE.

Robespierre e seus seguidores a caminho do cadafalso em 28 de julho de 1794.

---

**110** A abadia de Port-Royal de Paris foi fundada no século XVI para descongestionar a abadia de Port-Royal des Champs. Fechada em 1790, com a expulsão das freiras visitandinas (que haviam substituído as freiras jansenistas, que ocupavam o convento desde sua fundação). Converteu-se em prisão, com o nome de Port-Libre até 1795, alojando cerca de 1.200 presos antirrevolucionários ou gente ligada em algum grau à aristocracia até sua condenação e execução. Ali foram executados, por exemplo, Chrétien Guillaume de Lamoignon de Malesherbes, advogado de Louis XVI em seu processo, e Madame de Tourzel, antiga governante dos filhos de Louis XVI.



## Cena 1

**[PRIMEIRO DETENTO]** *(lendo o Phédon de Platão)*<sup>111</sup> “Se eu não acreditasse encontrar no outro mundo deuses sábios e bons, bem como homens melhores que os deste mundo, eu estaria errado em não estar irritado por morrer. Mas é preciso que saibas que tenho esperança de me reunir em breve com homens virtuosos e lá encontrar deuses amigos do homem. Eis porque não me aflijo tanto; ao contrário, confio num destino reservado aos homens após sua morte e que, segundo a fé antiga do gênero humano, deve ser melhor para os bons do que para os maus”...

**[SEGUNDO DETENTO]** Mirabeau<sup>112</sup> disse um dia: “O povo! o povo!... o povo é feito para as pessoas de mérito que são o cérebro do gênero humano: é para nós e por nós que ele deve ser feliz. Moisés foi o cérebro judeu; Mahomet o cérebro árabe; Louis XIV, por pequeno que fosse, foi o cérebro francês durante quarenta anos.” *(para um outro detento que se aproxima dele)* Como vai o senhor marquês nesta manhã?

**[TERCEIRO DETENTO]** Muito bem! muito bem!... e... esse chevalierzinho ainda está vivo...mas estou triste porque não estou no Luxemburgo... andávamos por lá no jardim rua de Grenelle, rua da Université, rua de Saint-Dominique, e tínhamos o consolo de ver nossa casa com uma pequena luneta.

**[QUARTO DETENTO]** *(a um outro no qual está apoiado)* Meu amigo, é hora de meter a cabeça dentro de seu casaco, à moda antiga. Humanidade! Você me dá desespero... Sua história, desde Caim, não passa de uma longa guerra civil... E prefiro abandonar este espetáculo que você me dá: vou acabar pensando, como aquele filósofo da Inglaterra, que o homem é um lobo para o homem.<sup>113</sup>

**[QUINTO DETENTO]** Meus amigos! Meus amigos! Uma nova vitória dos exércitos da república.

*(detentos se agrupam ao redor dele, outros lhe viram as costas)*

---

<sup>111</sup> Filósofo e matemático da Grécia antiga, 428/427-348/347. Seu diálogo Fédon retrata a morte de Sócrates; considera-se que seu tema seja a imortalidade da alma.

<sup>112</sup> Honoré Gabriel Riqueti, conde de Mirabeau, 1749-1791, jornalista, escritor, político e grande orador parlamentar francês. Foi um destacado ativista e teórico da Revolução francesa, em cuja fase inicial foi um dos moderados que pretendia a transição para uma monarquia constitucional.

<sup>113</sup> Alusão ao matemático, teórico político e filósofo inglês Tomas Hobbes (1588-1651), autor de *Leviatã e Do cidadão*. Na primeira, de 1651 explanou seus pontos de vista sobre a natureza humana e sobre a necessidade de um governo e de uma sociedade fortes. No segundo, de 1642, tratara das relações entre a Igreja e o Estado.

[SEGUNDO DETENTO] (*para uma mulher que passa, saudando-a*) Madame, não tive o prazer de vê-la ontem no Salão... O senhor barão de Wittersbach nos regalou com uma ária de viola doce... deliciosa!... Ah! uma recém desembarcada! Eh! mas é a senhora Momoro<sup>114</sup>... Sim, a deusa da Razão! Todos os franceses a adoraram... um dia!... Pobre Razão! Ela chora nossos pecados!... Ah! ah!... (*ele ri*)

[SEXTO DETENTO] Oh! duas horas no campo, duas horas de ar livre, num caminho de ervas, a caminhar para a frente!...

[UM DETENTO] (*um detento, fazendo o gesto de apoiar numa parede o punhal de uma faca e aproximar dele o seu peito*) Sim, uma faca contra a parede... é mais seguro... a mão pode tremer!

[SEGUNDO DETENTO] (*para esse detento*) Me diz, o que é que vai fazer aí, Trudon?

[O DETENTO] Perdão, eu estava confuso. (*volta para a prisão*)

[SEGUNDO DETENTO] Cidadãos, vou lhes pedir permissão para cantar durante o jantar uma canção de minha criação com a melodia da ária “Hoje é meu dia de fazer a barba”.<sup>115</sup> Uma ária de circunstância.

[UM DETENTO] (*sentado numa pose abatida*) Minha mulher!... meus filhos!...

[UM DETENTO] (*jogando cartas em uma mesa*) Ah! monstros! Querem deixar sobre a terra apenas celerados, cinzas e barracos... Truco! Truco!

[UM DETENTO] (*ar espantado, abaixando-se como que procurando*) Diamantes! Diamantes! Diamantes! Ali, ali, vejam, em todo canto! Os tesouros de Golconda espalhados como pedriscos!... Basta me abaixar; eu os recolho aos punhados! Brilham! Como eles brilham! Veja, para construir o Templo da Imortalidade! Para gravar em caracteres de fogo, em letras de estrelas, a Declaração dos direitos do homem na abóbada do céu!... diamantes!... diamantes!...

---

114 Esposa de Antoine-François Momoro, 1755-1794, editor e livreiro, político e revolucionário francês, Sophie Momoro encarnou a Deusa da Razão na Festa do Ser Supremo (Festa da Liberdade e da Razão) realizada no dia 10 de novembro de 1793; a ele se atribui a divisa Liberté, Egalité, Fraternité. Essa festa era uma das principais atividades do processo de descristianização; após essa festa, a Comuna decretou o fechamento de todas as igrejas.

115 *C'est aujourd'hui mon jour de barbe* é o verso final das estrofes de uma canção da moda sobre um elemento que compunha a estética do rosto masculino. Composta por Armand Gouffé (1775-1845), poeta, cançonetista, animador de bailes populares. Prolífico vaudevillista, a partir de 1794. Apud MAZERET, *Dénorama, ou Spicilège historique et anecdotique sur chaque partie du corps humain*. Paris, Librairie de Peytieux, s.d.

[SEGUNDO DETENTO] Ah!... tem um ali cuja cabeça está se mudando por antecipação!

[UM DETENTO] *(para um outro)* Você vai ser absolvido... inocente, isso que você é.

[O DETENTO] Eu, inocente? *(dá de ombros)* Eu sou rico!

[UMA MULHER] *(a um guicheteiro)* Você pode me emprestar uma tesoura por um momento, cidadão?

[GUICHETEIRO] Por que?

[A MULHER] Para cortar meus cabelos... para alguém.

[GUICHETEIRO] Pede pro Sansão!

[UM DETENTO] *(com um redingote eclesiástico, fechando seu breviário e estendendo a mão para o guicheteiro)* Davi disse ao Senhor: "Trate-os segundo suas obras e segundo a malícia de seus desígnios. Dê a eles o que merecem segundo as obras de suas mãos!"

*(um garoto de seis anos atravessa o jardim olhando se o guicheteiro o observa e vai para o bueiro de esgoto. Bate na grade como que para chamar alguém e apresta o ouvido)*

[UM DETENTO] Ah! uma criança! *(vai para perto do guicheteiro e se põe na frente dele para impedi-lo de ver o que o garoto faz)*

[GAROTO] *(boca colada na grade do esgoto)* Mamãe não chorou essa noite... ela dormiu pouco... te deseja bom dia... É Lolo que te ama quem te diz isso, papai. *(estica a orelha, se levanta e atravessa de novo o palco correndo contente)*

[UM DETENTO] *(escrevendo a uma mesa)* "Eu lhe escrevo da antecâmara da morte... É uma mistura de horror pelo que vemos e de gaiatice de algum tipo rude... Demonstramos outro dia a um recém chegado de que maneira isso se faz, por meio de uma cadeira que fazíamos de balança..."

[UM PRISIONEIRO] De novo! De novo! Senhores e cidadãos, eu lhes anuncio a chegada do famoso cidadão Boussanel, doravante comissário nacional e carasco de Lyon. Que seja recebido com todas as honras devidas à sua classe.

## Cena 2

*(Perrin está entre os prisioneiros; Boussanel entra)*

**[UM PRISIONEIRO]** *(para Boussanel)* Cidadão degolador, por aqui!

**[UM OUTRO]** Quantas viúvas já fez? Quantos órfãos já fez?

**[UM OUTRO]** *(querendo se jogar sobre ele)* Foi ele que matou meu pai!... Me larguem!... *(é agarrado)*

**[UM OUTRO]** Se manda!... Você, na sociedade de homens como nós!... não te queremos mais! Vai com teus semelhantes os bandidos! Vai pra onde é seu lugar, com seu crime! Vai com os piolhentos!

**[UM OUTRO]** Venham, venham ver, senhores, a curiosa besta do zoológico dos jacobinos! O tigre sensível! O assassino humanitário! O matador filantropo, que lambia com belas frases o sangue de seus semelhantes, e que o facão nacional vai curar por tanto amar os homens!

**[PERRIN]** *(interpondo-se entre Boussanel e os prisioneiros)* Vamos! Abaixo as cóleras e as injúrias... que elas fiquem com os vivos... Elas são indignas do momento sagrado que estamos vivendo aqui e da boca das pessoas que vão morrer. Tão perto de nossa grande noite de amanhã, comecemos o repouso iniciando o esquecimento, o esquecimento dos erros, das faltas, até mesmo dos crimes! *(afasta-se lentamente deles; para Boussanel)* Mas como você está aqui, cidadão? Como se tornou suspeito para a república, você, que deu a ela tantas provas? Você, que foi feito para ela, do mesmo bronze de Brutus?

**[BOUSSANEL]** E quanto a você, vou lhe perguntar, como você também está aqui? Você, um vencedor do 14 de julho? Um combatente do 10 de agosto? O herói de Verdun? Você, que derrubou as muralhas de Lyon? Você, que sempre se bateu contra os tiranos e os rebeldes; você, a quem a república devia...?

**[PERRIN]** Sou eu que devo tudo a ela, minha posição, minhas dragonas, a honra de alguns ferimentos e de um pouco de fama, pensamentos que me elevaram, ilusões que me criaram... a devoradora paixão pela Pátria... ela me deu tudo... Hoje ela exige todo meu sangue: ele é todo dela! Que ela triunfe sobre outros, que seja vitoriosa, grande e temível, quando eu não estiver mais aqui, parece que vou ter o eco de seu canhão em minha cerveja e que vou sentir o vento de suas vitórias fazer tremer a erva como se fosse a lápide de meu túmulo!... Sim, que a República viva e que eu morra! Já vivi o suficiente. Realizei meu trabalho e cumpri meu dever, servi a Liberdade... E, por jovem que seja, minha jornada por ser curta foi plena... Eu me vou sem lamentações, acredite!

[BOUSSANEL] E eu, você crê que eu me lamente, e que eu acuse? As revoluções têm seus erros. O raio de um povo tem seus descaminhos, ele envolve os inocentes e os culpados em sua flama exterminadora... O que importa? O que importa uma vida, um homem? Um vil átomo como sou, na regeneração de um mundo e a efervescência de uma nova ordem do Universo?... Um cascalho na torrente, nada mais que isso! Não mais do que é o indivíduo na natureza que o semeia e o esmaga para a salvação da espécie? Pois bem, sim, que minha memória seja dedicada às fúrias! minha cabeça, meu sangue, se o bem público os quer, estão aqui! Meu sangue? Me servi muito do sangue dos outros, não serei avarento do meu... Ah! o sangue dos outros! E então acreditam que um revolucionário deve conservar o seu coração dos tempos tranquilos? Aquele coração sensível, a república não o manda espancar, corrigir, arrancar dele, custe o que custar, as piedades sanguinolentas e as ternuras suaves, todos os vis apegos à humanidade? Eu... mas eu conheci êxtases diante de um fiapo de erva... eu me pus de joelhos para abraçar uma flor... eis o monstro! Pois bem! Eu fiz prenderem as mulheres Valjuzon, eu denunciei você, sem uma gota de remorso...

[PERRIN] Não estou lhe pedindo nada.

[BOUSSANEL] Oh! Não lhe digo estas coisas para me defender!... O que fiz, eu o faria de novo... E eu, também... cumpri minha tarefa, uma dura tarefa, a de quem aplica golpes sombrios nos vivos... tive meus dias de desencorajamento, de fadiga, de angústia, dias em que passeando à beira dos rios de Lyon parecia ver a água toda vermelha. E agora que a noite chegou, tanto melhor. Vai ser para mim o que é a noite para um lenhador cansado de passear desde a manhã por entre as grandes árvores e os velhos carvalhos os abate com seu machado!

[UM GUICHETEIRO] O cidadão Boussanel deseja tomar posse de sua cela?

[BOUSSANEL] Já vou para lá, meu amigo... Sim, a morte me atrai, a morte me embriaga!... Muitas vezes, minha juventude esteve perto de se entregar a ela... frequentemente respirei as doçuras de pensar nela e dela me aproximar como se respira a vertigem e a embriaguez do vazio à beira de um grande buraco no qual nos atiramos... Eu vi o abismo. E agora que rolei para dentro dele, não quereria dar um dedinho da mão para que me tirassem daqui... Ó a felicidade sombria de não ser!... o fim, a paz sob esse lençol dos mortos onde em que eu imaginava em Lyon a figura do Sono, a figura do Sono eterno... dormir, dormir sem sonhos, a eternidade do nada! (*sai; Perrin vai sentar-se ao fundo*)

### Cena 3

*(alguns prisioneiros, passando. Blanche, entrando e se dirigindo para uma cadeira onde Madeleine trabalha; ela se apoia no espaldar da cadeira)*

**[BLANCHE]** Mas como você trabalha, minha boa Madeleine, o que está fazendo assim tão atarefada?

**[MADELEINE]** Vestidos, senhorita... Sabe... para estarem todos prontos e a mão do carrasco não tocar na pele de ninguém... O seu já está pronto... Estou apurada terminando o meu!

**[BLANCHE]** O seu? Eles podem condenar você?

**[MADELEINE]** Oh! não me diga isso, senhorita... não me faça pensar um minuto que eu possa ser absolvida, eu lhe suplico... Não me dê a ideia de que poderia voltar para a casa daquele homem que não é mais meu pai, que traiu, denunciou o hóspede que Deus lhe havia enviado, que entregou você... Você!... oh! você não me diga que nunca mais verei Fontaine, minha querida aldeia de Fontaine... Me parece que as crianças, quando me viam, gritavam: "A filha do assassino!..." e que as pedras onde você passou os gendarmes se levantariam contra mim! Não, não, jamais, jamais!... E depois, eu espero na misericórdia de Deus! Talvez, se me acolher, Deus perdoe meu pai!

**[BLANCHE]** Pobre Madeleine!...

**[MADELEINE]** *(volta a trabalhar e fala com Blanche sem olhar para ela)* Senhorita, chegou aí de repente um comissário que conhece o tribunal. Disse que estamos na lista e devemos partir ainda hoje, sua tia, nós todos... o general também... de hoje para amanhã, ó!

**[BLANCHE]** Hoje? Minha tia, eu, o general?... Tem certeza?

**[MADELEINE]** *(faz sinal que sim, e a olha de lado enquanto Blanche fica um instante imóvel, cotovelos apoiados no espaldar da cadeira)* Tenha coragem, senhorita...

**[BLANCHE]** *(refletindo)* Hoje... você disse... hoje... Sim, é isso... tenho que fazer isso depressa! *(à parte)* E tem que ser hoje! *(vai até Perrin, sentado a uma cadeira contra a árvore do pátio, e coloca a mão em seu ombro, sem lhe falar)*

**[PERRIN]** *(erguendo a cabeça e olhando-a)* Será que isso é verdade? Oh! é mesmo verdade, não é?... Há tanta felicidade em seu rosto!... Eu que, justamente neste instante, pensava que não a tinha salvo, e que aquele miserável estalajadeiro...

[BLANCHE] Schut! A filha dele ali!...

[PERRIN] Sua libertação foi assinada, não é? Diga bem depressa essa notícia.

[UM PREGOEIRO] (*no lado de fora*) Olha a lista dos sessenta ganhadores da loteria da Santa Guilhotina!

[BLANCHE] (*lentamente*) Meu amigo, é para hoje, minha tia, você e eu... viram nossos nomes na lista. (*olha o relógio*) Daqui a duas horas!

[PERRIN] (*após olhar para ela, aterrorizado*) Que heroica e doce coragem a sua, Blanche! Nada treme em sua voz, nada treme em seu coração, diante dessa morte...

[BLANCHE] (*olhando para o céu, radiante*) Mas eu a quero, clamo por ela, eu a bendigo...

[PERRIN] Você?... ó pobre menina, na sua idade, que pensamento!... Blanche, é impossível! Mas, quem poderia?...por quê?...

[BLANCHE] Por quê? Ah! eu posso lhe dizer hoje, porque sei que só tenho hoje para lhe dizer... Por quê? Porque eu te amo!

[PERRIN] Você?... me ama?

[BLANCHE] (*ela se senta ao lado dele*) Fomos crianças juntos... nossas brincadeiras misturaram nossos primeiros anos... a mesma mansão nos viu nascer... a mesma campina nos viu crescer... frequentemente mordíamos o mesmo fruto... Éramos como irmão e irmã... sempre os dois... não sei se os outros esquecem mais que eu, mas vivi tão pouco em minha juventude que sempre me lembro de minha infância... depois, quando acabou... porque é preciso que tudo termine um dia... você reentrou em minha vida como o Devotamento... em horas solenes e terríveis... já se disse que nossos desastres, antes de nos unir, fizeram nosso encontro... Sim, eu o reencontrei, sempre bom, generoso e bravo, carregando sobre você e ao seu redor um raio da grandeza e da fatalidade dos tempos... então, pouco a pouco, tive minhas ideias, que me levaram a você... Parecia que Deus não se opunha!... E agora, me compreende?... Tudo o que nos separa, os preconceitos de minha tia, do meu próprio tio, meu sangue, o monarquismo de minha classe, aquilo que devo ao meu nome, aquilo que ontem me proibia para sempre de estar com você, o que me impedirá ainda no presente, meu amigo, quando até serei livre e senhora de mim, tudo isso... ah! uma vida como essa... você bem vê por si mesmo, meu amigo, o outro suplício é mais valioso...

[PERRIN] (*que ouviu Blanche com estupor; ele se levanta*) Não estou sonhando, não é? Estou bem desperto. Nós estamos no pátio de Port-Libre. É dia claro sob o céu. Você está aí, posso tocá-la. E a questão é: Blanche de Valjuzon ama o general Perrin!

[BLANCHE] É isso, meu amigo, e agradeço este final temido por todos, a única coisa no mundo que podia expor meu amor e colocá-lo nos meus lábios...

[PERRIN] (*pensativo e meditando*) Uma morte de sangue! Uma morte que mata as mulheres logo que são assassinadas!

[BLANCHE] Sim, essa morte que você diz, só poderia haver ela para nos reunir um instante aqui embaixo e para sempre lá em cima...

[PERRIN] Pois bem, venha, então, ó morte do carrasco, pois só você pode unir noivos como nós!... Venha colher, em seu cesto, o primeiro beijo de nossas cabeças!... E agora, meu coração, não se sufoque, e abra-se, deixe escapar o brilho de seu segredo. Eu sempre a amei; só amei você, ninguém mais que você, Blanche! Você, sempre você!

[BLANCHE] Fale, fale! Estou ouvindo!

[PERRIN] Quando nos separamos, eu não apaguei sua lembrança... Aquilo que fala à juventude de um homem só conseguia me fazer me lembrar de você... Eu te amava... mesmo que eu não dissesse isso para mim... Era tão impossível! Você estava tão alto e tão longe!... E, entretanto, alguma coisa sua me perseguia por toda parte, alguma coisa que se colocava entre mim e todas as mulheres... Sua graça, sua beleza, o que elas possuíam aos olhos dos outros... eu não via o que era!... Você era a única mulher no mundo que existiu para mim... E eu me dava como um selvagem aos prazeres da vida, vivendo sozinho, vivendo só de você...

[BLANCHE] Fala, fala mais!

[PERRIN] O que posso lhe dizer? Eu sou um soldado... Eu, eu não aprendi! não conheço as frases dos apaixonados... Mas, veja! Nos dias ruins da minha vida, nos dias duros de meu trabalho, pensar em você me consolava e me dava coragem. (*breve silêncio*) Um pouco de glória, quando chegar a hora, eu me dizia: Ela vai saber! (*silêncio*) Veja, ainda: nos perigos da guerra, nos acasos do campo de batalha onde a gente se sente corpo a corpo com a última hora, naqueles minutos supremos que nos fazem rever, num segundo, todo o passado de nossos afetos, quando se abraça como que com os dois braços de nossa alma tudo aquilo que se ama e tudo aquilo que se lamenta ter perdido, uma mãe, uma mulher, uma amante, era você, Blanche, que passava diante de mim na névoa da poeira!



[BLANCHE] Chega, meu amigo!...

[PERRIN] Blanche!... Como lhe dizer essas coisas?... Nestes tempos de céu deserto, em que não se sabe mais onde está Deus, você era... não sei o que, eu... uma adoração sagrada... Sim, só existia você no meu pensamento que se construía como uma prece... (Blanche lhe fecha a boca com uma mão) Blanche, eu te amo!... Blanche, nós vamos morrer; Blanche, estou feliz! (eles seguram as mãos um do outro e se olham)

[UM PREGOEIRO] A lista dos sessenta ganhadores da loteria da Santa Guilhotina!

[BLANCHE] Serei corajosa, vá! Mas como não se pode saber... se eu tivesse na carroça um momento de fraqueza... Pois bem, você me permitiria me apoiar um pouco... assim... em seu ombro... *(ela faz o gesto de se apoiar)* não é?... como se eu fosse sua mulher?

[PERRIN] Sim, como se você fosse minha mulher!... *(ele beija as mãos dela)*

## Cena 4

[CONDE] *(entrando, saudando os detentos)* Tenho a honra de lhes apresentar minhas saudações, senhores e senhoras; sou mui-respeitosamente seu mui-humilde e mui-respeitoso servidor.

[BLANCHE] Meu tio!...

[CONDE] Você sente algum prazer em me ver?

[BLANCHE] Prazer e pena, meu tio!...

[CONDE] O que você quer?... é mais forte que eu, nunca pude faltar a um encontro de família!... Veja! Bom dia, Perrin... Sua mão, meu bravo. Oh! mas estamos aqui nos conhecendo uns aos outros... uma verdadeira federação de opiniões. Quando eu dizia que a república reuniria um dia as pessoas honestas de todos os partidos... numa grande praça, a praça da Revolução!

[BLANCHE] Mas então conseguiram prender você, meu tio?

[CONDE] Me prender, a mim?... Você sabe, sua tia deve ter-lhe dito... fosse eu o bom Deus, ou mesmo o diabo, não teria podido salvá-la... Para atacar com fuzil os celestres, seria preciso ir longe, muito longe, e tinha uma coisa: é que estou ficando pesado e lerdo para caminhar. Depois, sabia que você estava aqui. Eu lia as listas

do tribunal, e via aqueles cestos ficarem mais cheios de cabeças... Ah! eu não entendi... Voltei para Paris, e depois de ter me despedido do meu querido Palais Royal... sim, sempre o mesmo, seu tio... Ceei no restaurante de Méot,<sup>116</sup> o famosinho do dia, em cujos fornos assam carnes e tortas para Robespierre e toda a sua claque... Pois bem, é triste, há caldos que não sobrevivem às monarquias, os cozinheiros vão embora com os reis!... Isso foi ontem... Hoje de manhã, apresentei-me à audiência de Fouquier-Tanville,<sup>117</sup> dizendo-lhe que ia fazer uma denúncia: “Cidadão exterminador público, eu sou o conde de Valjuzon... então, está dormindo?” Era tão simples, por Deus! E foi mesmo rápido... pois eu já tinha vestido por um minuto esta cara de Judas. E aqui estou. Mas, onde está sua tia?... Ela está aqui, não está? Com você?

[BLANCHE] Sim, meu tio, mas ainda não se levantou.

[CONDE] Doente?

[BLANCHE] Não, não mais, mas estive, e está tratando de juntar o resto de suas forças para...

[CONDE] Minha grande e digna irmã!... E como se sentem neste lugar?...

[BLANCHE] Não sei, meu tio. Depois que viemos para cá não sofremos mais com as coisas.

[CONDE] Mas me parece que o ar aqui é muito bom... Ali está uma árvore que daria uma bela árvore da Liberdade,<sup>118</sup> se estivesse em outro lugar... esses mu-

---

**116** “O aumento da qualidade dos restaurantes de Paris remonta à Revolução. É verdade, como se diz frequentemente, que um grande número de chefs talentosos perderam seus patrões, emigrados ou executados pela guilhotina. Esse foi bem o caso de Méot, o chef do Príncipe Condé, que se estabeleceu em 1791 na rue de Valois. Mas outra razão foi sua clientela, isto é, os próprios líderes revolucionários. Eles estavam determinados a remover todos os símbolos do Ancien Régime e da religião, mas estavam determinados a não jogar o bebê fora com a água do banho. De todo o edifício cultural e artístico erigido pela monarquia e sua corte, a gastronomia era a parte mais facilmente recuperável, e Marat e Danton nunca fora declarados inimigos da República porque frequentassem os suntuosos jantares do chef Méot. [...] Nessa mesma levada, o *Les Trois-Frères Provençaux* servia uma *bouillabaisse* e uma *brandade* de bacalhau bem ali no Palais-Royal.” Apud ETCHEVERRIA, Olivier – *The Restaurant, a Geographical Approach: from Invention to Tourist Destinations*. London, John Wiley & Sons, 1988.

**117** Antoine Quentin Fouquier de Tinville, 1746-1795, jurista e revolucionário francês, promotor público do Tribunal revolucionário. Foi o acusador público nos julgamentos de Charlotte Corday, Marie-Antoinette, de girondinos, Madame du Berry, hebertistas, dantonistas, Robespierre e dezenas mais.

**118** A árvore da liberdade (*arbre de la liberté*) é um símbolo da liberdade introduzido na França no período da Revolução francesa. Simboliza a vida, a continuidade, o crescimento, a força e o poder. Era em geral plantada no local mais central e frequentado das localidades, como sinal de alegria e símbolos de crescimento, a par das novas instituições do estado francês. Tornou-se no século XIX um dos símbolos da República Francesa, em conjunto com Marianne e a semeadora (*semeuse*). Desde 2002 surge nas moedas francesas de 1 e 2 euros.

ros, para muros de prisão, não são lá muito repugnantes... Vamos, se nos derem ainda alguns dias, eu lhe prometo que não vou me abandonar a ideias tristes... Arre! Riamos e vivamos: até o fim! Devemos dar o exemplo! É preciso que os velhacos vejam que nós vamos embora com a farra dos bons velhos tempos... Enquanto espero, me leve até sua tia, não vou me irritar em vê-la.

## Cena 5

*(os detentos voltam e se juntam. Ouve-se passar uma carroça na rua. Movimentos dos detentos. Todos escutam)*

[UM DETENTO] *(com alívio)* Uh! Passou!

[UM OUTRO DETENTO] Cinco horas e um quarto.

[UM OUTRO] É mais; cinco e meia já. Ontem, nesta hora, ela há tinha chegado.

[UMA MULHER] Talvez ela nem venha hoje, ontem levaram nove.

[UM DETENTO] Oh! depois que a carroça funerária aprendeu o caminho da prisão, ela não sai mais daqui, cidadã.

[UM OUTRO] Só nos resta esperar.

[MULHER] Vamos rezar!

[UMA OUTRA MULHER] Esperar! Esperar!...

## Cena 6

*(por entre os detentos, o conde passa dando o braço à cônega, apoiada a uma bengala. Blanche é seguida de perto por Madeleine. Perto dela ao fim de alguns instantes, Perrin vem lhes falar.)*

[CÔNEGA] *(caminhando com passos curtos e muito lentamente)* Minhas pernas, coitadas! Ah! elas vão precisar de muito mais coragem do que eu... Não quero que me carreguem... quero subir lá por mim mesma... Aqui, depois de algum tempo, o mundo se torna assustadoramente burguês... é uma pena que ainda existam tão poucas pessoas que se possa ver... Oh! não vão encontrar quem valha a pena conhecer... a nata já se foi... isso aqui está ficando repleto de más companhias... *(um detento a saúda)* Ah! marquês, lamento muito... Só ontem à

tardinha recebi seu cartão de visitas... Infelizmente eu havia trancado minha porta... Mas espero que amanhã... a menos que ocorra alguma infelicidade até lá... você poderá me desculpar e receber minhas escusas... (*para o irmão*) ah! sim, é hora de ir embora com tudo aquilo que tem que ir! Ficar para ver os horrores! A revolução deles! Isso! ouça essa! A filha de um Valjuzon ao lado de um Perrin!...

[CONDE] A hora final, minha irmã!

[CÔNEGA] Credo! Eu lhe digo, é o fim do mundo e tenho pressa de ir. Acho mesmo que já esperamos demais e tudo está muito demorado.

[UM DETENTO] A carroça!

[UM OUTRO] Sim, é a carroça.

[UM OUTRO] Parou! É para nós.

UM DETENTO] (*descendo de uma escada*) É o dobro da de ontem, meus amigos, estou lhes falando!

[UM OUTRO] Quantos será que vão hoje?

[CÔNEGA] (*aproximando-se de Madeleine*) O que estão dizendo? O que está acontecendo, minha amiga?

[MADELEINE] A senhora marquesa não entendeu? A carroça para a Prefeitura.

[CÔNEGA] E o tribunal, e... Pois bem, mas ninguém veio se hospedar aqui neste ano?... nossos pacotes estão aí?

[MADELEINE] Sim, senhora condessa!

[CÔNEGA] (*para o conde*) Os pergaminhos de nosso arquivo estão em mãos seguras, meu irmão?

[CONDE] Fique tranquila, minha irmã.

[CÔNEGA] (*para Madeleine*) Você pegou o meu rouge? Mulher alguma é dona de suas cores, ainda mais uma velha débil como eu; e não gostaria de dar a esses patifes a alegria de acreditar que senti medo um só instante!

## Cena 7

*(Um guichê se abre na porta do fundo. Entra um bedel do tribunal revolucionário, seguido de quatro gendarmes, no momento em que um guicheteiro toca um sino. Todos os detentos entram. Um momento de profundo silêncio.)*

**[BEDEL]** Todos os quartos estão vazios?... *(um guicheteiro vindo da prisão faz sinal que sim.)* Vou começar. Todos os que forem chamados passem para este lado aqui. *(folheia lentamente os documentos e as atas de acusação que tem nas mãos com olhares irônicos que passeia pelos detentos)*

**[CONDE]** A fila do Styx!<sup>119</sup>... Vamos, senhor invocador da morte, apressemo-nos um pouco.

**[BEDEL]** Pronto, cidadão... Hercule-Timoléon de Valjuzon, 40 anos, nativo de Valjuzon, anteriormente nobre, anteriormente conde, Chevalier de Saint-Louis, capitão do antigo regimento do Rei... *(faz entregar seu ato de acusação ao conde, que o dobra e coloca no bolso sem ler. Mesmo comportamento do bedel para todos os detentos.)*

**[CONDE]** Perfeitamente... Nada mais a fazer... eis aí o que chamo de extrato obituário em regra... Senhoras e senhores, mil perdões, se fiz entre os senhores uma aparição tão curta, mas acreditem que não foi por minha culpa...

**[BEDEL]** Vamos, passe adiante!... Marie-Hélène-Bathilde de Valjuzon, 42 anos, nativa de Paris, ex-nobre, ex-cônega... *(a condessa se põe em marcha para passar)* Madeleine Thévenot, 24 anos... *(Madeleine se precipita e vai passar diante da cônega)*

**[CÔNEGA]** Calma, Thévenot! É a primeira vez, minha filha, que você se permite passar à minha frente... *(Madeleine recua e a deixa passar)*

**[BEDEL]** Paul-Louis Perrin, 24 anos, nativo de Valjuzon, antes general de brigada dos exércitos da República. *(Perrin passa e se coloca perto do conde, braços cruzados)* Charles-Antoine Trudon, criado de quarto do anteriormente marquês de Coigny. *(os olhares o procuram)* Ausente? Vai ser procurado... Trophime Boussanel, 55 anos, nativo de Nîmes, e comissário nacional em Lyon. *(Boussanel ergue a cabeça do livro que estava lendo, dobra um canto da página iniciada e coloca o livro sobre uma cadeira, depois passa.)*

---

<sup>119</sup> Styx ou Estige, na mitologia grega, é uma ninfa e também um rio infernal no Hades dedicado a ela. Era filha de Tétis. Ajudou Zeus na guerra contra os Titãs e foi recompensada com uma fonte de águas mágicas que desaguavam no Tártaro.

[UM GUICHETEIRO] O senhor Trudon se matou.

[BEDEL] Gendarmes, evitem que os acusados se comuniquem... Não deixem os detentos se aproximarem... Vou subir para constatar o óbito.

[UM PRISIONEIRO] É tudo, cidadão?

[UMA MULHER] Mais ninguém, senhor bedel? *(o bedel passa sem responder)*

## Cena 8

*(os mesmos da cena anterior, exceto o bedel)*

[BLANCHE] *(que observou o bedel se afastar com uma cara de aborrecimento estúpido)* E então, e eu? e eu?... *(ela se move para se lançar no meio do grupo de detentos chamados, os gendarmes a agarram e as empurram)* – Senhores gendarmes, eu lhes imploro... Deixem-me passar... Tem um erro aí, alguém se enganou... Eu sou culpada, eu juro... Eu sou sobrinha desses dois aí... Mas sou filha deles, porque não tenho pai nem mãe... Isso não é justo, não, isso não é justo. Nos outros dias aqui, quem levava juntos os dois: a filha com sua mãe, o filho com o pai, os jovens com os velhos... Um não morreria sem o outro... O que falta para me levarem?... Meu Deus! Vão me condenar a continuar viva?

[CÔNEGA] Deus não lhe exige mais nada. Resigne-se, minha sobrinha.

[CONDE] Ah! e lá alguma vez eles tiveram piedade?

[PERRIN] Se ainda existir aqui um pingão de humanidade, cuidem dessa moçoquinha: ela precisa ser defendida de si mesma. Arrastada para longe do que está vendo, do que a faz sofrer! Poupem a ela, em nome de tudo que vocês têm de mais caro, a dilaceração das despedidas! Salvem-na! Levem-na daqui! Mas impeçam que ela estenda as mãos para nós, como se mendigasse nosso cadafalso... *(os prisioneiros rodeiam Blanche e a fazem sair para um canto do pátio)*

## Cena 9

[BEDEL] (*ressurgindo*) 1, 2, 3, 4, 5... Cinco? Não é esta a conta! Quero seis, sem o carroceiro... Vamos conferir então. (*olha a lista*) Ah! sim, é isso... eu pulei um aqui... Blanche de Valjuzon, 20 anos!

[BLANCHE] (com um gesto de loucura quase dançante) Sou eu! Sou eu! Sou eu!

[BEDEL] O que há com essa extravagante aí?

[BLANCHE] (*atirando-se nos braços do tio e da tia*) Com vocês! (*soltando-se do braço do tio e se atirando para o ouvido de Perrin; baixo*) Com você, egoísta!

[GRITOS DO LADO DE FORA] Pro tribunal! Pra guilhotina! guilhotina! guilhotina!

[CÔNEGA] Já estamos indo, canalhada!

FIM<sup>120</sup>

**Programme**  
SAISON 1888-89  
6<sup>e</sup> SOIRÉE  
Mardi 19 Mars 1889, à 8 heures 1/2 précises  
**La Patrie en danger**  
DRAME EN CINQ ACTES, EN PROSE

Le maître de village	MM. Lorry	Le chevalier de Valjean	M <sup>lle</sup> Marry
Maria	Maria	Maria de Valjean	E. Vally
Benoît	Antoine	Madame	Dessolly
Le chasseur de Mont-Morvan	André	Karol	Marley
Jouffroy Louis-Maria	Duclos	Un jeune homme	E. Dery
Marcus	Durval	Un esclave	S. Dehannel
Vogel	Dujes	Un porteur	MM. Tissot
Thouvenin	Rabier	Un domestique	Pissard
Louis	Arquillière	Un soldat	Ray
Mira	Lambert	Un soldat	Leclé
Père	Doligez	Un huissier du tribunal révolutionnaire	Grandot

Décors : MM. Maurice, Dupas, Vitarbo, Marrier,  
Gauthier, Blasen, Améist, Lafin, Collinet, Dujes, Bertrand, Vernier, Szany,  
Gendarmes, soldats, peuple.

Acte 1<sup>er</sup> Le 14 Juillet 1789  
Acte 2<sup>e</sup> La nuit du 9 Août 1789  
Acte 3<sup>e</sup> Verdun  
Acte 4<sup>e</sup> Fontenoy, près Lyon  
Acte 5<sup>e</sup> La prison de Port-Libre

De la part de Monsieur EDMOND DE GONCOURT.  
Imp. Eugène Verconsin, 108, rue de la Folie-Ménilmontant, Paris.

120 Na página seguinte, programa de Raffaëlli para a temporada da peça no Théâtre-Libre de André Antoine de 1888-1889.